

NUMMUS: REFLEXÃO CONCEITUAL E INSTITUCIONAL

por

Isaura Paiva de Sá,
Aluna do Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio
Linha 01 – Museu e Museologia

Dissertação de Mestrado apresentada à
Coordenação do Programa de Pós-
Graduação em Museologia e Patrimônio.

Orientador: Professor Doutor Ivan Coelho de
Sá

FOLHA DE APROVAÇÃO

NUMMUS: REFLEXÃO CONCEITUAL E INSTITUCIONAL

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

Prof. _____
Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

Prof. _____
Prof.^a Dr.^a Helena Cunha de Uzeda

Prof. _____
Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2020.

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

S111	<p>Sá, Isaura Paiva de NUMMUS: reflexão conceitual e institucional / Isaura Paiva de Sá. -- Rio de Janeiro, 2020. 114 f.</p> <p>Orientador: Ivan Coelho de Sá. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2020.</p> <p>1. NUMMUS. 2. Museologia. 3. Memória da Museologia. 4. História da Museologia. I. Sá, Ivan Coelho de, orient. II. Título.</p>
------	--

AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade de cursar uma pós-graduação em uma universidade pública. Todos os ensinamentos que aprendi na UNIRIO durante esses sete anos estarão comigo por toda a vida, pois me formaram como pessoa, como cidadã e como profissional. Desejo que cada vez mais jovens brasileiros tenham acesso não só a educação pública de qualidade, mas também a museus inclusivos.

À minha família, Sonia Paiva e Solange Paiva, que sempre acreditou em mim. Elas estiveram comigo em toda a minha vida, me amando, me apoiando, dividindo os momentos difíceis e as alegrias.

Ao meu orientador, Prof. Ivan Coelho de Sá, por ter me dado à oportunidade, ainda no meu primeiro período de graduação, de participar do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil. Durante a graduação e o mestrado, pude conhecer e me apaixonar pelo trabalho desenvolvido no NUMMUS. Agradeço por todo carinho, todo o comprometimento, pelo exemplo de profissional e pessoa que tive a oportunidade de conviver.

À Prof.^a Helena Uzeda, que me incentivou desde o processo seletivo no PPG-PMUS e aceitou avaliar este trabalho. Sempre solícita e carinhosa, me auxiliando com questões burocráticas do programa e com questionamentos importantes na banca de qualificação.

À Prof.^a Ana Audebert, pela disponibilidade em avaliar este trabalho, independente da distância e das datas. Agradeço por todas as bibliografias e recomendações na banca de qualificação que foram de imensa valia para a continuação da dissertação.

Ao Prof. Cícero de Almeida, pela oportunidade de realizar estágio docente na disciplina de Introdução à Museologia do curso de graduação. Poder discutir sobre plano de aulas, referências bibliográficas e maneiras de melhorar o diálogo entre professor/aluno foi muito importante para minha formação.

A todos os amigos que fiz no mestrado. Em especial Jessica Valente, Joanna Patroclo, Priscilla Moret, Poliana Martins e Raquel Villagran que dividiram comigo uma viagem de estudos muito divertida para Paraty. Discutimos sobre patrimônio, passeamos, tomamos vinho e cachaça! Foram dias incríveis que não esquecerei.

Às amigas Joanna e Poliana que compartilharam cada momento do mestrado comigo: desde a leitura em francês de textos sobre teoria museológica e a apresentação de trabalhos com memes para aliviar o peso das longas horas de aulas, até as trocas de referência, de reflexões e do cotidiano nos momentos mais solitários de escrita que enfrentamos.

Ao meu amigo, companheiro e editor Renan Henriques que me auxiliou durante toda a jornada, dividindo tardes de domingo cheias de estudo e leitura que sempre acabavam com música, séries divertidas e muito carinho. Agradeço todas as revisões ortográficas e textuais do documento de qualificação e de todas as versões desta dissertação.

RESUMO

SÁ, Isaura Paiva de. NUMMUS: REFLEXÃO CONCEITUAL E INSTITUCIONAL. 2020. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2020. 114f. Orientador: Ivan Coelho de Sá.

A dissertação analisa em termos conceituais e institucionais o Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS, que foi criado em maio de 2005, na Escola de Museologia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. A organização e a pesquisa iniciaram com o acervo histórico existente na Escola de Museologia constituído do arquivo de Fichas de Matrículas dos alunos do Curso de Museus de 1939 a 1976, dos Livros de Assentamentos de alunos desde 1932, do álbum de fotografias das formaturas ocorridas entre 1936 e 1967, do material de exposições curriculares e de monografias. No mesmo ano de criação do Núcleo, iniciou-se o estímulo a doações de coleções particulares de profissionais do campo museal, como professores, ex-professores do Curso de Museologia e museólogos que tivessem documentos para complementar o material já pertencente à Escola de Museologia. Para consolidar esse levantamento, o Projeto de Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil foi registrado na Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação - PROPGPI, da UNIRIO, e cadastrado no CNPq. Em 2012 o Núcleo foi oficializado com a aprovação do seu Regulamento, entretanto, desde o início, o NUMMUS não tem espaço físico próprio, compartilhando dependências da Universidade com outros laboratórios e salas. Este problema estrutural tende a ser resolvido com a construção do novo prédio do CCH, que incluirá um espaço adequado para receber as coleções do Núcleo e para a realização das atividades de conservação, documentação, pesquisa e comunicação de seu acervo. Analisando este cenário, a pesquisa tem como intuito refletir conceitualmente e institucionalmente sobre o NUMMUS, analisando a nova realidade em que estará inserido.

Palavras-chave: NUMMUS; Memória da Museologia; História da Museologia; Museologia.

ABSTRACT

SÁ, Isaura Paiva de. NUMMUS: CONCEPTUAL AND INSTITUTIONAL REFLECTION. 2020. Dissertation (Master's) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2020. 114s. Supervisor: Ivan Coelho de Sá.

The dissertation analyzes in conceptual and institutional terms the Nucleus of Memory of Museology in Brazil - NUMMUS, which was created in May 2005, at the School of Museology, at the Center for Human and Social Sciences - CCH, at the Federal University of the State of Rio de Janeiro - UNIRIO. The organization and the research started with the existing historical collection at the School of Museology, constituted by the file of Enrollment Forms for students of the Museum Course from 1939 to 1976, of the Student Settlement Books since 1932, of the photo album of graduations that took place between 1936 and 1967, of the material of curricular exhibitions and monographs. At the same year of creation of the Nucleus, donations from private collections of professionals of the museum's area, such as teachers, former professors of the Museology Course and museologists who had documents to complement the material already belonging to the school of Museology, started to be encouraged. Course and museologists who had documents to complement the material already belonging to the School of Museology. To consolidate this survey, the Research Project for the Recovery and Preservation of Museology Memory in Brazil was registered with the Pro-Rectorate of Postgraduate Studies, Research and Innovation - PROPGPI, from UNIRIO, and registered with CNPq. In 2012 the Nucleus was made official with the approval of its Regulation, however, since the beginning, NUMMUS does not have its own physical space, sharing the University's facilities with other laboratories and rooms. This structural problem tends to be solved with the construction of the new CCH building, which will include an adequate space to receive the Nucleus' collections and to carry out the conservation, documentation, research and communication activities of its collection. Analyzing this scenario, the research aims to reflect conceptually and institutionally on NUMMUS, analyzing the new reality in which it will be inserted.

Keywords: NUMMUS; Memory of Museology; History of Museology; Museology.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

- ABM** – Associação Brasileira de Museologia
- CCH** – Centro de Ciências Humanas e Sociais, UNIRIO
- CEPERJ** – Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro
- CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CONSEPE** – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, UNIRIO
- COREM** – Conselho Regional de Museologia
- DEMU** – Departamento de Museus do IPHAN
- DEPM** – Departamento de Estudos e Processos Museológicos
- FAMARO** – Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon
- FEFIERJ** – Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro
- FEMURJ** – Fundação Estadual de Museus dos Rio de Janeiro
- FESP** – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
- FINES** – Faculdades Integradas Estácio de Sá
- IBRAM** – Instituto Brasileiro de Museus
- ICOM** – Conselho Internacional de Museus
- IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- LADEX** – Laboratório de Desenvolvimento de Exposições
- MASP** – Museu de Arte de São Paulo
- MAST** – Museu de Astronomia e Ciências Afins
- MEC** – Ministério da Educação
- MHN** – Museu Histórico Nacional
- NUMMUS** – Núcleo de Memória da Museologia no Brasil
- NUPRECON** – Núcleo de Preservação e Conservação de Bens Culturais Violeta Cheniaux
- PNE** – Plano Nacional de Educação
- PNM** – Política Nacional de Museus
- PPACT** – Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, MAST
- PPGAPM** – Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, UFPI
- PPGMUS** – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, USP
- PPGMUSEU** – Programa de Pós-Graduação em Museologia, UFBA
- PPGMUSPA** – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UFRGS
- PPG-PMUS** – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST
- PROPGPI** – Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa e Inovação, UNIRIO
- PT** – Partido dos Trabalhadores
- REUNI** – Plano de Estruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras
- SBM** – Sistema Brasileiro de Museus

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPe – Universidade Federal de Pernambuco

UFPel – Universidade Federal de Pelotas

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIBAVE – Centro Universitário Barriga Verde

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP – Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO	01
Cap. 1 Histórico da formação em Museologia no Brasil	08
1.1 - Nacionalismo e Museu Histórico Nacional	09
1.2 - Curso de Museus e Escola de Museologia	13
1.3 - Experiências na formação em Museologia na segunda metade do século XX	24
1.4 - Anos 2000: expansão da formação	28
Cap. 2 Implantação e atuação do NUMMUS	36
2.1 - Criação informal	37
2.2 - Institucionalização	44
2.3 - Produtos e contribuições versus dificuldades	50
2.3.1 - Publicação de livros	51
2.3.2 - Exposição Museológica	53
2.3.3 - Projetos de Extensão	54
2.3.4 - Artigos publicados sobre o NUMMUS	57
2.3.5 - Artigos publicados com base referencial do NUMMUS	57
2.3.6 - Teses, Dissertações e Monografias	59
2.3.7 - Cadastro de Pesquisadores	60
Cap. 3 Discussão conceitual sobre o NUMMUS	66
3.1 - Discussões teóricas	67
3.2 - Regulamento do NUMMUS e Resolução da UNIRIO	77
3.3 - Reflexão: o que é o NUMMUS?	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

Introdução

A concepção do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS se iniciou em maio de 2005, no momento em que o Prof. Ivan Coelho de Sá assumiu a direção da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Nesse momento, foi realizado um levantamento das fontes sobre a trajetória do Curso de Museus, desde sua criação no Museu Histórico Nacional em 1932. O processo de organização e pesquisa se iniciou no acervo histórico existente na sua própria Escola de Museologia, bem como no Arquivo Setorial do Centro de Ciências Humanas e Sociais, no Arquivo Central da UNIRIO, no Núcleo de Preservação e Conservação de Bens Culturais - NUPRECON VIOLETA CHENIAUX, no Departamento de Estudos e Processos Museológicos - DEPM e no Laboratório de Desenvolvimento de Exposições - LADEX.

Depois do período inicial de coleta e organização do acervo houve a necessidade de institucionalizar o Núcleo por meio de um projeto de pesquisa que desse suporte à sua implantação e desenvolvimento. Com isto, em dezembro do mesmo ano de 2005, foi implantado o Projeto de Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil, registrado na Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação - PROPGPI, da UNIRIO, e cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. O Grupo de Pesquisa, Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil constitui duas linhas de pesquisa: História da Museologia e do Ensino e suas Implicações no Contexto Brasileiro; e Preservação das Referências sobre a Museologia no Brasil. Mesmo realizando suas atividades desde maio de 2005, o NUMMUS teve seu primeiro Regulamento aprovado em 2012. Recentemente, em 2018, com a reformulação das normas de criação de núcleos e laboratórios da UNIRIO (Resolução N° 4.707-A da UNIRIO, de 05 de outubro de 2016), o Regulamento do NUMMUS foi revisado para se adequar a esta nova situação.

Desde sua origem, o NUMMUS não possui um espaço físico próprio. A UNIRIO aderiu ao Plano de Estruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras - REUNI¹ e criou novos Cursos de Graduação, incluindo o Curso de Museologia Noturno. Como retorno do governo pela abertura de novas vagas no ensino superior, um novo

¹ BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. **Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>

prédio para abrigar o Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH foi prometido. Entretanto, por questões judiciais entre a UNIRIO e a firma responsável pela construção do prédio houve um atraso de três anos, só sendo iniciada em 2017 estando, atualmente, em fase final de execução. Essa construção abrigará novas salas de aula, bem como núcleos e laboratórios, incluindo uma sala adequada para receber as 60 coleções que atualmente compõem o NUMMUS.

São mais de 30 mil itens que integram as 60 coleções pertencentes ao NUMMUS, compostos de diversas tipologias, abrange acervo arquivístico, biblioteconômico e museológico. Conseqüentemente, o NUMMUS possui um acervo documental, ou seja, constituído de documentos convencionais, os denominados documentos planos, como impressos, manuscritos, postais e fotografias. Além de outros não planos, como diários, relatórios, panfletos, álbuns de fotografias e postais.

Somadas a esse acervo convencionalmente identificado como arquivístico, há também importantes coleções de livros que revelam as diversas áreas de atuação e estudo dos seus titulares: Museologia, História, Arte, Preservação-Conservação, Etnografia, Antropologia, Numismática, Indumentária, etc.

Igualmente importantes e numerosas são as coleções que poderíamos classificar como museológicas, constituídas normalmente de objetos tridimensionais: obras de arte como retratos emoldurados, desenhos, pinturas, gravuras e esculturas; cerâmicas, máscaras africanas, instrumentos musicais, peças de indumentária, objetos arqueológicos, entre outras.

A motivação deste trabalho advém da participação da autora no projeto de pesquisa “Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil”. Inicialmente, entre julho de 2012 e fevereiro de 2014, como bolsista de Incentivo Acadêmico - BIA, realizou atividades de organização, acondicionamento e inventário do acervo do NUMMUS. A partir de março de 2014, tornou-se bolsista de Iniciação Científica do subprojeto: “Curso de Museologia UNIRIO, 1975-2º à 1994-2º: alunos, graduandos e atuação profissional”, que tem como objetivo coletar informações sobre os alunos inscritos no Curso de Museologia, nesse período, e elaborar quadros com dados quantitativos semestrais e gerais sobre ingressantes, transferências, trancamentos, entre outros. O subprojeto também tem como objetivo levantar dados referentes aos alunos e egressos do curso, como formação e atuação profissional.

Em março de 2015, ingressou como bolsista no Projeto de Monitoria da Disciplina Museologia e Preservação IV, cujo escopo é dar suporte a essa disciplina que é oferecida regularmente no Curso de Museologia Integral e no Curso de Museologia

Noturno. No projeto, além de auxiliar nas aulas práticas da disciplina, os bolsistas também participam das atividades de tratamento técnico do acervo do NUMMUS. Tais atividades são desenvolvidas no NUPRECON VIOLETA CHENIAUX.

Desta maneira, pôde vivenciar várias etapas de trabalho no Núcleo, desde a documentação e o acondicionamento do acervo, à pesquisa nos documentos pertencentes ao NUMMUS. Pôde acompanhar o cotidiano do processo, inclusive do crescimento quantitativo do acervo e os consequentes desafios relacionados ao espaço. Esse contato despertou, primeiramente, o interesse nos procedimentos técnicos que viabilizam o projeto, desde a coleta de acervo, passando pela elaboração do Inventário, conservação, até a produção acadêmico-científica realizada tendo como base as fontes documentais disponibilizadas aos pesquisadores interessados em temas diversos sobre o campo da Museologia.

Assim, no ano de 2017, a autora concluiu a Graduação em Museologia com o tema de Trabalho de Conclusão de Curso: “10 anos do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS: Análise do processo de Musealização”. A monografia tinha como objetivo analisar o tratamento técnico do acervo, das etapas de aquisição, acondicionamento, registro e inventário, além de levantar questões teóricas sobre musealização, relacionando com as atividades exercidas pelo Núcleo.

Nesse mesmo ano, iniciou-se a obra de construção do prédio do CCH, com a destinação de um espaço para o NUMMUS. Essa oportunidade despertou a ideia dessa dissertação, pois compreendemos que uma sala própria amplia as possibilidades de atividades e atuação do Núcleo. Isso pode modificar sua relação com a Universidade e sua identidade como instituição. Considerando a importância do NUMMUS para a salvaguarda da história e da memória da Museologia brasileira, é fundamental a análise de suas relações internas.

O trabalho tem como objetivo geral discutir institucionalmente o Núcleo, refletindo sobre sua relação com a UNIRIO. Também tem como objetivo debater conceitualmente o NUMMUS, observando a atividade fim que realiza ou tem potencialidade de realizar e o tipo de instituição que pode se transformar. Para tal, o trabalho tem especificamente: o intuito de investigar o contexto em que foi criado tanto o Projeto de Pesquisa, quanto o Núcleo; explorar historicamente a criação de cursos de Museologia, em especial os cursos realizados após os anos 2000; analisar a institucionalização do NUMMUS, através de seu Regulamento; levantar dados sobre a produção acadêmico-científica realizada utilizando pesquisa no acervo da instituição; discutir conceitos museológicos e observar suas aplicações no Núcleo.

Por se tratar de uma abordagem referente à memória da Museologia, a dissertação vincula-se à Linha de Pesquisa 01 - Museu e Museologia. Esta linha de pesquisa aborda assuntos referentes ao Museu como fenômeno e a Museologia como campo disciplinar que são aplicados à dissertação: Teoria da Museologia, Museu e Sociedade, Museu: gênero, desenvolvimento e representações no tempo e no espaço.

A dissertação também relaciona-se ao projeto de pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil, coordenado pelo Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá. Este projeto que foi criado em 2005, tem por objetivo a recuperação e preservação da Memória e do Patrimônio da Museologia no Brasil, desde o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, atual Escola de Museologia da UNIRIO.

Por sua vez, o Projeto de Pesquisa relaciona-se com o NUMMUS, pois tanto este projeto quanto o Núcleo tiveram sua gênese durante o mesmo processo de reorganização do acervo pertencente à Escola de Museologia e aos demais laboratórios e departamentos que pertencem ao Curso. O processamento técnico foi importante tanto para a pesquisa, quanto para o Núcleo, pois possibilitou o acesso aos documentos e conseqüentemente à informação.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo, Histórico da formação em Museologia no Brasil, apresentará um breve panorama do ensino de Museologia no país. No item 1.1 - Nacionalismo e Museu Histórico Nacional, será observado o cenário do início do século XX, no que diz respeito ao sentimento nacionalista e a criação de identidade para a nação, culminando na criação do Museu Histórico Nacional. Em 1.2 - Curso de Museus e Escola de Museologia, será realizado um histórico do Curso de Museus do MHN e sua trajetória até o Curso de Museologia FEFIERJ/UNIRIO. O tópico 1.3 - Experiências na formação em Museologia na segunda metade do século XX abrangerá a criação do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, em 1969; do Curso de Especialização em Museologia, da Fundação Escola de Sociologia Política, criado por Waldisa Rússio Guarnieri, em atividade entre 1978 e 1992; do Curso de Especialização em Ação Educativa e Cultural em Museus, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, que funcionou entre 1982 e 1986; e o Curso de Pós-Graduação em Administração de Museus, da Universidade Estácio de Sá, ativo entre 1986 e 1992. No último item desse capítulo, 1.4 - Anos 2000: expansão da formação, serão feitas considerações acerca das políticas públicas realizadas no período para a área dos museus e no ensino da Museologia, que acarretaram na criação de novos cursos: Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE, em 2004; na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, em 2006; na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, em 2006; na Universidade Federal de Sergipe - UFS, em

2006; na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, em 2008; na Universidade Federal de Pernambuco - UFPe, em 2008; na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, em 2008; na Universidade Federal do Pará - UFPA, em 2009; na Universidade de Brasília - UnB, em 2009; na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, em 2010; na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, em 2010 e na Universidade Federal de Goiás - UFG, em 2010. Houve também a criação de cursos de pós-graduação: o Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS da UNIRIO/MAST, em 2006; o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia - PPGMUS da USP, em 2012; o Programa de Pós-Graduação em Museologia - PPGMUSEU da UFBA, em 2013, o Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia - PPACT do MAST, em 2014, o Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia - PPGAPM da UFPI em 2014 e o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPGMUSPA da UFRGS em 2016.

No segundo capítulo, Implantação e atuação do NUMMUS, concentraremos na análise do Núcleo. No item 2.1 - Criação Informal, será apresentado um histórico do NUMMUS, com cada etapa de organização e aquisição de coleções. Em 2.2 - Institucionalização, as etapas de implantação do Projeto de Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil serão levantadas, tanto quanto a análise do Regulamento Interno do NUMMUS: os artigos relacionados aos objetivos, tanto gerais, quanto específicos; as contribuições que o Núcleo se propõe a realizar; a organização e estruturação de caráter espacial e dos recursos materiais; além do perfil da equipe de trabalho; serão percorridas para inferir sobre o que fundamenta e legitima a instituição. No tópico 2.3 - Produtos e contribuições versus dificuldades, será apresentado um levantamento das pesquisas e publicações realizadas sobre o NUMMUS e também as que tiveram como fonte o acervo do Núcleo. Esse levantamento é possível pois a instituição mantém uma Ficha de Pesquisador. Em contrapartida a essas produções, serão apresentadas as dificuldades encontradas pelo Núcleo: falta de espaço físico e vencimentos próprios para sua manutenção.

No terceiro capítulo, Discussão conceitual sobre o NUMMUS, serão, de fato, discutidas questões conceituais e institucionais sobre o NUMMUS. Primeiramente, em 3.1 - Discussões teóricas, serão discutidos os conceitos de memória, coleção, arquivos pessoais, musealização e ideias sobre arquivos, bibliotecas e museus. No item 3.2 - Regulamento do NUMMUS e Resolução da UNIRIO, a relação entre UNIRIO e NUMMUS será discutida, apresentando a Resolução da Universidade sobre núcleos e

laboratórios e o Regulamento Interno do Núcleo que legitima instituição. No item 3.3 - Reflexão: o que é o NUMMUS?, uma proposta de definição do Núcleo será realizada.

CAPÍTULO 1

HISTÓRICO DA FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA NO BRASIL

1 – HISTÓRICO DA FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA NO BRASIL

1.1 – Nacionalismo e Museu Histórico Nacional

No Brasil, no final do século XIX e início do século XX, havia uma busca por afirmação da nação brasileira, principalmente depois da Proclamação da República em 1889, havendo um desejo de rompimento com os símbolos e imaginários nacionais do Império. Os anos 20 do século XX, são marcados por acontecimentos estreitamente influenciados pelo nacionalismo, principalmente em 1922, quando ocorrem a Semana de Arte Moderna², a Fundação do Partido Comunista do Brasil³, a Revolta Tenentista do Forte de Copacabana⁴, a Comemoração do Centenário da Independência e a Criação do Museu Histórico Nacional. Todos estes acontecimentos, apesar de aparentemente díspares, refletem o acirramento do nacionalismo ao mesmo tempo que contribuíram para a formação de uma identidade para a República brasileira.

Em especial, a Comemoração do Centenário da Independência, com a realização de uma Exposição Universal, foi extremamente importante neste processo de busca de identidade da nação. A comemoração ao dia da Independência é primordial para marcar a fundação da nação, entretanto o caso brasileiro é especial porque foi a única colônia americana a ter este processo de emancipação vinculado à instância colonizadora, ou seja, D. Pedro representava o próprio sistema de colonização pelos seus laços familiares. Por outro lado, devido à ausência de participação popular no golpe militar que originou a república, era importante para os primeiros republicanos legitimar o movimento perante a população e desassociar a Independência do Império, visto que o Brasil não tinha tradição republicana. Era necessário importar do período colonial, personalidades e movimentos vinculados à causa republicana. Assim, se tentou construir uma nação que tivesse outros marcos históricos e culturais que não fossem os da monarquia de origem portuguesa. Para Marly Silva da Motta: “o sete de setembro de 1922 pôde articular presente/passado/futuro ao ensejar o balanço obrigatório dos acontecimentos passados, a avaliação dos feitos presentes e a perspectiva de realizações futuras do país” (MOTTA, 1992, p. 3).

² A semana de Arte de 1922 reuniu diversos artistas como Anita Malfatti (1899-1964), Di Cavalcanti (1897-1976), Graça Aranha (1868-1931), Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954) com a intenção de criar uma nova cultura brasileira desassociada da arte acadêmica.

³ A Revolução Russa de 1917 despertou o interesse pelas teorias marxistas no proletariado brasileiro, que era anteriormente de maioria anarquista. Com a Internacional Comunista, em Moscou, e a criação de ligas e uniões no Brasil, em 1922 foi fundado o Partido Comunista do Brasil.

⁴ Divergências entre as oligarquias dominantes e o Exército se acirraram após a eleição de Artur Bernardes. Em junho de 1922, tenentes iniciaram levantes contra o governo. O Forte de Copacabana, entre outras instalações militares foram tomados pelos militares revoltosos. O movimento se estendeu pela década de 1920, culminando na Revolução de 1930.

Por meio do Decreto nº4.175, de 11 de novembro de 1920, foi determinada a realização de uma grande exposição no cronograma das comemorações da independência. Esta exposição seria importante para a república recém estabelecida flertar com os valores urbanos e industriais das nações europeias, se abrir para novos acordos políticos e comerciais, principalmente apresentando produtos brasileiros para os visitantes estrangeiros, grandes companhias comerciais e industriais e outros governos. Internamente, foi construído um novo Rio de Janeiro, com o desmonte do Morro do Castelo, uma região ligada ao período colonial, com o intuito de emergir uma cidade numa capital dita civilizada, que fosse um exemplar da ideia de nação moderna estabelecida para o Brasil no século XX.

A intelectualidade brasileira participou dos esforços para a criação da nova ideia de nação moderna para a República. Gustavo Barroso⁵, Lima Barreto⁶, Mario de Andrade⁷, Monteiro Lobato⁸, Oliveira Viana⁹, Tristão de Ataíde¹⁰, estavam comprometidos com essa necessidade (MOTTA, 1992, p. 3). Através da imprensa, Gustavo Barroso iniciara, na década de 1910, uma campanha para a criação de um museu militar, pois defendia a necessidade de guardar objetos que, na sua opinião, fossem significativos dos acontecimentos de destaque da história brasileira, uma casa de memória para o Brasil (ABREU, 1994, p.201).

Em sua campanha, escrevia artigos para jornais e revistas defendendo a criação do museu. Segundo Adolfo Dumans¹¹, no dia 25 de setembro de 1911, no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Gustavo Barroso, com o pseudônimo de João do Norte, publicou um artigo em que defendia a necessidade de um museu para guardar “objetos preciosos” alusivos à nacionalidade (DUMANS, 1942, p. 384-387). No ano de 1912, no mesmo jornal, Barroso publicou O Culto da Saudade, um artigo que também defendia a criação de um museu de história nacional, e defendia que não havia um “culto às tradições” brasileiras, além de denunciar o abandono das relíquias das cidades do Rio

⁵ **Gustavo Dodt Barroso** (1888-1959) era cearense, formou-se em direito e atuou desde os tempos da faculdade como político, escritor e jornalista. Fundou o Museu Histórico Nacional em 1922.

⁶ **Lima Barreto** (1881-1922): jornalista e escritor. Atuou na imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX, publicou como folhetim no Jornal do Comércio a obra Triste fim de Policarpo Quaresma em 1911.

⁷ **Mário de Andrade** (1893-1945): poeta, romancista, crítico de arte e literatura, pesquisador de folclore brasileiro. Idealizador da Semana de Arte de 1922, um dos principais teóricos do modernismo brasileiro.

⁸ **Monteiro Lobato** (1882-1948): editor, escritor e crítico literário. Desde a faculdade colaborava com jornais locais, destacou-se na literatura infantil, fundou editoras literárias, fundou a Companhia de Petróleo do Brasil em 1931.

⁹ **Oliveira Viana** (1883-1951): sociólogo e jurista. Publicou livros sobre os problemas sociológicos do Brasil e sobre direito. Foi consultor jurídico no Ministério do Trabalho, sendo um dos responsáveis pela legislação trabalhista dos anos 1930.

¹⁰ **Alceu Amoroso Lima**, pseudônimo: Tristão de Ataíde (1893-1983): crítico literário, jornalista e polígrafo. Foi considerado o crítico literário do modernismo. Participou da fundação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ.

¹¹ **Adolpho Dumans** (1907-1952), classificado com a tese Numismática no primeiro concurso para Conservador de Museus, dedicou-se a vida toda ao MHN.

de Janeiro e de Ouro Preto. Segundo Dumans, esses artigos sensibilizaram o Presidente Epitácio Pessoa levando-o a conversar com Barroso sobre a criação de um museu (DUMANS, 1942, p. 388).

Aproveitando o ano do Centenário da Independência e as instalações da Exposição Nacional, o presidente, em agosto de 1922, criou o Museu Histórico Nacional, entregando a organização e direção a Gustavo Barroso. Portanto, o museu é uma continuidade tanto da Exposição Nacional quanto da ideia de homenagear a nação brasileira. No museu, foi possível resgatar o passado, inclusive do período Imperial, de maneira conciliadora. Em termos de museus no Brasil, o MHN foi importante para marcar o declínio da criação dos museus ditos enciclopédicos e o apogeu dos museus de arte e história nacional. Segundo Abreu, os museus enciclopédicos tiveram seu auge entre o fim do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX. Estes museus tinham a intenção de guardar objetos de todos os conhecimentos humanos e eram instituições de ensino e produção científica, principalmente do evolucionismo (ABREU, 1994, p. 203).

No Brasil, havia, em 1920, três museus que se enquadrariam na temática enciclopédica, o Museu Nacional, fundado em 1818; o Museu Paulista, de 1893 e o Museu Paranaense Emílio Goeldi, de 1885 (ABREU, 1994, p. 203). Em 1921 foi fundado o Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora, Minas Gerais. Essa instituição pode ser considerada de característica nacional, pois reuni acervos da família imperial, animais taxidermizados, pinacoteca, biblioteca de obras raras, fotografias, objetos indígenas, entre outros. Esses objetos são provenientes da coleção particular de Alfredo Ferreira Lage¹², filho de Mariano Procópio¹³, engenheiro responsável por obras modernizadoras na região e influente junto a D. Pedro II. A sede do Museu consiste num complexo composto de um parque e dois prédios: a *Villa*, construído para receber a realeza em 1861 e o Prédio Mariano Procópio, projetado especificamente para as coleções, em 1921 (COSTA, 2011, p.46-47).

O MHN é considerado a primeira instituição de caráter histórico, e que tinha como tema a formação da nação brasileira, a partir de criação de coleções públicas. Essa construção de identidade era importante para as oligarquias que se revezavam no poder no período. A escolha de Gustavo Barroso como diretor e ideólogo do museu foi condizente com seu posicionamento de defensor de uma nacionalidade brasileira ligada

¹² **Alfredo Ferreira Lage**, (1865-1944), advogado, jornalista e fotógrafo. Fundou o Museu Mariano Procópio a partir de sua coleção particular.

¹³ **Mariano Procópio Ferreira Lage** (1821-1872), engenheiro e político. Criou na região de Juiz de Fora a Companhia União e Indústria, avenidas pavimentadas com trilhos de bonde, uma malha ferroviária e a hidrelétrica da Usina de Marmelos, considerada a primeira da América Latina.

aos grandes feitos, à história militar e buscando uma reconciliação com a tradição. Foi condizente, também, com sua carreira política, seu posicionamento favorável às elites brasileiras, seu prestígio social como jornalista e intelectual e, também, por sua aproximação com Epiácio Pessoa (ABREU, 1994, p. 203-204).

Nesse contexto, o Museu Histórico Nacional foi oficialmente criado pelo Decreto-Lei nº 15.596, de 22 de agosto de 1922 e inaugurado em 1º de outubro do mesmo ano. Essa instituição museológica brasileira direcionada à preservação da história da nação foi idealizada e organizada por Gustavo Barroso nos moldes de sua formação e concepção de Brasil (SÁ, 2007, p.15). Este ideário fica claro nas disposições do Decreto-Lei 15.596:

Considerando que será da maior conveniencia para o estudo da Historia Patria reunir os objectos a ella relativos que se encontram nos estabelecimentos officiaes e central-os em um museu, que os conserve, classifique e exponha ao publico, e, enriquecido com os obtidos por compra ou por doação ou legado, contribua, como escola de patriotismo, para o **culto do nosso passado**:

Resolve, em vista da autorização expressa no art. 3º do decreto legislativo n. 4.492, de 18 de janeiro do corrente anno, crear o Museu Historico Nacional, expedir para elle o regulamento que com este baixa, assignado pelo ministro de Estado da Justiça e Negocios Interiores, e organizar-lhe, ad referendum do Congresso, o quadro do pessoal¹⁴. (grifo nosso)

O Decreto-Lei de criação do MHN também prevê seu Regulamento. No documento consta que o diretor do museu é responsável pela aquisição de objetos para a instituição, assim Barroso foi responsável pela formação do acervo e consequente consolidação da instituição. Ele sabia da localização de objetos que seriam importantes para o museu, muitos desses pertenciam a repartições públicas e foram transferidos para o MHN por decreto presidencial. Esses objetos eram de caráter militar, objetos do período Imperial, objetos importantes na história oficial do Brasil, reforçando a ideia de reconciliação com o passado. O acervo do museu tinha a função de ensinar a população a cultivar as tradições da nação brasileira. (ABREU, 1994, p. 208 e 209).

Outro ponto importante do Regulamento é a criação de um Curso Técnico comum ao Museu Histórico, à Biblioteca Nacional e ao Arquivo Nacional para formar profissionais que atuassem nessas instituições. Entretanto, tal curso só foi concretizado em 1932, uma década após o museu ser inaugurado e com diversas modificações em relação à ideia original. Segundo Sá, a ideia deste Curso Técnico era visionária, mas

¹⁴ Decreto-Lei nº 15.596 de 22 de agosto de 1922. **Cria o Museu Histórico Nacional e aprova o seu regulamento.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15596-2-agosto-1922-568204-publicacaooriginal-91597-pe.html>>

inexequível com a realidade da época, pois não havia professores, recursos materiais e experiência museológica para sua formação e manutenção (SÁ, 2007, p.12).

1.2 – Curso de Museus e Escola de Museologia

No ano de 1930, ocorre uma revolução liderada por Getúlio Vargas com o objetivo de derrubar o sistema oligárquico representado no governo vigente de Washington Luís e impedir a posse do presidente eleito, Júlio Prestes. A revolução é consequência das mudanças ocorridas no Brasil da década de 1920: urbanização, industrialização e modernização, que propiciaram o crescimento das massas urbanas. Essa nova e expressiva parte da população, que antes não era atendida politicamente, apoiou a revolução. O movimento também ocorreu devido ao apoio do exército, principalmente dos tenentes que já tinham se revoltado contra o governo oligárquico em 1922, lutando com maior participação no poder nacional (CARVALHO, 1980, p. 110).

A República Oligárquica, acordo entre oligarquias que revezavam indicações de políticos de São Paulo e de Minas Gerais para o cargo de presidente do país, perdeu seu poder. Esta elite era agente da construção nacionalista que o Museu Histórico Nacional defendia, e apoiava Gustavo Barroso como ideólogo do museu. Por este motivo, com a Revolução de 1930, Barroso é retirado do cargo de direção do MHN. Entre 1930 e 1932, o diretor do museu foi Rodolfo Augusto de Amorim Garcia¹⁵ e em cuja gestão foi criado o Curso de Museus que já havia sido previsto no decreto de criação do MHN em 1922. No ano de 1931, Rodolfo Garcia pediu ao ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, a criação do curso:

Duas sugestões, Sr. Ministro, cabem aqui, como proposta que tenho a honra de fazer, tanto para a maior eficiência administrativa, como para a consecução dos fins culturais da nossa instituição, eminentemente educacional. Uma é referente ao “Curso de Museus”. Já apresentei a V. Ex. um projeto de decreto, que espero venha a merecer a indispensável aprovação. Fundamentei-o nos objetivos, de ordem técnica, que justificaram a criação recente do “Curso de Biblioteconomia”, da Biblioteca Nacional. O “Curso de Museus” habilitará esta repartição com um pessoal especializado, que futuramente fornecerá a administração, os funcionários que necessitar para o serviço deste Museu Histórico, ou dos congêneres institutos estaduais. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 1931 apud MAGALHAES, 2001, p. 109).

A intenção de criar o Curso de Museus é de realizar uma formação técnica capaz de gerar profissionais para as instituições e assim garantir à população o acesso à

¹⁵ **Rodolfo Augusto de Amorim Garcia** (1873-1949): professor, escritor, advogado, historiador e linguista. Diretor do Museu Histórico Nacional entre 1930-1932. Diretor da Biblioteca Nacional.

cultura e reforçar a função educacional, ligada ao “culto da saudade”, que o MHN se dispõe desde sua fundação (BRÖNSTRUP, 2012, p.5). Assim, o primeiro curso da América Latina voltado a formar profissionais para atender às necessidades técnicas de um museu é criado pelo Decreto-Lei nº 21.129, de 7 de março de 1932. Suas matrículas foram abertas entre 15 a 30 de abril e as aulas iniciaram dia 4 de maio do mesmo ano (SÁ, 2007, p.15).

Ainda no ano de 1932, em novembro, Gustavo Barroso voltou à direção do museu, permanecendo até 1959. O Curso de Museus era totalmente vinculado ao MHN e funcionava sob direção e fiscalização do Diretor do Museu, conseqüentemente sob a tutela de Barroso. O curso tinha, inicialmente, dois anos de duração e as seguintes disciplinas:

1º ano: História política e administrativa do Brasil (período colonial). Numismática (parte geral). História da arte (especialmente do Brasil). Arqueologia aplicada ao Brasil.
2º ano: História política e administrativa do Brasil (até a atualidade). Numismática (brasileira) e sigilografia. Epigrafia. Cronologia. **Técnica de museus.**¹⁶ (grifo nosso)

Os primeiros professores do Curso de Museus eram autodidatas no campo da Museologia. Todos eram técnicos do Museu e não recebiam salários específicos para ministrarem as disciplinas. Rodolfo Garcia, ainda como diretor, foi o primeiro professor de História do Brasil. Em 1933, Pedro Calmon (1902-1985), secretário do MHN, assumiu a disciplina. Calmon era advogado, político, escritor e historiador. Publicou diversos livros de história, literatura e direito. A disciplina de História da Arte, com o enfoque na Arte Brasileira, foi criada no Curso de Museus, até então só havia essa disciplina na Escola Nacional de Belas Artes, com enfoque na Arte Clássica. Joaquim Menezes de Oliva (1893-1978), chefe da 1ª Seção do Museu, estudioso de arte e cultura popular, ficou encarregado em lecionar História da Arte do Brasil (SÁ, 2007, p.16-20).

As cadeiras de Numismática e Sigilografia foram assumidas por Edgar de Araújo Romero (1884-1968), que na época era chefe da 2ª Seção do Museu. Romero era advogado, pioneiro no estudo de numismática. Em 1957 publicou dois volumes de Apostilas com o material de suas aulas: Numismática Geral. A cadeira de Arqueologia foi assumida por João Anyone Costa (1888-1954), 3º Oficial do MHN, que ocupou também o cargo de secretário do curso entre 1935 e 1936. Anyone foi pioneiro em livros didáticos de arqueologia e etnografia no país (SÁ, 2007, p.16-20).

¹⁶ Decreto-Lei nº 21.129 de 07 de março de 1932. **Cria no Museu Histórico Nacional o "Curso de Museus"**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21129-7-marco-1932-502948-publicacaooriginal-1-pe.html>>

A disciplina Técnica de Museus, idealizada por Barroso, completava o quadro de disciplinas. Na prática, era dividida em Geral, Básica e Aplicada e trabalhava os conteúdos de Museologia, Museografia e Museologia Aplicada (SÁ, 2007, p.16). A Técnica de Museus constituía o cerne do curso e serviu de inspiração para as futuras disciplinas de Museologia e Museografia. As propostas desta disciplina foram materializadas por Barroso em sua obra *Introdução à Técnica de Museus*, em dois volumes, publicados respectivamente em 1946 e em 1947. Esta publicação selecionava as referências estrangeiras da área da Museografia e dos museus, sobretudo de matriz francesa, disponibilizando-as não só para os alunos do curso, mas também para os profissionais de museus da época que usaram o livro como manual, até a década de 1970 (SÁ, 2013, p.32).

A primeira turma do curso foi composta por 26 alunos, sendo 16 deles ouvintes. Dos alunos regulares, os que completaram em 1933 foram Adolpho Dumans, Alfredo Solano de Barros¹⁷, Guy José Paulo de Hollanda¹⁸, Luiz Marques Poliano¹⁹, Maria José Motta de Albuquerque, Maria Luiza Lage, Paulo Olintho de Oliveira²⁰ e Raphael Martins Ferreira²¹. Poliano depois é incorporado ao quadro funcional do Museu. Dumans, Olintho e Solano de Barros eram funcionários do MHN antes do curso de Museus (SIQUEIRA, 2009, p. 24-25). O NUMMUS, em 2007, recebeu a doação do acervo de Adolpho Dumans, que é composta de acervo bibliográfico, documental e fotográfico.

Ao longo dos anos, a presença feminina se destaca no curso: ainda nos anos 1930, a inscrição e formatura de mulheres aumentam, consolidando-se nos anos de 1940. As conservadoras de museus conseguiram atuar em suas profissões, não apenas no MHN, mas também em outras instituições (SÁ, 2007, p.23). Algumas dessas mulheres pioneiras, como Nair de Moraes Carvalho²² e Dulce Ludolf,²³ apoiaram a criação do Núcleo de Memória com a intenção de salvaguardar a história do Curso de Museus e dos museus brasileiros e, conseqüentemente, a atuação feminina na área.

¹⁷ **Alfredo Solano de Barros** (1890-1971), advogado, funcionário do MHN desde 1932, especialista em Numismática.

¹⁸ **Guy José Paulo de Hollanda** (1913-?), advogado, historiador, bibliotecário, professor secundarista (Colégio Pedro II) e universitário (Instituto Santa Úrsula, UFRJ).

¹⁹ **Luiz Marques Poliano** (1903-?), classificado com a tese Heráldica no primeiro concurso para Conservador de Museus, nomeado Conservador no MHN.

²⁰ **Paulo Olintho de Oliveira**, Conservador do Museu Imperial, sócio fundador da ABM. Autor de artigos no Anuário do Museu Imperial e nos Anais do MHN.

²¹ **Raphael Martins Ferreira** (1903-1979).

²² **Nair de Moraes Carvalho** (1914-2018), graduou-se pelo Curso de Biblioteconomia e pelo Curso de Museus em 1936. Dedicou-se ao MHN por toda a carreira, exerceu as funções de Secretária (1941-44), Coordenadora (1944-67), Professora de Escultura (1949-77) e Chefe do Departamento de Arte (1974-77).

²³ **Dulce Cardoso Ludolf** (1921-2008), graduou-se pelo Curso de Museus (1942). Professora do Curso de Museus/Curso de Museologia de 1967 a 1989. Chefe do Departamento de Museologia (1983-84) e Coordenadora do Curso de Museologia (1984-88).

Nas décadas de 1930 e 1940, o Curso de Museus não só se consolidou na instituição, mas também passou a trazer prestígio para o museu, pois era o único polo formador para técnicos em museu, conquistando, assim, *status* de centro educativo e cultural brasileiro (SIQUEIRA, 2009, p. 27). Na Era Vargas, os museus foram utilizados como instrumento de afirmação do Estado, quando muitas instituições museológicas foram criadas nesse contexto, necessitando de profissionais tanto para o planejamento quanto para o gerenciamento dos museus. O curso do MHN formou muitos técnicos que participariam desse período da história dos museus brasileiros, levando o pensamento barroceano para instituições de todo o país. Muitos desses profissionais doaram suas coleções particulares para o NUMMUS, nas quais existem documentos, fotografias, livros e objetos que remontam a este momento de formação.

No ano de 1939, foi realizado o primeiro concurso para Conservador de Museus, promovido pelo Departamento Administrativo de Serviço Público (DASP) e os participantes eram ex-alunos do Curso de Museus, como: Adolpho Dumans, Elza Peixoto Ramos²⁴, Luiz Marques Poliano²⁵, Lygia Martins Costa²⁶, Maria Barreto²⁷, Nair de Moraes Carvalho, Octávia Corrêa de Oliveira²⁸, Regina Liberalli²⁹, Regina Real³⁰ e Yolanda Portugal³¹. Várias coleções do NUMMUS – Nair de Moraes Carvalho, Adolpho Dumans, Regina Liberalli – contam com referências a este primeiro concurso, como jornais, documentos e fotografias.

Com o passar dos anos, o curso foi se adequando às necessidades que o campo apresentava. Inicialmente, formou profissionais para o próprio MHN, mas com a criação de novos museus, precisou se tornar um curso generalista com o intuito de atingir outras temáticas de museus. A Reforma de 1944 foi a primeira grande reformulação, consolidando o caráter original de curso superior, pois os diplomas passaram a ser

²⁴ **Elza Peixoto Ramos** (1902-?), graduou-se pelo Curso de Museus em 1937. Museóloga no MNBA (1940-71), na qual foi Chefe da Seção Técnica e Diretora-Substituta.

²⁵ **Luiz Marques Poliano** (1903-?), graduou-se pelo Curso de Museus em 1933. Classificado com a tese *Heráldica* no primeiro concurso para Conservador de Museus, tornou-se especialista em *Heráldica*.

²⁶ **Lygia Guedes Martins Costa** (1914), graduou-se pelo Curso de Museus em 1939. Trabalhou no Museu Nacional de Belas Artes e no IPHAN, onde dirigiu a Divisão de Estudos e Tombamento (1972-80). Foi Delegada do Brasil na Mesa Redonda de Santiago (1972).

²⁷ **Maria Torres de Carvalho Barreto**, graduou-se pelo Curso de Museus em 1939. Classificada no primeiro Concurso para Conservador de Museus com a tese *A Circulação do Ouro em Pó e em Barra*. Trabalhou no MNBA.

²⁸ **Octávia Corrêa de Oliveira** (1908-1998), graduou-se pelo Curso de Museus em 1938. Trabalhou no MHN até aposentar-se em 1978. Foi chefe do Departamento de Técnica de Museus (1966-75).

²⁹ **Regina Liberalli Laemmert** (1915-2007), graduou-se pelo Curso de Museus em 1937. Artista Plástica, participou de vários salões nacionais. Classificada no primeiro Concurso para Conservador de Museus com a tese *Conservação e Restauração de Obras de Arte*.

³⁰ **Regina Monteiro Real** (1901-1969), graduou-se pelo Curso de Museus em 1937. Trabalhou no Museu Nacional de Belas Artes e no Museu Casa de Rui Barbosa. Auxiliou a organização de Congressos Nacionais de Museus (1956, 1959, 1962 e 1965). Fundadora e primeira presidente da ABM (1963).

³¹ **Yolanda Marcondes Portugal** (1903-?), graduou-se pelo Curso de Museus em 1937. Classificada no primeiro Concurso para Conservador de Museus com a tese *Períodos da História Monetária Brasileira*. Chefe da Seção de Numismática e Professora de Numismática do Curso de Museus (1954-73).

registrados pela Diretoria do Ensino Superior e foi aprovado um novo Regulamento³². Para ingressar no curso, era necessário prestar um vestibular com provas de História Geral, História do Brasil, Geografia do Brasil e tradução de textos em duas línguas, os candidatos podiam escolher entre alemão, francês, inglês ou italiano. Quem já tivesse diploma de ensino superior ficava isento deste vestibular. (SIQUEIRA, 2009, p. 29-30).

O novo Regulamento contou com outras modificações: o curso passou a ter três anos de duração com duas opções de especializações, uma em Museus de História e outra em Museus de Arte. Nos dois primeiros anos do curso, todos os alunos cursavam a Parte Geral, isto é, as disciplinas que eram comuns às duas habilitações. No terceiro ano, na Parte Especial, os alunos realizavam uma habilitação. No mesmo Regulamento também é criado o cargo de Coordenador do curso, subordinado diretamente ao Diretor do Museu. A Prof.^a Nair de Moraes Carvalho foi a primeira coordenadora e exerceu essa função por 23 anos, até 1967 (SÁ, 2007, p. 26). Em sua coleção no NUMMUS, há diversos itens referentes à sua atuação de Coordenadora no Curso de Museus, como documentos internos, artigos para jornais e fotografias, destes podemos salientar a tradução que elaborou do documento produzido pela Conferência de Atenas, de 1931, atualmente conhecido como Carta de Atenas, consistindo na primeira versão, para o Português, deste importante marco documental da legislação de Preservação. Além disso, há também um Relatório de 1946, elaborado por ela por ocasião de uma visita de estudos às instituições museológicas americanas com informações sobre as questões de educação em museus na época, bem como fotografias e documentos sobre as excursões do Curso de Museus aos estados de Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Paraná e Ceará.

Outra conquista da Reforma de 1944 foi a implantação das bolsas de estudos. As primeiras bolsas concedidas ocorreram em 1942, mas com o Regulamento de 1944 a prática foi oficializada. As bolsas eram oferecidas a alunos de outros estados, preferencialmente funcionários públicos que já trabalhavam em instituições museológicas e culturais e que eram indicados pelos Governos dos Estados a que pertenciam. As bolsas eram concedidas para melhorar a formação profissional dos que já trabalhavam nos museus, com o patrimônio e a cultura. O aluno bolsista recebia o transporte do seu estado de origem para o Rio de Janeiro, capital federal até 1960, e um valor mensal para sua manutenção na cidade. Entre 1942 a 1969, foram oferecidas

³² Decreto nº 16.078, de 13 de julho de 1944. **Aprova o Regulamento do Curso de Museus a que se refere o Decreto-lei n.º 6.689, de 13 de julho de 1994.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto16078-13-julho-1944-461459-publicacaooriginal-1-pe.html>>

64 bolsas de estudos, sendo que 15 destes alunos bolsistas não completaram o curso (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 21).

No período entre 1945 a 1969, excursões de estudo passaram a ser oferecidas regularmente, tendo sido previstas também pela Reforma de 1944. As viagens eram realizadas em cidades históricas do Brasil, com o intuito de aproximar os alunos do cotidiano do trabalho com os museus e com o patrimônio histórico e artístico de várias regiões do país. O local escolhido e a programação eram discutidos entre a direção do MHN, a coordenação, os professores e os alunos. Estes eram acompanhados por alguns professores e os alunos deveriam fazer relatórios sobre as cidades visitadas. Estas excursões foram importantes porque colocaram os alunos em contato com a realidade de museus e monumentos históricos e artísticos fora da cidade do Rio de Janeiro. Nesses 24 anos de Excursões de Estudo foram visitados os estados Amapá, Bahia, Brasília, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo (SIQUEIRA, 2007, p.38). No acervo do NUMMUS existe um farto material documental e iconográfico sobre estas excursões, como as coleções, Anamaria Rego de Almeida³³, Ecylla Castanheira Brandão³⁴, Marcia Bibiani³⁵, Maria Augusta Machado³⁶, Nair de Moraes Carvalho e Geraldo Pitaguary³⁷.

O Curso de Museus, desde sua criação, esteve atrelado aos acontecimentos internacionais no campo dos museus e da cultura. Gustavo Barroso representava o Brasil junto ao *Office International des Musées* - OIM, e recebia todas as publicações deste organismo, inclusive as revistas *Mouseion*, cujos artigos consistiram numa das principais referências ao texto “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração”, do primeiro volume da Introdução à Técnica de Museus.

Após a II Guerra Mundial, os países se recompunham politicamente, criando em 1945 a Organização das Nações Unidas, a ONU. Na área dos museus, diretores de

³³ **Anamaria Rego de Almeida**, graduou-se em Museus Artísticos (1968) e em Museus Históricos (1969), pelo Curso de Museus. Graduou-se em História pela UEG, atual UERJ, em 1969. Graduou-se em Arquivologia pelo Arquivo Nacional, 1972. Foi museóloga do MHN.

³⁴ **Ecylla Castanheira Brandão** (1926-2014), graduou-se pelo Curso de Museus (1953). Chefe da Seção Técnica do MNBA (1967-72); Chefe da Divisão do Museu da República, do MHN (1973-77). Coordenadora Substituta do Programa Nacional de Museus - Fundação Nacional Pró-Memória (1982-85). Diretora Adjunta do MNBA (1985-90) e Diretora do MHN (1990-94). Professora da disciplina Pintura e Gravura, do Curso de Museus - MHN (1964-73).

³⁵ **Marcia Silveira Bibiani**, graduou-se em Museus Históricos, 1969. Foi Museóloga do Museu do Primeiro Reinado. Atualmente é Diretora Tesoureira do COFEM.

³⁶ **Maria Augusta Freitas Machado da Silva** (1915-2011), graduou-se pelo Curso de Museus, 1947. Trabalhou no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro e no Museu Villa-Lobos. Dedicou-se aos estudos de Cultura Negra, Religiosidade, Arte Popular e Ex-votos.

³⁷ **Geraldo Pitaguary** (1908-1989), bacharel em Direito pela UFMG (1929-32), graduou-se pelo Curso de Museus em 1944. Conservador das Coleções Etnográficas do Serviço de Proteção ao Índio (1949-50). Museólogo do Museu Nacional (1973-88).

instituições da Bélgica, dos EUA, da França, da Holanda, da Inglaterra e da Suíça se organizaram para a criação de um conselho para os museus. Os diretores desses museus convidaram outros diretores de museus de todo o mundo para participar da criação do ICOM - Conselho Internacional de Museus, que, na prática, sucedem ao antigo OIM como órgão internacional dos museus. No Brasil, os diretores do Museu Nacional e do Museu Nacional de Belas Artes receberam convites para participar do Conselho, no entanto, na primeira reunião do conselho, que ocorreu no Museu do Louvre, em novembro de 1946, o Brasil foi representado por Mario Barata³⁸, egresso do Curso de Museus, que estava estudando História da Arte em Paris com bolsa do governo francês. (CRUZ, 2008, p.5-8).

No ano de 1948, foi criado, no Brasil, o Comitê Nacional do ICOM, depois conhecido como Organização Nacional do ICOM – ONICOM, atual ICOM-BR. A criação desta organização contou com a participação direta de duas ex-alunas, Lygia Martins Costa e Regina Real. Essas museólogas, que trabalhavam no MNBA, receberam a comunicação inicial do ICOM convidando o diretor do museu para participar do Conselho. O diretor deste museu, Oswaldo Teixeira³⁹, se tornou o primeiro presidente do comitê nacional. Convidou Gustavo Barroso, do MHN, Heloísa Alberto Torres⁴⁰, do Museu Nacional, e Alcindo Sodré⁴¹, do Museu Imperial, para serem vice-presidentes da organização (CRUZ, 2008, p.8-10). O Comitê tinha como objetivo principal aproximar-se do campo dos Museus visando a atualização técnica dos museus brasileiros. Diversas coleções do NUMMUS contam com acervo referente ao Comitê Nacional do ICOM e à participação de museólogos brasileiros no ICOM.

O ano de 1951 foi muito importante para o Curso de Museus. Ainda sob a Direção de Gustavo Barroso, com intermédio de Pedro Calmon, o curso obtém Mandato Universitário. Calmon, um dos pioneiros do Curso de Museus, desempenhar, o cargo, na época de Reitor da Universidade do Brasil, atual UFRJ, e auxiliou o curso a receber o Mandato, sendo uma etapa importante na caminhada do curso para o meio universitário. O curso não adquiriu recursos extras após a concessão do Mandato, nem deixou de funcionar no MHN, mas os diplomas e certificados passaram a ser expedidos pela Universidade do Brasil (SÁ, 2007, p.30).

³⁸ **Mario Antônio Barata** (1920-2007), formou-se no Curso de Museus em 1940. Graduado também em Ciências Sociais, Filosofia, Didática da História, História da Arte na *Université Paris-Sorbonne*, com bolsa do governo francês. Conservador do MHN, do MNBA e do SPHAN. Professor do Curso de Museus, MHN.

³⁹ **Oswaldo Teixeira** (1905-1974), pintor, professor, crítico e historiador de arte. Diretor do MNBA entre 1937 e 1961.

⁴⁰ **Heloísa Alberto Torres** (1895-1977), antropóloga, uma das primeiras mulheres funcionária do Museu Nacional. Diretora do MN entre 1938 e 1955.

⁴¹ **Alcindo Sodré** (1895-1952), advogado, médico, político, jornalista. Foi o primeiro diretor do Museu Imperial.

Em 1956, com o intuito de discutir o papel dos museus na sociedade, por iniciativa da ONICOM, ocorreu o I Congresso Nacional de Museus, na cidade de Ouro Preto. O congresso contou com a presença de diversos profissionais de museus, além de professores e profissionais formados pelo Curso de Museus, como F. dos Santos Trigueiros⁴², que trabalhou na organização, além de Regina Real, Elza Peixoto, Jenny Dreyfus⁴³, Lygia Martins Costa, Orlandino Fernandes⁴⁴, Regina Liberalli, Ecylla Castanheira Brandão e Carmen Quadros, dentre outros. A Coleção Regina Liberalli possui uma interessante documentação sobre este primeiro congresso, inclusive o material distribuído e vários recortes de jornais. Na Coleção Carmem C. Quadros⁴⁵, consta o trabalho “O Museu e a Biblioteca”, apresentado pela museóloga, e na Coleção Ecylla Brandão, podemos encontrar o trabalho apresentado sobre comunicação em museus, além de várias fotografias.

O II Congresso Nacional de Museus, também promovido pela ONICOM, ocorreu na cidade de Salvador, Bahia, em 1962, e, a partir das discussões, foi apresentada a ideia de criação de uma associação para congregar os profissionais de museus e trabalhar pela regulamentação da profissão. As Coleções Regina Liberalli e Therezinha Moraes Sarmiento têm documentação referente a esse Congresso. No ano seguinte, em 1963, foi criada, no Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Museologia, a ABM, cuja primeira presidente foi a ex-aluna do Curso de Museus, Regina Real. A ABM passou a congregar profissionais e a discutir problemas enfrentados pelos que trabalhavam em museus e outras instituições culturais, além de promover cursos e eventos. As coleções Therezinha de Moraes Sarmiento e Neusa Fernandes fornecem um importante acervo, não somente sobre a ABM propriamente dita, mas também sobre todo o processo de regulamentação da profissão de museólogo.

No ano de 1966 houve outra Reforma Curricular: foi criada a disciplina Metodologia de Pesquisas Museológicas, entretanto, a duração do curso continuou a ser de três anos e a estrutura se manteve. Respondendo à solicitação de discentes dos

⁴² **Florisvaldo dos Santos Trigueiros**, formou-se em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia (1948). Graduiu-se pelo Curso de Museus em 1951. Participou da implantação do Museu do Banco do Brasil - Rio de Janeiro (1954-55) e do Museu de Valores do Banco Central do Brasil, de Brasília (1972), do qual foi diretor até 1975.

⁴³ **Jenny Dreyfus** (1905-1986), graduou-se pelo Curso de Museus em 1939. Trabalhou na Seção de História do MHN (1942-45), a qual chefiou (1948-54). Participou da implantação e foi chefe da Seção Museu da República (1960-73). Foi professora de Artes Menores, Filatelia e Sigilografia do Curso de Museus.

⁴⁴ **Orlandino Seitas Fernandes** (1926-1987), graduou-se pelo Curso de Museus em 1944. Trabalhou no Museu da Inconfidência de Ouro Preto, no qual foi diretor (1959-73). Em 1973 passou a ser Conservador do IPHAN no Rio de Janeiro. Especialista em Arte Sacra e Aleijadinho.

⁴⁵ **Carmen Corrêa Quadros** (1922-2012), graduou-se pelo Curso de Museus em 1941 e pelo Curso de Biblioteconomia em 1950. Especializou-se em Heráldica na PUC-RJ. Trabalhou no Arquivo do Museu Nacional entre 1943-49. Em 1954 passou a dirigir a Biblioteca do MHN. Chefe da Seção de Biblioteca e Mapoteca da Divisão de Documentação do MHN (1960).

anos anteriores, o estágio é oficializado no MHN. Outra importante conquista da Reforma de 1966, foi a criação de departamentos, inclusive do Departamento de Técnicas de Museus, que em 1974 será transformado em Departamento de Museologia. A partir desta reforma os diplomas passam a se referir aos formandos como museólogos e não mais conservadores de museus. Na Coleção de Nair de Moraes Carvalho, há diversos documentos sobre o funcionamento do Curso de Museus neste período.

Na década de 1970, ocorreram transformações radicais no campo da Museologia e, conseqüentemente, no Curso de Museus. Profissionais de museus e estudiosos de todo o mundo discutiram o papel dos museus à serviço da sociedade. Diferente da visão de um museu ideologicamente atrelado às elites, a instituição deveria ser um instrumento de pesquisa, comunicação e ação para o desenvolvimento geral, sendo ele cultural, social ou econômico (VARINE, 1988, p. 33). Esse movimento aprova um museu inserido nas mudanças sociais ocorridas na década, defendendo a identidade de comunidades não representadas pelos museus até então, contando com maior participação da sociedade nos museus.

O marco para essa nova maneira de pensar a Museologia é a Declaração de Santiago. A Mesa Redonda de Santiago ocorreu em maio de 1972 e contou com profissionais de museus da América Latina, inclusive do Brasil. Lygia Martins Costa foi delegada do Brasil na Conferência, tendo proferido uma palestra sobre a realidade dos museus no Brasil e participado da formulação do texto da Declaração.

No Brasil, o Curso de Museus estava voltado para um perfil de museu tradicional, elitizado e essas discussões em torno de conceitos como Nova Museologia, Ecomuseu e Museu Integral influenciaram uma nova estrutura curricular para discutir os temas. Em 1970, durante a direção do MHN de Leo Fonseca e Silva⁴⁶, o curso passa a ter outra habilitação, em museus científicos. Essa habilitação formou dez discentes: Benedito Antonio de Souza⁴⁷, Catarina Eleonora Ferreira da Silva⁴⁸, Cristina Maria Vieira Rabello⁴⁹, Jurena Porto Neumann⁵⁰, Lais Scutto⁵¹, Manoel Vital Fernandes Ferreira⁵²,

⁴⁶ **Leo Fonseca e Silva** (1927-1997), graduou-se no Curso de Museus em 1962. Oficial da marinha, economista e professor. Especialista em história naval. Nomeado pela junta militar como diretor do MHN entre 1967-1970.

⁴⁷ **Benedito Antonio de Souza**, graduou-se no Curso de Museus em 1970, na seção de Museus Científicos e em 1971, na Seção de Museus Históricos.

⁴⁸ **Catarina Eleonora Ferreira da Silva**, graduou-se na Seção de Museus Científicos em 1970, funcionária do IPHAN, cursou Mestrado e Doutorado em Arqueologia na França.

⁴⁹ **Cristina Maria Vieira Rabello**, graduou-se em Museus Científicos em 1970 e em Museus Artísticos em 1972.

⁵⁰ **Jurena Porto Neumann**, graduou-se em Museus Científicos em 1970 e em Museus Artísticos em 1972. Trabalhou na Fundação Museu Casa de Rui Barbosa.

⁵¹ **Lais Scutto**, graduou-se em Museus Históricos, em 1969 e em Museus Científicos, em 1970. Museóloga da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, criando o Museu Postal da ECT. Foi a organizadora e primeira Presidente do Conselho Federal de Museologia - COPEM.

⁵² **Manoel Vital Fernandes Ferreira**, restaurador, graduou-se em Museus Científicos em 1970.

Maria Ângela Fiúza Dias Pinto⁵³, Reginaldo Rodrigues Guimarães⁵⁴, Tereza Cristina Moletta Scheiner⁵⁵ e Vera Lúcia de Azevedo Siqueira⁵⁶. (SIQUEIRA, 2009, p. 50). No ano de 1973, o curso adotou o sistema de créditos e o método de entrada mudou, passando a ser através do vestibular da CESGRANRIO (SIQUEIRA, 2009, p.53).

A reforma de 1974 teve impacto na renovação dos professores, ex-alunas como Maria de Lourdes Naylor Rocha⁵⁷, Celma Franco⁵⁸ e Tereza Scheiner se tornam docentes. A disciplina Técnica de Museus foi desmembrada em diversas disciplinas de Museologia e Museografia. As habilitações deixaram de existir e o curso passou a oferecer uma formação geral em Museologia com duração de quatro anos, para um desenvolvimento mais interdisciplinar dos alunos. Em 1977, o nome do Curso de Museus mudou oficialmente para curso de Museologia e foi absorvido pela Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro - FEFIERJ:

Art. 1º. O Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, criado pelo Decreto nº 21.129, de 7 de março de 1932, e reestruturado pelo Decreto-lei nº 6.689 de 13 de julho de 1944, fica transferido para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro.
Art. 2º. O Ministério da Educação e Cultura assegurará, através de convênios, a permanência do Curso de Museus em área atual do Museu Histórico Nacional, até que haja condições de sua efetiva transferência para instalações da FEFIERJ.⁵⁹

Mesmo com a transferência do Curso de Museus para a FEFIERJ, por não haver condições físicas de abrigar as salas de aula, laboratórios e outras instalações necessárias para o desenvolvimento do curso, o Museu Histórico Nacional se manteve como sede por mais dois anos, até 1979. Durante o período em que o Curso de Museus

⁵³ **Maria Ângela Fiúza Dias Pinto**, funcionária pública, graduou-se em Museus Científicos em 1970, e em Museus Artísticos, em 1971.

⁵⁴ **Reginaldo Rodrigues Guimarães**, graduou-se em Museus Históricos, em 1969 e em Museus Científicos em 1970. Médico pela Faculdade de Medicina da Bahia.

⁵⁵ **Tereza Cristina Moletta Scheiner**, formou-se pelo Curso de Museus em 1970 na Seção de Museus Científicos e em 1972 na Seção de Museus Históricos. Graduou-se em Geografia pela UERJ, 1974. Mestrado e Doutorado em Comunicação pela ECO/UFRJ. Professora do Curso de Museus – MHN/Escola de Museologia – UNIRIO. Fundadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST.

⁵⁶ **Vera Lúcia de Azevedo Siqueira**, graduou-se em Museus Científicos, em 1970. Foi bolsista do Curso de Conservação Preventiva, no Instituto do Patrimônio Histórico Espanhol - Madrid, 1996. Atuou na Secretaria de Cultura do Distrito Federal, de 1991 a 2004.

⁵⁷ **Maria de Lourdes Naylor Rocha**, graduou-se em Museus Artísticos, em 1969, graduou-se em Direção Teatral pela UFRJ. Mestre em Teatro Educação, pela Universidade de Nova Iorque. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro - PPGT-UNIRIO. Professora do Curso de Museologia entre 1975-88. Participou da implantação, juntamente com a Prof.^a Tereza Scheiner e a Prof.^a Celma Thereza Franco, das cadeiras de Exposição Curricular e do LADEX.

⁵⁸ **Celma Thereza Franco**, graduou-se em Museus Artísticos, em 1970. Professora de Museologia e História da Arte. Ajudou a implantar o LADEX, foi Chefe do DEPM, entre 1987 e 1990. Também trabalhou em diversos museus, como MHN, Museus da Escola Naval, Museu Casa Oliveira Vianna.

⁵⁹ Decreto nº 79.723, de 24 de maio de 1977. **Transfere para a Federação das Escolas Federais isoladas do Estado do Rio de Janeiro o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-79723-24-maio-1977-428637-publicacaooriginal-1-pe.html>>

funcionou no MHN, ou seja, de 1932 a 1979, foram formados 758 museólogos⁶⁰. Em 1979, a FEFIERJ se tornou Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO⁶¹ e o curso foi transferido para o prédio do Centro de Ciências Humanas - CCH, localizado à Rua Xavier Sigaud, no bairro da Urca. A partir deste ano, o curso passou a ser completamente independente do MHN. Atualmente, o prédio do CCH está localizado no Campus Urca, na Avenida Pasteur, onde foi instalado em 1997. Desde 2017, um novo prédio para expansão do Centro está sendo construído, pois o prédio sede não tem mais capacidade espacial de receber os cursos pertencentes ao CCH.

No fim da década de 1970 e nas décadas de 1980 e 1990, o Curso de Museologia foi se consolidando como um curso universitário. Desde 1975, já haviam sido incorporadas exposições experimentais realizadas pelos discentes do curso, mas foi no ano de 1979, com a implantação do Laboratório de Desenvolvimento de Exposições - LADEX, que a realização desta atividade curricular passou a ter o apoio necessário. No acervo do NUMMUS, há documentos sobre as exposições realizadas pelos alunos do curso, inclusive as atuais. Menos de uma década depois, em 1986, outro laboratório foi criado para subsidiar as aulas práticas no âmbito na Conservação e para a realização de outros cursos para a melhor formação dos alunos e profissionais. Trata-se do Núcleo de Preservação e Conservação de Bens Culturais - NUPRECON, idealizado pela professora Violeta Cheniaux⁶², em 1986, importante conquista do campo da Museologia para a área da preservação como um todo, por ter sido o primeiro laboratório específico em Conservação Preventiva no Brasil. Em 1997, o laboratório foi denominado NUPRECON VIOLETA CHENIAUX, em homenagem à sua criadora. Atualmente, grande parte das coleções do NUMMUS está alocada no NUPRECON, pois o Núcleo não tem espaço físico próprio.

Em 1985, as disciplinas do Centro de Ciências Humanas passaram a ser organizadas em novos Departamentos. Nesse ano, é criado o Departamento de Estudos e Processos Museológicos, o DEPM. A departamentalização propiciou que houvesse modificações nos currículos dos cursos de todo o CCH (SÁ, 2007, p. 39). No ano de 1991, para completar essa nova fase do Curso de Museologia, foi criada a Escola de Museologia, vinculada à Decania do CCH.

⁶⁰ SÁ, Ivan Coelho; SÁ, Isaura Paiva. Curso de Museologia UNIRIO, 1979 à 1994: alunos, graduados e atuação profissional. In: **14ª Jornada de Iniciação Científica, 2015, Rio de Janeiro. Livro de Resumos da 14ª Jornada de Iniciação Científica**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. p. 780-781.

⁶¹ Lei nº 6.555, de 05 de junho de 1979. **Transforma a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro - FEFIERJ em Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-979/lei-6655-5-junho-1979-365777-publicacaooriginal-1-pl.html>>

⁶² **Violeta Cheniaux**, graduou-se no Curso de Museus em 1978. Se especializou em Conservação de Bens Culturais. Mestrado em Administração de Centros Culturais, CCH/UNIRIO, 1991. Professora do Curso de Museologia, fundou o NUPRECON.

Entre 1995 e 1996, Tereza Scheiner, então diretora da Escola de Museologia, coordenou uma nova reforma curricular, implantada em 1997. Nessa reforma, o curso passou a contemplar disciplinas de Ciências Naturais, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Ciência da Informação, tornando o currículo compatível com a realidade acadêmica interdisciplinar, com uma visão holística do patrimônio cultural e natural (SÁ, 2007, p. 39).

A Escola de Museologia da UNIRIO passou ainda por mais duas reformas curriculares, uma aprovada no ano de 2008, em que se mobilizou a comunidade museológica para readequar o currículo à realidade do campo e outra em 2010, quando foi criado o Curso Noturno de Museologia. Essas reformas serão contextualizadas no item 1.4 Anos 2000: Expansão da formação.

1.3 – Experiências na formação em Museologia na segunda metade do século XX

Nas décadas de 1930 e 1960, o Curso de Museus do MHN foi a única experiência na formação de profissionais para o trabalho em Museus. Mesmo com o oferecimento de bolsas de estudos para funcionários de museus de outros estados do Brasil, o curso do Rio de Janeiro não era suficiente para suprir as necessidades museológicas brasileiras. Em 1962, durante evento na Universidade Federal da Bahia - UFBA, Rodrigo Melo Franco de Andrade⁶³, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, defendeu a necessidade de criação de um curso para museus no âmbito universitário (COELHO, 2015, p. 85-86).

O Curso de Museologia da UFBA foi criado no ano de 1969. Durante o processo, dois departamentos da universidade pleitearam a vinculação do curso: a Escola de Belas Artes e o Departamento de História. Em 1970, com forte influência do arqueólogo e historiador da arte, Valentin Calderón⁶⁴, o curso foi vinculado ao Departamento de História e instalado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (SANTOS, 2008, p. 186).

No início do curso, com o apoio do Prof. Calderón, alunos da UFBA puderam realizar estágios em museus norte-americanos. O convênio ocorreu entre a

⁶³ **Rodrigo Melo Franco de Andrade** (1898-1969), advogado, escritor e jornalista. Fez carreira pública, sendo indicado por Mario de Andrade para a direção do SPHAN, criado em 1937. Permaneceu na direção da instituição até 1967, dedicando sua vida a preservação do patrimônio cultural brasileiro.

⁶⁴ **Valentín Rafael Simon Joaquín Calderón de La Vara** (1920-1983), espanhol, arqueólogo e historiador da arte. Professor do Instituto de Cultura Hispânica da UFBA. Primeiro coordenador do Curso de Museologia da UFBA, em que nunca ministrou disciplinas. Tem vasta produção bibliográfica relativa à Espanha e ao Brasil.

universidade e o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, e os museus priorizados durante o estágio eram os de Ciência e Tecnologia para habilitar os alunos a auxiliar a criação de um museu dessa categoria em Salvador. Segundo Maria Célia Santos, que participou do projeto, os museus visitados foram Franklin Institute, da Philadelphia; Carnegie Museum of Natural History, de Pitsburg; Henry Francis du Pont Winterhur Museum, de Delaware, Museum of History and Technology, do Smithsonian Institution Washington (2008, p.12).

A princípio, não havia professores especializados para as disciplinas de Museologia na UFBA, sendo necessária a contratação de profissionais formados pelo Curso de Museus do MHN: Lucia Bittencourt Marques de Oliveira⁶⁵, professora da disciplina de Técnica de Museus I, e Luiz Fernando Fernandes Ribeiro⁶⁶, professor das disciplinas Técnica de Museus II e III e Estágio de Museologia III. Em 1974, egressas do curso da Bahia, passaram a ser colaboradoras as museólogas Silvia Athayde⁶⁷ e Maria Célia Santos⁶⁸ (COELHO, 2015, p. 91).

A primeira reforma curricular do curso ocorreu em 1979, com o intuito de aumentar a quantidade de disciplinas de Museologia. Depois desta reforma, também passaram a ser oferecidas duas habilitações: Museus de História e Museus de Arte (SANTOS, 2008, p. 186). Para atender à demanda de professores, outros museólogos formados pelo curso foram contratados: Antônio Oliveira Rios, Osvaldo Gouveia Ribeiro e Valdete Celino Paranhos. Na década de 1980, o Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE foi implantado, cujo projeto é de Valentin Calderón, com participação dos docentes do Curso de Museologia. O processo de implantação do museu foi consolidador para o curso (COELHO, 2015, p. 93).

A regulamentação da profissão de Museólogo, ocorrida em 1984, gerou novas discussões sobre o perfil profissional e a relação dos museus com a sociedade. No curso da UFBA, foi realizado um seminário com participações de museólogos egressos do próprio curso para uma avaliação do perfil da graduação. Essas discussões culminaram numa reforma curricular em 1989 e, mais tarde, em 1991, na criação do

65 **Lucia Bittencourt Marques de Oliveira** (1919-?), graduou-se no Curso de Museus em 1956. Licenciada em Educação pela UFRJ, 1950. Bacharel em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pela Santa Úrsula/PUC, em 1959. Especialista em Arte Sacra, dedicou-se aos museus e a museologia.

66 **Luiz Fernando Fernandes Ribeiro** (1948-?), graduou-se no Curso de Museus na Seção de Museus Artísticos em 1971. Trabalhou na FIOCRUZ.

67 **Silvia Athayde**, graduou-se em museologia pela UFBA, foi professora do curso entre 1973 e 1997, sendo coordenadora e vice coordenadora entre 1974 e 1976. Assumiu em 1991 a direção do Museu de Arte da Bahia, permaneceu no cargo até 2015.

68 **Maria Célia Moura Santos**, graduada em museologia (1973), mestre em Educação (1981) e doutora em Educação (1995), pela UFBA. Professora do Curso de Museologia da UFBA, entre 1974 e 1997; da UFG, entre 2000 e 2002; da USP, entre 1999 e 2005. Professora da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, de Portugal. Atualmente é pesquisadora ligada a UFBA, nas áreas de museologia, museus, gestão, educação e comunicação.

Departamento de Museologia (SANTOS, 2008, p. 194). A última reforma do curso foi implantada em 2011, incluindo disciplinas obrigatórias e optativas, além da defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso (TANUS, 2013, p. 81).

Em 1975, no Rio de Janeiro, a Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon – FAMARO – ofereceu um curso de ensino superior em Museologia. No ano de 1978, esse curso foi transferido para as Faculdades Integradas Estácio de Sá - FINES. O Curso de Museologia funcionou até 1995, quando os alunos foram transferidos para a Escola de Museologia da UNIRIO (COSTA, 2018, p. 5949).

Na cidade de São Paulo também houve experiências de formação em Museologia nos anos 1970 e 1980. Anteriormente a esse período, em 1965, Walter Zanini⁶⁹ e Ulpiano Bezerra de Menezes⁷⁰ realizaram uma proposta de criação de uma pós-graduação em Museologia na Universidade de São Paulo, que seria instalada no Instituto de Arte e teria relação com os museus pertencentes à Universidade: Museu de Arte Contemporânea, Museu de Arte e Arqueologia e Museu Paulista. Essa proposta foi apresentada no IV Congresso Nacional de Museus, realizado no MHN, em 1965 (COELHO, 2015, p. 95-96).

A proposta de Zanini e Menezes nunca foi realizada, a pós-graduação em Museologia só se concretizou com o projeto de Waldisia Rússio Guarnieri⁷¹. A fundadora do curso teve aproximação com a área de museus através da gestão administrativa que exerceu na cultura do Estado de São Paulo. Em sua formação acadêmica, na Escola de Pós-Graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, articulou Sociologia e Museologia, defendendo a interdisciplinaridade na formação em Museologia (COELHO, 2015, p.96-99). Em 1977, foi convidada pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - FESP e pelo Museu de Arte de São Paulo - MASP, para realizar a pós-graduação que inicialmente seria chamada de Museologia e Arte (GOUVEIA, 2018, p 130).

⁶⁹ **Walter Zanini** (1925-2013), professor, historiador, crítico de arte e curador. Primeiro diretor do Museu de Arte Contemporânea da USP (1963-1978). Fundador do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da USP, em 1970 e da Pós-Graduação em Artes, em 1974).

⁷⁰ **Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes** (1936), professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e da Pós-Graduação em História Social da USP. Dirigiu o Museu Paulista/USP, entre 1989 e 1994 e o Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, entre 1968 e 1978. Membro do Conselho do IPHAN, desde 2005. Pesquisador nas áreas de História Antiga, cultura material, cultura visual, patrimônio cultural, museus e museologia.

⁷¹ **Waldisia Rússio Guarnieri** (1935-1990), formada em Direito pela USP, em 1959. Mestre (1977) e Doutora (1980) pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Dedicou-se a gestão cultural no Estado de São Paulo e na década de 1970, aproximou-se da Museologia, coordenando diversos projetos de implantação de museus. Foi mentora e principal docente da pós-graduação de Museologia da FESP (1978-1993).

A Pós-Graduação em Museologia tinha três especializações *lato sensu* com duração de um ano para cada uma delas: 1º ano: a função humanizadora dos pequenos museus nos países em desenvolvimento. A conquista de novos públicos: a criança. 2º ano: a função social e humanística dos Museus de Arte e dos Museus de História nos países em desenvolvimento. 3º ano: a prospectiva dos museus de Ciência, Indústria e Técnica nos países em desenvolvimento. (COELHO, 2015, p.100-101). A realização dos três módulos habilitava os alunos a apresentar a dissertação e concluir o curso, conforme os moldes da FESP (SANTOS, 2008, p. 187).

Waldisa Rússio, além de mentora, foi coordenadora e professora do curso. As museólogas formadas pelo Curso de Museus do MHN: Fernanda Camargo-Moro⁷², Lourdes Maria Martins do Rego Novaes⁷³, Lucia Bittencourt Marques de Oliveira e Solange Godoy⁷⁴ foram professoras das disciplinas ligadas a Museologia e Museografia (COELHO, 2015, p.112). Em 1978 as aulas do curso começaram, o convênio com o MASP durou apenas dois anos e o curso pleiteou a criação de um departamento ou instituto próprio, que ocorreu em 1984: Instituto de Museologia. O curso funcionou até por volta de 1993 (SANTOS, 2008, p. 192).

Na UNRIO, entre 1982 e 1986, funcionou a especialização em Ação Educativa e Cultural em Museus, que posteriormente foi modificada para Administração de Centros Culturais. A especialização envolveu professores da Escola de Museologia: Anaildo Baraçal⁷⁵, Celma Franco, Gabriella Pantigoso⁷⁶, Liana Ocampo⁷⁷, Maria de Lourdes

⁷² **Fernanda Camargo-Moro** (1933-2016), graduou-se pelo Curso de Museus em 1956. Doutora em Arqueologia Romana, 1973, e Pós-doutora em Arqueologia ambiental (1985-1990). Professora do Curso de Museologia do MHN, entre 1968 e 1971; da Escola Internacional de Museologia de Bogotá – Colômbia, entre 1978 e 1980. Atuou em diversos projetos culturais, auxiliando na criação de museus. Atuou no ICOM, rearticulando a representação brasileira, entre 1977 e 1987.

⁷³ **Lourdes Maria Martins do Rego Novaes**, formou-se no Curso de Museus em 1956. Especializou-se em Museus Históricos e Artísticos, Arte e Civilização grega, documentação e pesquisa museológicas, segurança e prevenção de patrimônio cultural, documentação e treinamento em Museologia. Teve forte atuação na FUNARJ e no ICOM.

⁷⁴ **Solange de Sampaio Godoy**, formou-se pelo Curso de Museus em 1961. Graduiu-se em História pela PUC-RJ, 1974. Mestrado em História Social da Cultura, PUC-RJ, 2004. Como museóloga trabalhou no MHN, sendo diretora da instituição entre 1985 a 1989.

⁷⁵ **Anaildo Bernardo Baraçal**, graduou-se em Estudos Sociais pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Don Domênico, em 1975. Graduiu-se em Museologia pela UNIRIO, em 1979. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2008. Doutor em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2015. Professor de Teoria Museológica e Comunicação da Escola de Museologia/UNIRIO.

⁷⁶ **Maria Gabriella Pantigoso**, formou-se pelo Curso de Museus em 1961. Especializou-se em Antropologia Social. Professora do Curso de Museologia - MHN/FEFIERJ/UNIRIO entre 1969 e 1975. Museóloga da Fundação Nacional Pró-Memória, desde 1984.

⁷⁷ **Liana Ocampo**, graduou-se pelo Curso de Museus em 1973. Especialização em Metodologia do Ensino Superior, pela FGV, em 1978. Especialização em Educação Brasileira, pela UERJ, em 1981. Mestre em Educação pela UERJ, em 1984. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da UNIRIO.

Parreiras Horta⁷⁸, Maria Eliza Carrazzoni⁷⁹, Mario Chagas⁸⁰, Sônia Gomes Pereira⁸¹, e Teresa Scheiner, entre outros. (SÁ, 2007, p.40).

Além desses cursos de pós-graduação, outros foram criados nesse período: o curso de especialização em Administração de Museus, da Universidade Estácio de Sá, que esteve ativo entre 1986 e 1992 no Rio de Janeiro (ECHTERNACHT, SÁ, 2017, p. 173), a especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, USP/CEMMAE, que funcionou entre 1999 e 2005 e a especialização em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.41).

1.4 – Anos 2000: expansão da formação

No início dos anos 2000, o Brasil passou por transformações socioeconômicas que repercutiram em políticas públicas para a área dos museus e da Museologia. No ano de 2002, Luíz Inácio Lula da Silva⁸² foi eleito presidente do país, começando seu governo em 2003. O plano governamental do governo do Partido dos Trabalhadores - PT trouxe a cultura para a agenda social e para as políticas públicas. O Estado passou a ter papel central na formulação, gestão e financiamento das políticas culturais, utilizando-se delas para ampliar o acesso à cidadania e a incorporação de diversos grupos sociais no plano de governo.

A mudança política na área da cultura iniciou ainda em 2003, quando foi lançada a Política Nacional de Museus - PNM, no Dia Internacional de Museus, 18 de maio, no Museu Histórico Nacional. A Política Nacional de Museus foi elaborada com a

⁷⁸ **Maria de Lourdes Parreiras Horta**, graduou-se pelo Curso de Museus em 1965. Doutora em Museologia pela Universidade de Leicester, Inglaterra, em 1992. Trabalhou em diversos museus, entre eles Museu Nacional de Belas Artes e Museu Imperial. Trabalhou na Fundação Nacional pró-Memória entre 1986 e 1990.

⁷⁹ **Maria Eliza Carrazzoni**, técnica em Assuntos Educacionais do MEC entre 1953 e 1961. Graduou-se no Curso de Museus em 1963. Trabalhou no Museu da República no Setor de Educação, no Museu Histórico Nacional como Chefe da Seção de História Literária. Foi diretora do Museu Nacional de Belas Artes entre 1970 e 1976. Auxiliou a criação de instituições museológicas em todo o país.

⁸⁰ **Mario de Souza Chagas**, graduou-se em Museologia em 1979. Graduou-se em Ciências pela UERJ, 1980. Mestrado em Memória Social pela UNIRIO, 1977 e doutorado em Ciências Sociais pela UERJ, 2003. Professor da Escola de Museologia. Atualmente é diretor do Museu da República. Tem experiência no campo da Museologia e da museografia, com ênfase na Museologia social, nos museus sociais e comunitários, na educação museal e nas práticas sociais de memória, política cultural e patrimônio.

⁸¹ **Sônia Gomes Pereira**, graduou-se pelo Curso de Museus em 1967. Curso de Aperfeiçoamento Conservation of Antiquities, no Museu Britânico, 1969. Mestrado em História da Arte pela University of Pennsylvania, EUA, entre 1974-76. Doutorado em Comunicação e Cultura, pela ECO-UFRJ, entre 1984-92. Pós-Doutorado no Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS, França, 2000-01 (bolsista CAPES). Professora do Curso de Museus, a partir de 1968, e do Curso de Museologia - UNIRIO, até 1994. Pesquisadora, especializou-se em História da Arte e Arquitetura, com ênfase em Arte Brasileira do Século XIX, Academismo, Urbanismo e História do Rio de Janeiro.

⁸² **Luíz Inácio Lula da Silva**, político, ex-sindicalista e ex-metalúrgico. Fundador do Partido dos Trabalhadores. Foi presidente do Brasil entre 2003 e 2011.

participação de várias entidades ligadas à Museologia, às universidades, secretarias estaduais e municipais de cultura e diversos profissionais com atuação relevante na área (RANGEL, 2010, p.129).

A PNM tinha como objetivo:

[...] promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes, e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do País (BRASIL, 2003, p.8).

Após a Política Nacional de Museus, outros marcos estruturantes foram criados, como o Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - DEMU/IPHAN, o Sistema Brasileiro de Museus - SBM, o Estatuto de Museus e o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM (MORAES, 2009, p.60).

O DEMU foi responsável pelas ações voltadas para o campo museológico. O departamento era dirigido por José do Nascimento Junior⁸³, e teve a participação ativa de museólogos como Cícero de Almeida⁸⁴, Marcio Rangel⁸⁵ e Mario Chagas. A criação de um departamento para os museus dentro do IPHAN foi importante para o fortalecimento das instituições museológicas ligadas ao Instituto e também serviu como um embrião do IBRAM. Seu modelo de gestão se estruturou em três instrumentos de operação: em instrumentos institucionais, relacionados com a organização do setor museológico; em instrumentos de fomento, aqueles dos dispositivos políticos e administrativos voltados para a revitalização dos museus; e em instrumentos de democratização que tentavam distribuir mais igualmente as oportunidades entre diversas instituições pelo país (IBRAM, 2010, p.29-30).

O Sistema Brasileiro de Museus foi criado pelo decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004 e regulamentado pelo decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. O SBM tem como finalidade promover uma rede entre os museus brasileiros para a comunicação e articulação, buscando uma gestão integrada com o intuito de

⁸³ **José do Nascimento Junior**, Cientista Social, Mestre em Antropologia Social, Doutor em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST). Coordenou e implantou a Política Nacional de Museus, entre 2003 e 2013, sendo diretor do DEMU (2003-2009) e primeiro presidente do IBRAM (2009-2013).

⁸⁴ **Cícero Antonio Fonseca de Almeida**, graduou-se em Museologia em 1983. Mestrado em Memória Social, UNIRIO, 1999. Doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/Fundação Getúlio Vargas. Museólogo do IBRAM. Professor do Curso de Museologia da UNIRIO. Tem em colecionismo e coleções musealizadas, história dos museus, fotografia e teoria museológica.

⁸⁵ **Marcio Rangel**, graduado em Museologia pela UNIRIO em 1995, mestre em Memória Social e doutor em História da Ciência. Pesquisador do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Professor da Escola de Museologia da UNIRIO e do PPG-PMUS UNIRIO/MAST.

desenvolver e fortalecer as instituições. O Sistema e o Cadastro Nacional de Museus criaram um circuito de relações entre museus. O Cadastro foi iniciado em 2005, recolhendo informações atualizadas sobre os museus brasileiros (IBRAM, 2010, p. 43-45).

Para consolidar a Política Nacional de Museus foi instituído o Estatuto de Museus por meio da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Esta lei estabeleceu princípios fundamentais dos museus: valorização da dignidade humana, promoção da cidadania, cumprimento da função social, respeito e valorização da diversidade cultural e intercâmbios institucionais. As funções primordiais dos museus também foram destacadas na lei: preservação, conservação, restauração, segurança do acervo, estudo e pesquisa e realização de ações educativas.

Complementando as ações implementadas no contexto da PNM, foi criado Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM em 20 de janeiro de 2009, através da Lei nº 11.906, substituindo o DEMU. Esta autarquia específica para os museus, com autonomia administrativa e financeira, diretamente vinculada ao MinC, foi importante para a consolidação do PNM. De maneira prática, o IBRAM incorporou os deveres e obrigações relacionados aos museus federais que eram do IPHAN.

A mudança de direcionamento das políticas culturais também foi implementada nas políticas educacionais. Em 2001, foi aprovado, pela lei nº 10.172, o Plano Nacional de Educação - PNE, que tem como objetivos melhorar o ensino no país, reduzir as desigualdades sociais e regionais no acesso à educação, elevar o nível da escolaridade da população e valorizar os professores e demais profissionais de educação.

Em 2007, foi instituído o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades - REUNI, através do decreto nº 6.096. Seu objetivo era ampliar o acesso, permanência e conclusão do ensino superior, diminuindo a evasão de alunos, ocupando vagas ociosas e aumentando o número de vagas. O programa também incentivou a mobilidade estudantil, para uma melhor formação dos graduandos; ampliou políticas de assistência para os estudantes e propôs uma revisão da estrutura acadêmica, com reorganização dos cursos.

No ano de 2006, na Escola de Museologia da UNIRIO, foi elaborado um Projeto de Reformulação Curricular do curso para se readequar a essa nova realidade do campo. O projeto foi elaborado por Cícero de Almeida, Ivan Coelho de Sá⁸⁶ e Mario

⁸⁶ **Ivan Coelho de Sá**, graduou-se em Museologia em 1986. Graduou-se em História da Arte pela UFRJ. Mestrado e Doutorado pelo PPGAV, da EBA/UFRJ. Professor e atual diretor da Escola de Museologia. Tem experiência nas áreas de História e Memória da Museologia, Preservação-Conservação de Bens Culturais e História da Arte, com ênfase na metodologia acadêmica e na pintura brasileira do século XIX.

Chagas, e contou com a participação de organismos de classe como o Conselho Regional de Museologia - COREM, e a ABM. Outro participante foi o Diretório Acadêmico de Museologia da UNIRIO, que atuou aplicando um questionário para os alunos. A Reforma Curricular, aprovada em 2008, pautou-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação determinadas pelo Ministério da Educação - MEC, em 2001 e teve o intuito de equilibrar as disciplinas teóricas e práticas do curso atendendo a comunidade acadêmica e a profissional (ALMEIDA; SÁ; CHAGAS, 2006, p. 43-46).

No âmbito do ensino em Museologia, vários cursos de graduação foram criados com o suporte do REUNI. Houve uma sintonia entre este programa e as políticas públicas para os museus, pois a ampliação do acesso à educação possibilitou a criação de cursos de Museologia em todas as regiões brasileiras. Esses novos cursos passaram a formar museólogos que são agentes do processo de difusão da cultura.

O Curso de Museologia do Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE, iniciado em 2004, foi o único criado em uma instituição privada. A UNIBAVE está localizada na cidade de Orleans, em Santa Catarina, sua graduação de Museologia está relacionado ao Museu ao Ar Livre da cidade. No currículo do curso prevalecem as áreas de comunicação museológica e história (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.58). Desde 2016 não há a abertura de novas turmas no curso (ISOLAN, 2017, p. 126).

Em 2006, foi criada a graduação em Museologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Pelotas é uma cidade com importante patrimônio histórico que, desde a década 1990, intensificou as atividades patrimoniais e culturais, gerando a necessidade de profissionais com formação na área. Favorecendo a criação do curso, há dois museus vinculados a UFPel: o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, ligado ao Centro de Artes, e o Museu de História Natural Carlos Ritter, do Instituto de Biologia. O curso foi criado vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e inicialmente contou com aulas ministradas por professores da UNIRIO: Cícero de Almeida, Ivan Coelho de Sá e Mario Chagas (ISOLAN, 2017, p. 107-109). As disciplinas de comunicação museológica e de história da arte também prevalecem no currículo do curso (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.58).

O Curso de Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB foi criado em 2006. Seu início ocorreu junto com a Universidade e o curso está vinculado ao Centro de Artes, Humanidades e Letras. O campus do CAHL está localizado na cidade de Cachoeira estrategicamente, já que a cidade é tombada pelo IPHAN. No projeto acadêmico desta graduação a maior concentração de carga horária está nas disciplinas de arte e história da arte. (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.59).

Na Universidade Federal de Sergipe - UFS, foi criado, em 2006, o Curso de Museologia, cujas instalações estão localizadas na cidade de Laranjeiras, devido ao conjunto patrimonial do município. O projeto pedagógico abrange principalmente disciplinas de comunicação museológica, projeto, TCC e estágio (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.59)

A Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS criou em 2008 um Curso de Museologia, ligado ao Departamento de Ciência da Informação. A proposta pedagógica inicial do curso foi desenvolvida pelos professores de CI, articulando disciplinas comuns aos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Em 2015 houve reformulação curricular para inserir disciplinas de Teoria Museológica (ISOLAN, 2017 p. 117-118).

No Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPe, em 2008, foi criado o Curso de Museologia, para suprimir a demanda de Pernambuco por profissionais da área. A principal característica do curso é sua aproximação com a Antropologia, já que a proposta inicial foi realizada por professores dessa área junto com profissionais do Museu do Homem do Nordeste. Dessa reunião nasceu o Departamento de Antropologia e Museologia. (ISOLAN, 2017, p.110-111). O curso também é oferecido no turno da noite e tem habilitação em Museologia Social, devido a isso a carga horária do curso está concentrada em teoria museológica, antropologia e comunicação museológica.

Em 2007, a UNIRIO aderiu ao REUNI favorecendo a criação do Curso Noturno de Museologia. Assim, em 2010, foi elaborada uma alteração curricular para adaptar o curso para que os dois turnos tivessem as mesmas cargas horárias e disciplinas:

As alterações curriculares pontuais promovidas por esta revisão referem-se basicamente à diminuição da carga horária de algumas disciplinas, da fusão ou remanejamento de conteúdos, da eliminação de uma única disciplina (Seminário – Museus, Museologia e Pesquisa na Contemporaneidade), bem como da conversão em optativa de uma disciplina obrigatória (Museus, Cultura e Sociedade). Tais alterações já vinham sendo apontadas por professores e discentes desde a implantação da atual Matriz Curricular em 2008 (SALADINO; ALMEIDA; SÁ; CHAGAS, 2010, p.28).

O Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, foi iniciado em 2008, está vinculado ao Departamento de Museologia, relacionado diretamente à Reitoria da universidade. Foi o primeiro curso de graduação em Museologia oferecido no turno noturno, no Brasil. A localização da UFOP, nas cidades históricas de Mariana e Ouro Preto e os museus pertencentes à Universidade – Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas e Museu da Escola de Farmácia – foram

fatores que colaboraram com a criação do curso. A elaboração da proposta curricular foi realizada pela museóloga, Prof.^a Yara Mattos⁸⁷, pelo Prof. Antônio Luciano Gandini⁸⁸, diretor do Museu de Ciência e Técnica na época e pelo Prof. Gilson Antônio Nunes⁸⁹, Coordenador Executivo do Sistema de Museus da Prefeitura de Ouro Preto. As disciplinas de comunicação museológica e história se destacam no currículo da instituição (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.61).

Na Universidade Federal do Pará - UFPA, em 2009, foi criado o único Curso de Museologia da Região Norte do país. O curso pertence ao Instituto de Ciência da Arte, que reúne a Faculdade de Artes Visuais e Museologia, a Escola de Música e a Escola de Teatro e Dança. A primeira ideia do curso aconteceu em 1990, com o apoio do ICA, mas só 19 anos depois, com o REUNI, a proposta pode ser realizada. (ISOLAN, 2017, p.129). No projeto pedagógico do curso, disciplinas de arte e história da arte tem maior carga horária (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.62).

Em 2009 foi criado, na Universidade de Brasília - UnB, o Curso de Museologia. Diferente dos outros cursos criados nesse período, a ideia de criação nasceu no DEMU, encaminhando a proposta à Universidade. (ISOLAN, 2017, p. 117-120) O curso está vinculado ao Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação. As disciplinas de comunicação museológica e documentação e história prevalecem no curso (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.62).

O Curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC teve início no ano de 2010, da relação entre o Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral com os Departamentos de Antropologia e de História da universidade. Desde os anos 1990 havia a intenção, entre os Departamentos e o Museu, de criar um curso na área. Nos primeiros anos, a graduação tinha majoritariamente disciplinas desses dois departamentos, porém em 2013 foi criada a Coordenadoria

⁸⁷ **Yara Matos**, graduou-se na Seção de Museus Artísticos do Curso de Museus em 1971. Especialização em Arqueologia pela Universidade Santa Úrsula, em 1972. Doutora em Ciências Pedagógicas pelo Instituto Central de Ciências Pedagógicas, UFOP/ICCP, Cuba, 1998-2004. Professora de Museologia e Patrimônio da Escola Técnica Federal de Ouro Preto entre 1999 e 2001. Desde 2005 é professora da UFOP do Departamento de Turismo, posteriormente do Departamento de Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia.

⁸⁸ **Antônio Luciano Gandini**, graduado em Engenharia Geológica pela Escola de Minas (1982), mestrado em Geociências (Mineralogia e Petrologia) pelo Instituto de Geociências pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado em Geociências (Mineralogia e Petrologia) pela Universidade de São Paulo (1999). Professor da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

⁸⁹ **Gilson Antônio Nunes**, graduado em Engenharia Civil pela Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2002), Especialização em Ensino de Astronomia - UFOP (2003) e mestrado em Engenharia de Materiais pela REDEMAT/CETEC-UEMG-UFOP (2006). Professor do Departamento de Museologia da Escola de Direito Turismo e Museologia da UFOP. Tem experiência em Museologia na Gestão de Museus e Sistemas de Museus.

Especial de Museologia que centralizou a estrutura do curso, concebendo em 2015, um novo projeto curricular (ISOLAN, 2017, p. 114-116).

A Escola de Ciência da Informação em parceria com a Escola de Belas Artes, ambas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, criaram o Curso de Museologia em 2010. O projeto pedagógico foi elaborado em 2008 com disciplinas comuns com os cursos de Arquivologia e Biblioteconomia. Algumas adaptações de currículo foram realizadas para inserir conteúdo específico de Museologia. A maior concentração de disciplinas é em documentação museológica, seguida de comunicação museológica (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.64).

Na Universidade Federal de Goiás - UFG, em 2010, outro Curso de Museologia foi criado, vinculado à Faculdade de Ciências Sociais. O curso está ligado ao Museu Antropológico da UFG, que é o principal laboratório para as disciplinas práticas. A professora Manuelina Duarte Cândido⁹⁰ participou da formação da proposta curricular do curso junto com professores da área de Antropologia (ISOLAN, 2017, p. 112-114). A graduação tem caráter generalista e oferece vagas predominantemente no turno noturno. Se destacam as disciplinas de teoria museológicas e áreas de comunicação (OLIVEIRA, COSTA, NUNES, 2012, p.62).

Além dos cursos de graduação, também foram criadas as primeiras pós-graduações *stricto sensu* em Museologia. Em 2006, o Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS foi iniciado na UNIRIO. O programa é realizado em parceria desta universidade com o Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST. O PPG-PMUS foi o primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* da América Latina. Idealizado por Tereza Scheiner, o programa é o único com doutorado cuja primeira turma ingressou em 2011.

Entre 2009 e 2013 funcionou o curso *latu sensu* da Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia - PPACT, do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST. Esse curso foi antecessor do mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia do mesmo museu, criado em 2014. Esse mestrado profissional tem por objetivo capacitar profissionais para a preservação de acervos de ciência e tecnologia.

⁹⁰ **Manuelina Maria Duarte Cândido**, graduada em história pela Universidade Estadual do Ceará, Mestre em Arqueologia pela USP, Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Coordenou o Núcleo de Ação Educativa do Centro Cultural São Paulo, dirigiu o Museu da Imagem e do Som do Ceará e o Departamento de Processos Museais do IBRAM. Professora do Curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

A segunda pós-graduação stricto sensu implantada no país é Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia - PPGMUS da Universidade de São Paulo - USP, que começou no ano de 2012. O programa foi criado a partir da articulação entre os museus da USP: Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE, Museu de Arte Contemporânea - MAC, Museu Paulista - MP e Museu de Zoologia - MZ.

Um ano depois, em 2013, teve início o Programa de Pós-Graduação em Museologia - PPGMUSEU da Universidade Federal da Bahia - UFBA, vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. O objetivo do curso é desenvolver academicamente os profissionais da região para o estudo do patrimônio cultural.

Em 2014, o mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia - PPGAPM da Universidade Federal do Piauí - UFPI, foi criado. O programa caracteriza-se como transdisciplinar, com o objetivo de capacitar profissionalmente para atender o desenvolvimento da sociedade local.

Desde os anos 1990, no estado do Rio Grande do Sul, algumas experiências na formação em Museologia haviam sido realizadas, mas sem continuidade. Em 2016, professores do Curso de Graduação em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação se organizaram para criar o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

CAPÍTULO 2

IMPLANTAÇÃO E ATUAÇÃO DO NUMMUS

2 – IMPLANTAÇÃO E ATUAÇÃO DO NUMMUS

2.1 - Criação informal

O projeto que deu início ao Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS começou em maio de 2005, na primeira gestão do Prof. Ivan Coelho de Sá como diretor da direção da Escola de Museologia. A ideia do projeto foi realizar uma memória do Curso desde sua criação no Museu Histórico Nacional, sendo o primeiro passo do trabalho a elaboração de um levantamento histórico relativo ao campo da Museologia. A implantação do projeto foi fundamental para a preservação de referências da Museologia, pois muitos documentos oriundos do MHN, do Curso de Museus, estavam guardados na Escola de Museologia sem tratamento técnico adequado. Estes documentos e outros objetos que posteriormente incorporaram o Núcleo são importantes signos das memórias da Museologia, sobre o ensino e prática da profissão e da atuação nos Museus. A preservação destas referências possibilita que, atualmente, sejam utilizados para estudos e pesquisas.

Para a realização do levantamento dos materiais, formou-se uma equipe de voluntários liderada pelo Prof. Ivan Coelho de Sá e constituída majoritariamente de alunos. A equipe de discentes era formada por Aline Rocha⁹¹, Ana Luísa Mello Nascimento⁹², Graciele Karine Siqueira⁹³, Henrique de Vasconcelos Cruz⁹⁴, Luciene Pereira da Veiga⁹⁵, Maria Paula Cruvinel⁹⁶, Monique Magaldi⁹⁷, Raquel Barbosa da Silva⁹⁸, Sílvia Regina Pereira de Sousa⁹⁹ e outros. Assim, foi deflagrado o processo de

⁹¹ **Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2006. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2009. Doutora em Ciências (Geologia) pela UFRJ, 2014. Museóloga no Museu da Geodiversidade da UFRJ. Professora Colaboradora do PPG-PMUS/UNIRIO/MAST.,

⁹² **Ana Luísa Mello Nascimento**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2005. Pós-Graduação em História Social da Arte, PUC-PR, 2013. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. Museóloga no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR.

⁹³ **Graciele Karine Siqueira**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2005. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2009. Museóloga no Museu de Arte da UFC, desde 2008.

⁹⁴ **Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2005. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2014. Museólogo no Museu do Homem do Nordeste da FUNDAJ, desde 2007.

⁹⁵ **Luciene Pereira da Veiga**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2006. Especialista em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, MAST, 2011. Museóloga do Museu Aeroespacial da FAB, desde 2010.

⁹⁶ **Maria Paula Gonçalves Cruvinel**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2009. Museóloga na Empresa Mnemosine, SP.

⁹⁷ **Monique Batista Magaldi**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2005. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2010. Doutoranda em Ciência da Informação pela UnB. Desde 2011 é professora do Curso de Graduação em Museologia da UnB.

⁹⁸ **Raquel Barbosa da Silva**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2005. Especialista em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, MAST, 2010. Mestranda em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST. Atualmente é Técnica em Assuntos Educacionais do Museu Murilo Mendes, UFJF.

⁹⁹ **Sílvia Regina Pereira de Sousa**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2008. Museóloga na Construtora Carvalho Hosken do Rio de Janeiro.

organização do acervo histórico existente na Escola de Museologia, no Departamento de Estudos e Processos Museológicos - DEPM, no Laboratório de Desenvolvimento de Exposições - LADEX e no Núcleo de Preservação e Conservação de Bens Culturais - NUPRECON VIOLETA CHENIAUX (ECHTERNACHT; SÁ, 2017, p. 608).

Cada um desses espaços precisou de uma reestruturação organizacional e espacial. O LADEX constitui um caso particular por encontrar-se numa situação precária em virtude de sua transferência do local onde situava-se, no primeiro piso, ao lado do Salão de Exposições, para o subsolo do prédio. Essa mudança foi determinada pelo então reitor, Pietro Novellino¹⁰⁰, no ano de 2000, para instalar a Educação à Distância nos espaços situados no primeiro piso. Ao ser transferido para o subsolo, abaixo dos sanitários do Auditório Paulo Freire, o LADEX sofreu sucessivas infiltrações provenientes de vazamentos das instalações hidráulicas, inclusive de águas servidas. Após cinco anos submetido a essa situação, o acervo do laboratório encontrava-se comprometido, motivo pelo qual o processo de organização de seu acervo, mais do que tudo, representou não somente num trabalho de levantamento e documentação, mas de salvamento de referências importantíssimas que estavam em vias de serem totalmente perdidas, como as pastas contendo os projetos e relatórios das exposições curriculares, desde 1975 até os anos 1990. Após a higienização, identificação e acondicionamento em pastas de polipropileno, esse acervo foi transferido para um armário de aço do DEPM, onde se encontra até a atualidade. Na organização foi elaborado um mapeamento de toda as exposições curriculares desde 1975, contendo título, local de realização, data de inauguração e período de exibição.

Outro passo importante no sentido de organizar as referências documentais do Curso consistiu no trabalho de reacondicionamento das monografias (TCC), implantadas desde o início da década de 1980 e que se encontravam guardadas em caixas de papelão em estado precário de conservação, e dispostas sobre os arquivos do DEPM. Nesse caso, as monografias foram higienizadas, identificadas, remanejadas para caixas de polipropileno e guardadas em armário de aço também no DEPM. A partir dessa primeira organização, a Prof.^a Avelina Addor¹⁰¹ deu continuidade a esse trabalho, elaborando o levantamento completo dos TCCs, atividade que se estende até a hoje através do Projeto de Extensão Memórias Monográficas da Escola de Museologia.

¹⁰⁰ **Pietro Novellino**, italiano, graduou-se em Medicina (1957) e obteve o Doutorado em Clínica Cirúrgica Geral (1972) pela Faculdade Nacional de Medicina (atual UFRJ). Professor de Cirurgia da UFRJ e da UNIRIO, foi reitor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro entre 2000 e 2004. Presidente da Academia Nacional de Medicina: 2003-2005, 2009-2011 e 2013-2015.

¹⁰¹ **Avelina Addor**, graduou-se em Ciências Sociais pela UFRJ, em 1971. Mestre em Educação pela UFRJ, em 1990. Doutorado em andamento, em História pela UFRJ. Professora do Curso de Museologia da UNIRIO desde 1978. É coordenadora do Projeto de Extensão Memórias Monográficas da Escola de Museologia, desde 2005.

A Escola de Museologia também foi reformada, seu espaço foi reorganizado e reorganizado. Os alunos passaram a ter uma sala de convivência própria, com computadores para desenvolvimento de trabalhos. Outra área ficou destinada à secretaria, espaço destinado aos Técnicos Administrativos atenderem as demandas dos alunos. A Escola ainda conta com o gabinete para a direção e sala de reuniões para o colegiado do curso. Em todas as dependências da Escola foi elaborada uma memória visual com fotografias de diversos momentos da história do Curso e da Museologia. Há quadros com reproduções fotográficas de formaturas, aulas, excursões, exposições, congressos, seminários, fóruns, etc. Há ainda quadros com uma memória de todos os diretores e coordenadores do Curso, bem como de gerações docentes das décadas de 1930, 1940, 1950, 1960 e 1970. Essa memória visual foi organizada como uma exposição, todas as imagens contam com legendas e identificações e estão expostas permanentemente (ECHTERNACHT; SÁ, 2017, p.611).

O acervo coletado inicialmente era constituído de documentos e fotografias do Curso, muitos oriundos do Museu Histórico Nacional. Todas as antigas fichas de alunos, no período de 1939 a 1976, estavam na Escola de Museologia e puderam ser resgatadas. Essas fichas são fundamentais para a identificação de pessoas que se inscreveram no Curso de Museus. Os Livros de Assentamentos de alunos desde 1932 também estão entre os documentos iniciais. Esse material é importante para a confirmação de dados pessoais e acadêmicos dos alunos do curso, pois se trata de um dossiê do discentes, inclusive dos bolsistas estaduais consistindo numa fonte frequentemente consultada por pesquisadores de todos os estados. O álbum de fotografias das formaturas ocorridas entre 1936 e 1967, foi igualmente incorporado ao NUMMUS e todas as imagens foram identificadas tendo como base as fotografias 3x4 das fichas de matrícula. Foi um trabalho minucioso que contou com o auxílio de antigos ex-alunos e professores, pois em 70 anos nada havia sido feito em termos de identificação das pessoas representadas. As fotografias e suas respectivas identificações foram reproduzidas no livro Curso de Museu – MHN, 1932-1978: Alunos, Graduandos e Atuação Profissional, de Ivan Coelho de Sá e Graciele Karine Siqueira, do ano de 2007. A documentação da Secretaria de Ensino do CCH sobre o curso e do Diretório Acadêmico de Museologia - DAM também foi absorvida pelo Núcleo, juntamente com a Coleção Prof. Gerardo de Carvalho que era utilizada como recurso pedagógico na disciplina Etnografia do antigo Curso de Museus.

Em decorrência de campanha informal junto aos professores antigos, em junho do mesmo ano e ainda antes da formalização do NUMMUS, a Prof.^a Dulce Ludolf foi a primeira a fazer doação de parte de seu acervo pessoal para o Núcleo. Esse acervo era

constituído de um clipping-diário, no qual a Prof.^a Dulce registrara o período de transição do Curso de Museus - MHN para a FEFIERJ - UNIRIO (1977-1986), fazendo anotações sobre reuniões e colando recortes de jornais relativos a este período. Havia ainda na Coleção Dulce Ludolf importante material constituído por recortes de jornais relativos à primeira greve dos alunos do Curso de Museus, em setembro-outubro de 1968, decorrente da política de repressão que culminou com a expulsão, por atividades “subversivas”, de duas alunas, Janet Chermont Guimarães¹⁰² e Sonia Rosadas Thème¹⁰³, em janeiro de 1969, no contexto da pesada repressão estabelecida a partir do AI-5¹⁰⁴, em dezembro de 1968.

Com o objetivo de obter apoio de outros docentes e ex-alunos antigos foi organizado um encontro que apresentou o projeto a estes profissionais veteranos que tivessem coleções particulares capazes de complementar o material já pertencente à Escola de Museologia. As dificuldades deste encontro foram inúmeras, pois muitos profissionais já estavam aposentados, outros falecidos, e não havia contato recente com eles. Por isso, foi realizada uma campanha de sensibilização para reativar a rede entre os profissionais que a Escola de Museologia ainda mantinha relação (SIQUEIRA; GRANATO; SÁ, 2008, p.159).

Este encontro foi viabilizado com um chá, oferecido em 23 de setembro de 2005, a museólogas e ex-professoras do Curso que ainda possuíam contato com a Escola de Museologia: Nair de Moraes Carvalho, Dulce Ludolf, Therezinha de Moraes Sarmiento¹⁰⁵, Ecylla Castanheira Brandão, Helena Pavão¹⁰⁶ e Mariettinha Leão de Aquino¹⁰⁷, contando, também, com a presença das historiadoras e professoras do Curso Niuza Rebordões Carauta¹⁰⁸ (já aposentada na época) e Avelina Addor. Esse momento foi muito propício para sensibilizar os profissionais e alavancar doações para o Núcleo, principalmente de documentos, livros, *clippings* e fotografias. As professoras que participaram, sobretudo as veteranas - Nair de Carvalho, Dulce Ludolf, Therezinha

¹⁰² **Janet Chermont Guimarães**, ingressou em 1964, trancou o Curso em 1966. Reingressou em 1968 quando foi acusada de subversão e desligada em 22 de janeiro de 1969 após Inquérito Escolar.

¹⁰³ **Sonia Rosadas Thème**, cursou o primeiro ano em 1968, foi acusada de subversão pela Ditadura Militar. Em 22 de janeiro de 1969 foi desligada do Curso após Inquérito Escolar.

¹⁰⁴ O Ato Institucional nº 5 foi baixado dia 13 de dezembro de 1968, durante a Ditadura Militar, no governo do general Costa e Silva. O AI-5 permitia que o presidente decretasse recesso do Congresso Nacional, intervisse nos estados e municípios, cassasse mandatos parlamentares, retirasse direitos políticos e suspendesse a garantia do habeas-corpus.

¹⁰⁵ **Therezinha Maria Lamego de Moraes Sarmiento** (1927-2012), graduada pelo Curso de Museus (1958). Sócia fundadora (1963) e presidente (1979-82) da ABM. Professora do Curso de Museus - MHN e do Curso de Museologia - FEFIERJ/UNIRIO (1968-93). Foi coordenadora do Curso de Museologia (1988-89) e primeira diretora da Escola de Museologia (1989-92).

¹⁰⁶ **Helena Pavão** (19?-2013), graduou-se pelo Curso de Curso de Museus (1976). Especialista em Museologia Aplicada a Acervos. Professora do Curso de Museus - MHN e do Curso de Museologia - FEFIERJ/UNIRIO (1977-2000).

¹⁰⁷ **Mariettinha Monteiro Leão de Aquino**, graduou-se pelo Curso de Museologia da UNIRIO (1980).

¹⁰⁸ **Niuza Rebordões Carauta**, historiadora, professora do Curso de Museologia até 1998.

Sarmiento e Ecylla Brandão - foram importantes para a divulgação do Núcleo entre os museólogos mais antigos e também como elo de ligação com profissionais aposentados ou mesmo com seus descendentes, no caso de já terem falecido.

O encontro oferecido foi fundamental para o sucesso do NUMMUS. Com a mobilização das egressas do Curso de Museus, o Núcleo conseguiu contato com diferentes gerações de museólogos e seus herdeiros para pleitear doações de suas coleções particulares com documentos das mais diversas tipologias, mas tendo como fio condutor o tema geral Museologia no Brasil. Com a doação de coleções pessoais, o Núcleo começou a ser majoritariamente formado por materiais referentes à vida profissional de seus titulares. Com isso, é composto atualmente de mais de 30 mil itens inventariados, divididos em 60 coleções.

A categorização do acervo é vasta, sobretudo porque, além do acervo histórico oriundo do Curso de Museus, a principal forma de aquisição do NUMMUS é por meio da doação de coleções particulares, admitindo diversas categorias, técnicas e materiais, como documentos, correspondências, fotografias, *clippings*, livros e revistas, cartazes, gravuras, desenhos, pinturas, esculturas, medalhas, entre inúmeros outros. Devido a esses fatores, o acervo do Núcleo tem tipologia híbrida: arquivística, bibliográfica e museológica, e sua origem pode ser institucional ou particular (SÁ, 2018, p.10).

O acervo de natureza arquivística é constituído de documentos administrativos e formais de instituições, como atas, atestados, certidões, certificados, diplomas, editais, memorandos, ofícios, entre outros. Documentos informais e pessoais, como agendas, bilhetes, cartas, cartões, cartões de visita, cartões postais, diários, memoriais e telegramas. Contempla ainda material didático: apostilas, bibliografias, cadernos de frequência, diários de classe, ementários, livros didáticos, planos de aula, programas de disciplina e questionários, além de materiais de avaliação acadêmica como cadernetas, cadernos, carteirinhas, convites, discursos de formaturas, dissertações, manuais discentes, placas de homenagem, programas de excursões, provas, resenhas, trabalhos e teses e ainda, recursos didáticos como pranchas, slides e quadros esquemáticos. Também há manuscritos originais: apontamentos, artigos, catálogos, diários, pranchas e livros; documentos técnicos, como fichas de registros e de conservação, formulários, pareceres e relatórios; materiais de eventos e exposições: cartazes, convites, fôlderes, plantas baixas, programas, projetos de pesquisas de público, livros de visita, entre outros. Conta ainda com amplo material fotográfico e audiovisual, material impresso (*clippings*, folhetos, jornais e periódicos e revistas).

O acervo museológico é composto sobretudo de objetos tridimensionais: objetos pessoais variados, insígnias, instrumental, *botons*, flâmulas, artes visuais (desenhos, esculturas, estampas, gravuras e pinturas), arte popular em cerâmica e madeira, acervos etnográficos e arqueológicos (armamentos, artefatos, fósseis). Por fim, a parte bibliográfica é composta de livros relativos às áreas de estudo e de atuação dos titulares, sendo estes a biblioteca particular dos doadores bem como os próprios livros, catálogos, anais de eventos, revistas técnicas e científicas por eles publicados.

No NUMMUS, os acervos podem ter duas origens, a institucional e a particular. A origem institucional consiste nos documentos levantados que estavam presentes em dependências do Curso de Museologia no início do processo de criação do Núcleo. Esse acervo compõe as coleções: Coleção Curso de Museus - MHN, Coleção Curso de Museologia - FEFIERJ/UNIRIO, Coleção Gerardo de Carvalho (MHN/DFCS), Coleção DEPM, Coleção Diretório Acadêmico, Coleção LADEX, Coleção NUPRECON. Além destas, a Coleção ABM, oriunda da Associação Brasileira de Museologia também é institucional, pois refere-se a uma associação, mas não estava presente desde a estruturação do Núcleo (SÁ, 2018, p.11).

O acervo de origem particular corresponde às doações de museólogos formados pelo Curso de Museus ou pela Escola de Museologia, e também de coleções de professores do Curso de Museus/Escola de Museologia. Essas coleções são identificadas pelo nome dos titulares para homenageá-los e facilitar a pesquisa e a formação da memória da Museologia brasileira partindo da produção técnica dos museólogos, museus e instituições museológicas; congressos, eventos, encontros de profissionais dos Museus, do Patrimônio e da Museologia (SÁ, 2018, p.11,12).

As coleções de origem particular, por constituírem a maioria do acervo do NUMMUS, são a maior fonte de pesquisa existente no Núcleo. Por isso, pesquisadores de diversas instituições diferentes procuram o acervo para estudos que extrapolam a formação acadêmica da museologia no país. Essas coleções propiciam pesquisas biográficas sobre seus titulares, pesquisas sobre instituições museológicas ou governamentais, como por exemplo, o Museu Nacional de Belas Artes e a Fundação Nacional pró-Memória (1970-1990). Estudos sobre organismos de classe como a Associação Brasileira de Museologia, sobre eventos como o Seminário da UNESCO para Educação em Museus de 1958.

Os titulares das coleções de origem particular são: Adolpho Dumans, Adua Nesi, Affonso Celso Villela de Carvalho, Almir Paredes Cunha, Ana Lucia Siaines de Castro, Anamaria Rego de Almeida, Anna Barraffatto, Antonio Carlos de Carvalho, Antonio

Pimentel Winz, Arnaldo Machado, Carlos Passos Peres, Carmen Corrêa Quadros, Cícero Antonio Fonseca de Almeida, Claudia Barbosa Reis, Cristina Negrão, Diana Farjalla Correia Lima, Dulce Cardozo Ludolf, Fernanda de Camargo-Moro, Ecylla Castanheira Brandão, Eulália Parolini, F. dos Santos Trigueiros, Geraldo Pitaguary, Gerardo Alves de Carvalho, Gilda Joppert, Glaucia Côrtes Abreu, Gustavo Barroso, Guy de Holanda, Icleia Thiesen, Izolete Raison, Joaquim Meneses de Oliva, Jorge Cordeiro de Mello, José Manoel Andrade Pires, Junia Gomes da Costa Guimarães e Silva, Lauryston Gomes Pereira Guerra, Leda Maria Thomitão Gomes da Costa, Leila Zebulum, Leo Fonseca e Silva, Líbia Schenker, Loda Maria Angeli, Lucienne Symonowicz Fernandes, Luiz de Mendonça, Márcia Maria Muller, Márcia Silveira Bibiani, Maria Augusta Machado da Silva, Maria da Conceição Chambarelli, Maria Elisa Carrazzoni, Maria Elizabeth Portella, Maria Gabriela Pestana de Aguiar Pantigoso, Maria Lucila de Moraes Santos, Mariettinha Leão de Aquino, Marilda Monteiro da Silva, Marília Duarte Nunes, Marta Gerude, Monica da Costa, Nair de Moraes Carvalho, Neusa Fernandes, Norma Portugal, Regina Bibiani Morgado, Regina Liberalli Laemmert, Rita de Cássia Mattos, Rosemary Salgado, Sérgio Guimarães Lima, Solange de Sampaio Godoy, Stella Rodrigo Octavio Moutinho, Telma Lasmar, Tereza Cristina Moletta Scheiner, Terezinha dos Santos Cerqueira, Therezinha Maria Lamego de Moraes Sarmiento, Violeta Cheniaux e Yara Mattos.

O Regulamento do NUMMUS de 2012 estabelecia três temas principais para categorizar as coleções, são eles: 1- Formação em Museologia, que se referia a documentos do Curso de Museus do MHN e do Curso de Museologia da UNIRIO. 2 - Produção Técnica e de Pesquisa de Museólogos em Museus e Instituições Afins e Atuação de Museólogos em Eventos, que englobava acervo referente à produção técnica e científica dos museólogos formados pelo Curso de Museus, pela Escola de Museologia e também por outras instituições, documentos sobre outros profissionais que atuaram no campo Museológico, Patrimonial e de Museus. 3 - Encontros e Organismos de Classe, que contemplava material acerca do associativismo profissional e da realização de eventos no campo dos Museus, da Museologia e do Patrimônio, bem como documentação de Órgãos de classe e Associações (SÁ, 2012, p. 3).

Em 2018, com a intenção de ampliar os temas, o novo Regulamento do Núcleo formalizou a criação de dez eixos temáticos. Essa ampliação permite uma melhor pesquisa e a divulgação das informações contidas nos documentos pertencentes ao Núcleo, pois a divisão e criação de outros temas facilita a recuperação da informação a partir de eixos mais específicos e não mais tão amplos como os originais. Por exemplo, a presença e participação feminina ativa na Museologia é reconhecida e pesquisada, e

está representada em diversas coleções de titulares mulheres, sobretudo, com referências a sua atuação e produção, mas não havia um tema que retomasse especificamente essas referências. Com o Regulamento de 2018, foi criado o eixo 4 - Museologia e questões de gênero/A atuação da mulher que contempla esse tema, além desse foram criados outros importantes temas de estudos na área Museológica:

Art. 22º [...] 1 - Ensino e Formação em Museologia no Brasil; 2 - Origens e desenvolvimento do Pensamento Museológico brasileiro; 3 - Museologia, Pioneirismo e Mudanças de paradigmas; 4 - Museologia e questões de gênero/a atuação da mulher; 5 - Produção Técnica e Científica de Museólogos e profissionais afins em museus e instituições congêneres; 6 - Atuação de Museólogos e outros profissionais de Museus e do Patrimônio em Congressos, Seminários, Simpósios, Fóruns e outros eventos, nacionais e internacionais; 7 - Militância, associativismo profissional e regulamentação da profissão Museólogo; 8 - Biografias e histórias de vida de profissionais brasileiros da Museologia e do Patrimônio: atuações regionais e nacionais; 9 - História das instituições museológicas nos estados brasileiros; e 10 - História e Memória dos Museus brasileiros (SÁ, 2018, p.13).

2.2 - Institucionalização

Depois das ações preparatórias de levantamento do acervo existente e sensibilização de doadores de coleções particulares que possibilitaram a criação informal do Núcleo de Preservação da Memória da Museologia no Brasil, passou-se à institucionalização da pesquisa, ou seja, a submissão junto à então Pró-Reitoria de Pós-Graduação - PROPG, do Projeto de Pesquisa “Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil”. O Projeto de Pesquisa foi submetido ao DEPM e aprovado na reunião do dia 13 de dezembro de 2005 juntamente com o Grupo de Pesquisa. Nesta época, foi registrado na PROPG, atual Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação - PPROPGPI, da UNIRIO, e cadastrado no CNPq. O Projeto de Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil se dividiu em duas linhas de pesquisa, História da Museologia e do Ensino e suas Implicações no Contexto Brasileiro e Preservação das Referências sobre a Museologia no Brasil.

Esta carência tem sensibilizado os professores do Departamento de Estudos e Processos Museológicos - DEPM, da Escola de Museologia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Em 13 de dezembro, foi aprovado no Colegiado deste Departamento o Grupo de Pesquisa Memória e Preservação da Museologia no Brasil, tendo como um dos objetivos primordiais implantar um núcleo de memória a partir da coleta e organização de acervos que possam constituir uma base de referência à pesquisa. Registrado na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PROPG, da UNIRIO, e cadastrado no CNPq, o Grupo de Pesquisa passou a fazer parte da linha de pesquisa Museologia,

Patrimônio Integral e Desenvolvimento, do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, implantado recentemente no CCH (SÁ, 2006, p. 11).

No ano de 2006, o Núcleo conseguiu apoio de recursos materiais do então DEMU - Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN. Esses recursos oferecidos refletiam o incentivo na área de museus e do ensino da Museologia que o Departamento estava implementando para alcançar as metas da Política Nacional de Museus, de 2003. No período entre 01 de julho à 31 de dezembro, foram disponibilizados recursos para aquisição de materiais necessários ao tratamento técnico do acervo e para a contratação de equipe técnica com o intuito de desenvolver o trabalho no NUMMUS.

A equipe que participou do projeto era composta pelo Prof. Ivan Coelho de Sá, na coordenação geral, Gaciele Karine Siqueira e Henrique Vasconcelos Cruz Ribeiro como assistentes de coordenação, Maria Augusta Freitas Machado da Silva na consultoria profissional. Ana Luisa Mello Nascimento e Monique Batista Magaldi juntamente com Graciele Siqueira e Henrique Cruz, eram os museólogos pesquisadores. Auriel de Almeida Martins¹⁰⁹ colaborava na programação visual e Raquel Barbosa da Silva na preservação. Estudantes de Museologia participaram do projeto, são eles: Laudêmia Cardoso Salgueiro¹¹⁰, Maximiliano de Souza¹¹¹, Natália Abrahão Greco de Medeiros¹¹², Ludmila Leite Madeira da Costa¹¹³ (colaboradora), Maria Paula Gonçalves Cruvinel (colaboradora), Nayara Cavalini de Souza¹¹⁴ (colaboradora), Raquel de Mattos¹¹⁵ (colaboradora), Marcos André Pinto Ramos¹¹⁶ (Iniciação Científica/UNIRIO) e Shari Carneiro de Almeida¹¹⁷ (Iniciação Científica/UNIRIO) (NUMMUS, 2007, p. 5,6).

¹⁰⁹ **Auriel de Almeida Martins**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2006. Técnico em documentação da Fundação Nacional de Artes - FUNARTE.

¹¹⁰ **Laudêmia Cardoso Salgueiro**, graduou-se em Letras pela UFF, em 2000 e em Ciências Sociais pela UFF, em 2005. Não concluiu o Curso de Museologia, trancando matrícula em 2007.

¹¹¹ **Maximiliano de Souza**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2007. Mestre em Educação pela UNIRIO, em 2010. Museólogo do Museu da Justiça, Centro Cultural do Poder Judiciário - CCMJ.

¹¹² **Natália Abrahão Greco de Medeiros**, graduou-se no Curso de Museologia em 2009. Realizou estágio no Museu Imagens do Inconsciente entre 2005 e 2007 e no Clube de Engenharia em 2007.

¹¹³ **Ludmila Leite Madeira da Costa**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2010. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2013. Doutoranda em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST. Especialização em andamento em Peritagem e Avaliação em Obras de Arte, na Universidade Santa Úrsula. Professora da Escola de Museologia, nas disciplinas de Heráldica, Numismática, Indumentária e Mobiliário. Atualmente é Coordenadora do Curso de Museologia Integral.

¹¹⁴ **Maria Paula Gonçalves Cruvinel**, graduou-se pelo Curso de Museus em 2009. Realizou estágio na Fundação Eva Klabin entre 2004 e 2008, no Museu da República entre 2007 e 2008.

¹¹⁵ **Raquel de Mattos**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2009. Museóloga da Prefeitura de Barretos, no Museu Ruy Menezes.

¹¹⁶ **Marcos André Pinto Ramos**, graduou-se em Comunicação Social, pela UFRJ, em 2004. Interrompeu em 2007 a graduação em Museologia. Graduou-se em História pela UNIRIO, em 2011. Especialização em Sociologia, pela UERJ, em 2010. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2013.

¹¹⁷ **Shari Carneiro de Almeida**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2009. Mestre em Conservação e Restauro pela Universidade Nova Lisboa, Portugal, em 2011. Coordenadora do Museu da Energia de

Durante o projeto a equipe conduziu a campanha de doações de coleções particulares para ampliar o acervo do Núcleo. No período de julho e dezembro de 2007 foram incorporadas a Coleção Arnaldo Machado (doação de Arnaldo Machado, em 09/11/2006 e 29/12/2006), a Coleção Cícero Fonseca de Almeida (doação do Prof. Cícero Antonio Fonseca de Almeida), a Coleção Ecylla Castanheira Brandão (doação da Prof^a. Ecylla Castanheira Brandão), a Coleção Gustavo Barroso (doação de Nair de Moraes Carvalho, em 02/11/2006, 16/12/2006 e 18/12/2006), a Coleção Guy de Hollanda (doação de Ana Maria Tereza de Hollanda Cavalcanti, em 29/09/2006), a Coleção Luiz de Mendonça (doação de Liana Martins de Mendonça, em 08/2006), a Coleção Maria Augusta Machado (doação de Maria Augusta Freitas Machado da Silva, em 21/12/2006), a Coleção Neusa Fernandes (doação da Prof^a. Dr^a. Neusa Fernandes, em 01/12/2006) e a Coleção Violeta Cheniaux (doação da Prof^a. Violeta Cheniaux, em 26/07/2006). Também foram encaminhadas as doações de Ádua Nesi, da Prof^a. Auta Rojas Barreto, de Izoete Costa e Silva, da Prof^a. Solange Godoy e da Prof^a. Yara Mattos (NUMMUS, 2007, p. 8,9).

Após a campanha de doação foi realizado o tratamento técnico de documentação e preservação do acervo. Iniciando pela higienização mecânica dos itens e a remoção de elementos degradantes, partindo para o processo de inventário do acervo, com identificação da coleção, numeração dos objetos, organização temática e acondicionamento adequado. Todas as fotografias pertencentes ao Núcleo em 2007 foram digitalizadas pela museóloga Monique Magaldi e salvas em *CD-ROMs*, totalizando 659 imagens (NUMMUS, 2007, p.20)

O projeto financiado pelo DEMU ainda previu a realização de pesquisa sobre o acervo. A formação, preservação e documentação do NUMMUS possibilitou a criação de uma base de referências de fontes primárias sobre a Museologia brasileira, já que as pesquisas desenvolvidas no âmbito desse projeto proporcionaram a organização do acervo em temas e o levantamento de informações sobre possíveis doadores que poderiam agregar as coleções do Núcleo. Juntamente com isso foram publicados, em 2007, os livros *A lembrança de Ouro Preto continua sempre comigo: Memória da primeira excursão do Curso de Museus - MHN a Ouro Preto, em 1945*, de Geraldo Pitaguary; *Do horizonte do passado ao horizonte do futuro... 75 anos da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1932-2007)*, de Henrique Vasconcelos Cruz e *Curso de Museologia MHN/FEFIERJ 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*, de Ivan Coelho de Sá e Graciele Karine Siqueira (NUMMUS, 2007, p.24-26). Este último tornou-se uma importante fonte de consulta uma

vez que mapeou todos os alunos, ingressantes e formandos, do Curso de Museus, no período de 1932 a 1978, constituindo um raro registro da formação e atuação, tanto dos primeiros conservadores de museus, quanto dos que se formaram até o final da década de 1970.

Mesmo após o fim do financiamento realizado pelo DEMU, o Núcleo continuou realizando suas atividades normalmente, dando continuidade aos tratamentos alavancados pelo projeto. O acervo demanda uma intensa atuação de seus membros no sentido de atender às atividades de processamento, uma vez que as coleções crescem a cada ano, envolvendo a colaboração de bolsistas e voluntários.

Apesar de funcionar, na prática, desde maio de 2005, o NUMMUS só foi oficializado depois da criação de seu primeiro Regulamento, elaborado entre 2010 e 2011. A aprovação ocorreu na 85ª Reunião Ordinária do Colegiado da Escola de Museologia, conjunta com a 229ª Reunião Ordinária do DEPM, em 13 de dezembro de 2011. A homologação do Regulamento ocorreu no dia 27 de março de 2012, na 7ª Reunião Ordinária do ano de 2012 do Conselho do CCH. Após 2016 foi necessário adequar o Regulamento à Resolução UNIRIO nº 4.707 - A, de 5 de outubro do mesmo ano, que trata sobre Laboratórios e Núcleos de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura, e Multidimensional. O novo Regulamento foi aprovado na 128ª Reunião do Colegiado da Escola de Museologia, ocorrida concomitante com a 40ª Reunião Ordinária do Colegiado dos Cursos de Museologia Integral e Noturno, no dia 23 de agosto de 2018, sendo também aprovado no dia 24 de agosto de 2018 na 112ª Reunião do Colegiado do PPG-PMUS (SÁ, 2018, p. 4).

No Regulamento foram explicitados os objetivos gerais e específicos. De maneira ampla, o NUMMUS se dedica a divulgação da memória e da história da Museologia para contribuir com a consolidação, tanto disciplinar quanto da prática museológica, da Museologia brasileira. Sendo assim, toma por encargo a conservação das coleções que o compõem, se responsabiliza pela criação de uma base de referências primárias para pesquisas na área, realiza políticas de preservação, promove seminários e eventos acadêmicos para a integração de pesquisas entre diversos cursos, sendo de graduação ou pós-graduação. Ainda executa planos, projetos e programas de ensino, pesquisa, extensão e cultura que sejam relevantes para a história e memória do curso. Possibilita estudos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses dando aos alunos acesso a seu acervo. Incentiva a doação de acervo junto aos museólogos e profissionais da Museologia e parentes com a finalidade de obter acervos particulares constituídos de referências documentais guardadas ao longo dos anos e que se transformaram em importantes subsídios para estudo dos museus, da Museologia e do

Patrimônio. Também incentiva a criação de outros núcleos de pesquisa nos demais cursos de Museologia (SÁ, 2018, p.18).

No que se refere aos objetivos específicos, é ressaltado o papel institucional do Núcleo. Oferecer fontes primárias para pesquisa e produção de material acadêmico, à Escola de Museologia, bem como ao PPG-PMUS, e subsidiar disciplinas dos Cursos de Museologia Integral e Noturno, como: Informação e Documentação Museológica I e II; Museologia e Preservação I, II, III e IV, e da disciplina optativa Técnicas e Processos Artísticos. Disponibilizar o acervo para projetos de extensão e cultura cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNIRIO, para a realização de seminários e outros produtos como exposições e documentários audiovisuais. Todo o acervo é acessível gratuitamente mediante a marcação. O Núcleo também tem por objetivo criar elos entre as graduações de Museologia do Brasil para a cooperação no estudo da memória da profissão e do ensino (SÁ, 2018, p 20).

O NUMMUS tem seu funcionamento vinculado à Escola de Museologia e ao PPG-PMUS, necessariamente o coordenador do Núcleo precisa ser um Professor Doutor, docente da área de Museologia estabelecido no Departamento de Estudos e Processos Museológicos. O coordenador é escolhido pelos demais pesquisadores que integram o Projeto de Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil e deve ser designado pela Decania do Centro de Ciências Humanas e Sociais. Preferencialmente o coordenador do Projeto de Pesquisa é o mesmo do NUMMUS. Cabe ao cargo supervisionar e orientar as atividades técnico-científicas desempenhadas, garantir condições adequadas ao acervo, responsabilizar-se pelo patrimônio, resolver questões não dispostas no regulamento e realizar reuniões do Conselho Acadêmico do Núcleo (SÁ, 2018, p. 21).

O Conselho Acadêmico é formado pela decania do CCH; pela coordenação do PPG-PMUS; pela direção da Escola de Museologia; pela chefia do DEPM; pela Coordenação do NUMMUS; pela coordenação do Projeto de Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil; pela coordenação do LADEX; pela coordenação do NUPRECON; pela coordenação do Núcleo Multidimensional de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus - NUGEP; pela coordenação do Laboratório de Museologia Experimental - LAMEX; por professores vinculados ao Projeto de Pesquisa, inclusive os bolsistas de subprojetos de pesquisa; por um representante da área administrativa, um discente do PPG-PMUS e alunos dos Cursos de Museologia Integral e Noturno. Esse Conselho atua como órgão deliberativo do NUMMUS, tendo todos os membros o direito a participar da discussão e da votação (SÁ, 2018 p. 22-23).

A equipe de trabalho, além do coordenador, é composta de pesquisadores e professores vinculados ao Projeto de Pesquisa e por alunos. Esses alunos podem ser bolsistas de Iniciação Científica, ligados ao Grupo de Pesquisa Memória e Preservação da Museologia no Brasil em alguma das linhas: História da Museologia e do Ensino e suas implicações no contexto brasileiro ou Preservação das Referências sobre Museologia no Brasil. Os discentes também podem ser contemplados com bolsas de Projetos de Extensão e Cultura que sejam relacionadas ao NUMMUS, com bolsas de Projetos de Ensino: monitorias de disciplinas que utilizam o acervo do Núcleo, com bolsas de Incentivo Acadêmico, para os alunos que se interessem pelo projeto. Demais discentes podem prestar estágio voluntário, com declaração de horas para Atividades Complementares. Além de professores e alunos, o Regulamento de 2018 abre a possibilidade que profissionais da área administrativa sejam designados pela UNIRIO para trabalharem no Núcleo (SÁ, 2018, p.24-25).

Esta equipe de trabalho desenvolve estudos e ações diversas, desde o tratamento técnico: coleta, identificação, documentação e conservação do acervo, até a disponibilização das coleções ao público. O incentivo para doação de acervo é tarefa instituída pelo Regulamento do Núcleo, que prevê também a organização e a promoção de seminários, exposições e publicações acerca da memória da Museologia no Brasil, como forma de divulgação e conagração de professores, alunos, ex-alunos, museólogos e outros profissionais ligados ao campo.

O NUMMUS disponibiliza seu acervo para usuários de diferentes naturezas, tanto alunos dos cursos de graduação e pós-graduação que desenvolvam pesquisas na área, quanto professores do DEPM e de outros departamentos que dão suporte ao Curso de Museologia, além de professores aposentados que desejam pesquisar sobre a Museologia e pesquisadores em geral, outras universidades, instituições museológicas e outras instituições ligadas ao patrimônio. Porém, várias atividades do Núcleo são prejudicadas devido à falta de espaço físico.

Esse caráter de improvisação se estende até os dias de hoje, o Núcleo conta com o auxílio de outras unidades além da Escola de Museologia, como o NUPRECON, o LADEX e o DEPM, inclusive entre 2014 e 2017 algumas coleções ficaram localizadas na Decania do CCH. Infelizmente o NUMMUS ainda não tem um espaço físico próprio, isso ocorre devido a um problema estrutural que atinge toda a UNIRIO, em especial ao CCH e que consiste na falta de espaços físicos. O aumento dos números de cursos de graduação do CCH, inclusive a criação do Curso de Museologia Noturno, foi impulsionado pelo Plano de Estruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras - REUNI. Para o aumento dos cursos de graduação do CCH seria necessário

construir um novo prédio, no entanto, a construção do edifício só iniciou em 2017 e encontra-se, atualmente, em fase final de execução. Com esta carência, o NUMMUS divide espaço com dependências ligadas ao Curso de Museologia. Com isto, o Núcleo não possui espaço físico próprio e seu funcionamento tem ocorrido de maneira improvisada, ou seja, suas funções são desempenhadas em outros espaços do Curso de Museologia.

Após o projeto financiado pelo DEMU, o NUMMUS não recebeu nenhum outro vencimento para custear suas atividades, funcionando com o apoio dos professores envolvidos no Projeto de Pesquisa. O Regulamento dispõe que o Núcleo pode receber recursos da UNIRIO, bem como de agências financiadoras de estudos e projetos (como na época do Departamento de Museus do IPHAN) e de empresas do setor público ou privado, seguindo o Regimento Geral da Universidade. Os valores recebidos podem ser alocados em programas específicos, aprovados pelo Conselho Acadêmico. O NUMMUS também pode captar recursos de doações, patrocínios, apoio cultural, elaboração, desenvolvimento e prestação de serviço, podendo realizar parcerias com outras instituições (SÁ, 2018, p.28).

Mesmo funcionando ainda de forma precária, o NUMMUS se esforça por desempenhar as atividades que se propõe, toma por encargo conscientizar sobre a importância da trajetória profissional de museólogos que foram fundamentais para construção do campo museológico brasileiro; se responsabiliza pela conservação das coleções que o compõem; possibilita pesquisas a partir da organização de referências sobre Museologia e patrimônio; realiza estudos, projetos e eventos acadêmicos para a difusão e produção de conhecimento e colabora com o desenvolvimento de políticas de preservação da memória da Museologia brasileira.

Atualmente, o Núcleo é formado por mais de 60 coleções, acervos de diversos tipos, documentos, fotografias, livros e objetos: pinturas, esculturas, medalhas, objetos arqueológicos, sobre a Museologia no Brasil. A falta de espaço próprio do Núcleo dificulta a realização de todas as atividades desempenhadas regularmente, como preservação, documentação e disponibilização de seu acervo para pesquisadores. Porém a construção do prédio do CCH, com uma sala destinada ao NUMMUS possibilitará uma maior abrangência de suas ações.

2.3 – Produtos e contribuições versus dificuldades

O Núcleo atravessa barreiras diariamente para se manter ativo. As dificuldades são inúmeras, sobretudo de infraestrutura, a começar pela ausência de uma equipe de

trabalho regular bem como de recursos materiais e ainda a falta de um espaço físico independente, a ausência de pessoal administrativo alocado no projeto, a necessidade de museólogos e outros profissionais qualificados para o trabalho cotidiano no Núcleo. Mais alunos poderiam realizar estágios e bolsas, tanto no tratamento técnico, quanto no desenvolvimento de pesquisa, mas é fundamental o repasse de verbas da UNIRIO ou o financiamento proveniente de outras entidades públicas ou privadas.

Com todas as atividades desempenhadas mesmo com as dificuldades, principalmente o tratamento técnico do acervo do NUMMUS, assegura a preservação das bases de referência que são disponibilizadas como fonte primária para pesquisadores. Além dos estudos realizados por pesquisadores externos, o Núcleo também desenvolve pesquisas em conjunto com o Projeto de Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil. Essas pesquisas geram produtos de diferentes gêneros: publicações de artigos e livros, realização de encontros, seminários, palestras e exposições.

2.3.1 – Publicação de livros

No âmbito do financiamento realizado pelo DEMU, foram escolhidos três temas para publicação. No dia 07 de março de 2007, durante a Aula Inaugural comemorativa aos 75 anos da Escola de Museologia, foi lançado o livro “A lembrança de Ouro Preto continua sempre comigo: Memória da primeira excursão do Curso de Museus - MHN a Ouro Preto”, em 1945, de Geraldo Pitaguary. O livro teve uma tiragem de 500 volumes e é resultado da organização realizada pelo Prof. Ivan Coelho de Sá do texto original do museólogo Geraldo Pitaguary, datado de 1948, que narra acontecimentos da excursão a Ouro Preto, Mariana e Congonhas, realizada pelos alunos e professores do Curso de Museus. O texto foi acrescido de ilustração e fotografias do autor, além de introdução e notas explicativas do organizador (NUMMUS, 2007, p. 25).

Outro livro lançado nesse contexto foi: “Do horizonte do passado ao horizonte do futuro... 75 anos da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1932-2007)”, de Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro. O autor participou do início do projeto do NUMMUS como aluno voluntário e também integrou a equipe financiada pelo DEMU já como museólogo, exercendo atividades de pesquisa e apoio à coordenação. Com organização do Prof. Ivan Coelho de Sá e tiragem de 500 exemplares, o livro é composto de uma cronologia sobre acontecimentos importantes para o Curso de Museus e a Escola de Museologia, com imagens pertencentes ao Núcleo. Para essa publicação foi realizado levantamento no acervo pertencente ao NUMMUS, bem como em outras instituições como o Arquivo Nacional, a Biblioteca

Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, a Fundação Getúlio Vargas e o Museu Nacional (NUMMUS, 2007, p. 25).

O livro “Curso de Museus. MHN/FEFIERJ, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional”, de Ivan Coelho de Sá e Graciele Karine Siqueira foi o terceiro a ser lançado. Também com tiragem de 500 volumes, a publicação é um catálogo de todos os alunos que se matricularam no Curso de Museus entre 1932 e 1978, com informações pessoais e atuação profissional de todos os ingressantes do Curso neste período. O trabalho foi realizado tendo como base as fichas de Requerimentos de Matrícula, os Livros de Frequência e Assentamentos de Alunos. Para informações sobre a atividade profissional, os pesquisadores entraram em contato com a maioria dos profissionais ou familiares requerendo currículos. Essa publicação reúne informações sobre as mudanças no curso e nas atuações dos museólogos formados no período (NUMMUS, 2007, p. 26).

Sem a parceria com o DEMU, já em 2014, foi lançado o livro “A ABM e a regulamentação da profissão de museólogo”, da Prof.^a Neusa Fernandes¹¹⁸. A publicação foi uma edição comemorativa aos 30 anos da regulamentação da profissão e conta com o relato da museóloga Neusa Fernandes que lutou junto à Associação Brasileira de Museologia, na qual foi presidente entre 1982 e 1985. As coleções do NUMMUS serviram como base referencial para o livro que remonta à cronologia das ações de gerações de museólogos que militaram pelo reconhecimento legal da profissão, ocorrido em 1984.

No dia 18 de dezembro de 2019, na comemoração do Dia do Museólogo, no Museu Histórico Nacional, foi lançado o livro “Matrizes do Pensamento Museológico de Gustavo Barroso”, do Prof. Ivan Coelho de Sá. O livro investiga as referências do mentor do Curso de Museus, para seu pensamento sobre museus e Museologia, partindo do estudo do texto Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração, que integra a Parte Geral da publicação Introdução à Técnica de Museus - 1946, de Barroso. Nessa investigação, Sá identificou bases do pensamento barroseano e levantou prováveis fontes literárias. Para a realização desse livro foi realizada pesquisa na Coleção Gustavo Barroso do NUMMUS, tanto no acervo documental, quanto no bibliográfico e pesquisas em outras instituições como no MHN.

¹¹⁸ **Neusa Fernandes**, formou-se pelo Curso de Museus em 1967. Graduiu-se em Pedagogia pela UERJ. Mestrado e Doutorado em História Social pela USP. Professora do Curso de Museus/Escola de Museologia. Lutou pela regulamentação da profissão de Museólogo. Professora do Curso de Museologia - MHN/FEFIERJ/UNIRIO.

2.3.2 – Exposição Museológica

Para comemorar os 75 anos de existência do Curso de Museus/Escola de Museologia, foi elaborada uma exposição no ano de 2008 com o título: “Memória da Memória: Uma Escola de Museologia e uma História da Museologia”. A exposição serviu tanto para promover o Núcleo, entre os alunos, profissionais da área e comunidade acadêmica da UNIRIO, quanto para homenagear a história do Curso e a atuação de profissionais egressos do Curso.

A elaboração da exposição incluiu a equipe de trabalho do NUMMUS, professores do Curso de Museologia e outros profissionais. Na curadoria o Prof. Ivan Coelho de Sá, que contou com o auxílio do Prof. Anaildo Baraçal, que leciona disciplinas de Comunicação Museológica e da Prof.^a Ângela Taddei¹¹⁹, que durante seu Mestrado em Memória Social (PPGMS/UNIRIO), lecionou disciplinas nos Cursos de Biblioteconomia e de Museologia durante os anos de 2005 e 2006. Esta última atuou, sobretudo, na revisão de textos. A área de conservação e restauração foi executada por Ana Paula Corrêa de Carvalho¹²⁰, museóloga, prestou serviços entre 2005 e 2007 de Conservação e Restauração do acervo do NUMMUS e por Marcelo de Lima da Silva¹²¹, bibliotecário, assistente de Ana Paula Carvalho. As professoras das disciplinas de comunicação, Ana Lúcia Siaines de Castro¹²², Helena Cunha de Uzeda¹²³ e Maria Cecília Filgueiras Lima Gabriele¹²⁴, que deram consultoria técnica a montagem da exposição, que ficou a cargo do Prof. Ivan Coelho de Sá e de alunos voluntários.

¹¹⁹ **Ângela Maia Soares Mendes Taddei**, graduada em Letras Português-Francês pela UERJ, em 1997. Graduada pelo Curso de Museologia, em 2004. Especializada em Comunicação e Imagem pela PUC-RJ, 2008 e 2009. Especializada em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português, em 2012. Mestre em Memória Social pela UNIRIO, em 2007. Doutora em Ciências Sociais, pela UERJ, em 2013. Professora da UNIRIO para os Cursos de Biblioteconomia e Museologia entre 2005 e 2006.

¹²⁰ **Ana Paula Corrêa de Carvalho**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2000. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2011. Doutora em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, em 2018. Professora do curso de Graduação em Conservação e Restauo, da Escola de Belas Artes da UFRJ.

¹²¹ **Marcelo de Lima da Silva**, graduou-se pelo Curso de Biblioteconomia e Documentação, da UFF, em 2006. Especialização em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, MAST, 2011. Mestre em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, pela FIOCRUZ, em 2011. Mestre em História, Política e Bens Culturais, pela FGV, 2016.

¹²² **Ana Lúcia Siaines de Castro**, graduou-se no Curso de Museus em Museus Artísticos, pelo MHN, no ano de 1971. Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação pela UFRJ, 1995/2002. Professora do Curso de Museologia e do PPG-PMUS/UNIRIO, desde 1998.

¹²³ **Helena Cunha de Uzeda**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 1996. Mestre e doutora em Artes Visuais pela UFRJ, 2000/2006. Professora do Curso de Museologia da UNIRIO, na área de Comunicação. Professora do PPG-PMUS, no qual é Coordenadora desde 2017.

¹²⁴ **Maria Cecília Filgueiras Lima Gabriele**, graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará - UFC, em 1987. Especialização em Habitat nos Países Amazônicos, Universidade Federal do Pará - UFPA, em 1997. Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC-Rio, em 2002. Especialização em Curso de Estudos Avançados em Museologia, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT, Portugal, em 2008. Mestrado em Gestão Pública pela Universidad Complutense de Madrid - UCM, Espanha, em 2002. Doutorado em Museologia pela ULHT, em 2012. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB.

A curadoria elencou temas que contaram a trajetória dos 75 anos do Curso de Museologia: o contexto das décadas de 20 e 30, o MHN e a criação do Curso de Museus, a primeira matriz curricular e os professores pioneiros, as primeiras turmas, os livros pioneiros, a pesquisa museológica, o mercado de trabalho e o primeiro concurso para conservador, o envolvimento do MHN nos Centenários de Portugal, a Reforma de 1944, os alunos bolsistas estaduais, as excursões às cidades históricas, a primeira geração de professores, as bolsas no exterior, as Associações e os Congressos, as novas concepções de Museus, a Reforma de 1966, premiações, as reformas da década de 70, a transição para a Universidade, o Curso de Museologia na UNIRIO, a Regulamentação da Profissão e a criação dos Conselhos.

A abertura da exposição ocorreu na manhã do dia 18 de março de 2008, contou com a presença da Reitora da UNIRIO, Prof.^a Malvina Tuttman¹²⁵, do Diretor da Escola de Museologia, Prof. Ivan Coelho de Sá, do professor da Escola de Museologia Mario de Souza Chagas e do professor do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS/UNIRIO/MAST) Marcus Granato¹²⁶. Ao término da cerimônia inicial, com as palavras do Prof. Mario Chagas e da Prof.^a Malvina Tuttman a exposição foi inaugurada. Museólogos de diferentes gerações estiveram presentes, entre eles Florivaldo dos Santos Trigueiros, Liana Ocampo, Lygia Martins Costa, Maria Augusta Machado, Maria Lucila de Moraes Santos¹²⁷, Nair Moraes de Carvalho e Violeta Cheniaux. Também estiveram presentes outros profissionais do campo da Museologia e alunos do Curso.

Ao longo dos anos, o NUMMUS teve a intenção de realizar outras exposições que seriam produtos dos seus projetos de extensão. Infelizmente devido à escassez de recursos materiais e a dificuldade de conciliar a única sala adaptada para exposições da universidade com as duas exposições curriculares semestrais dos Cursos de Museologia Integral e Noturno e com outras atividades, como apresentação de *banners* de pesquisa e exposições de outros cursos do Centro de Ciências Humanas e Sociais, o Núcleo não tem mais conseguido realizá-las.

¹²⁵ **Malvina Tuttman**, graduou-se em Pedagogia pela Universidade Santa Úrsula, em 1979. Mestre em Educação pela PUC-Rio, em 1981. Doutora em Educação pela UFF, em 2004. Professora da Escola de Educação da UNIRIO. Reitora da UNIRIO entre 2004 e 2011.

¹²⁶ **Marcus Granato**, graduado em Engenharia Metalúrgica e de Materiais, pela UFRJ, em 1980. Especialização em Assessment And Management Of Environmental Pollut, pela Ghent University, UGENT, Bélgica, em 1991. Mestre e doutor em Engenharia Metalúrgica e de Materiais, pela UFRJ, em 1993/2003. Tecnologista Sênior do MAST. Professor do PPG-PMUS e do curso de mestrado profissional em Preservação de Acervos da C&T-MAST.

¹²⁷ **Maria Lucila de Moraes Santos**, graduou-se em Museus Artísticos em 1975, e em Museus Históricos em 1976, pelo Curso de Museus. Pós-Graduação em Didática do Ensino Superior pela PUCRJ, em 1977. Especialização em História da Arte e Arquitetura do Brasil pela PUC-RJ, em 1980-82. Trabalhou em diversos museus, entre eles Museu da Cidade do Rio de Janeiro, Museu da República e Museu Histórico Nacional. Foi professora do Curso de Museologia da UNIRIO entre 1979 e 1997.

2.3.3 – Projetos de Extensão

O NUMMUS realizou diversos projetos de extensão em parceria com a Escola de Museologia e o PPG-PMUS através de editais da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROExC. Muitos desses projetos contaram com bolsistas para o desenvolvimento de atividades. Além do desejo de realizar exposições sobre as pesquisas desenvolvidas, como dito anteriormente, os projetos contavam com outros produtos que foram realizados, como seminários, jornadas, encontros, publicações e documentários.

Em 2012 a Escola de Museologia completou 80 anos de criação e atividades ininterruptas, para comemorar foram elaborados eventos, aulas magnas, seminários e encontros, durante o ano. A Medalha de Honra ao Mérito 80 Anos da Escola de Museologia foi oferecida pela Escola para homenagear professores, profissionais e entidades relevantes para o ensino e prática da Museologia. Cada data de evento tinha um tema específico e combinava uma aula ou apresentação com a distribuição das medalhas para os homenageados relacionados ao tema. Os eventos foram: cerimônia de abertura das comemorações aos 80 anos da Escola de Museologia; aula Magna e entrega da Medalha de Honra ao Mérito 80 Anos da Escola de Museologia para o IBRAM e a Política Nacional de Museus; aula magna e entrega da Medalha de Honra ao Mérito 80 Anos da Escola de Museologia - Museus em Número; aula magna e entrega da Medalha de Honra ao Mérito 80 Anos da Escola de Museologia - Conservar para não Esquecer; aula magna e Cerimônia de entrega da Medalha de Honra ao Mérito 80 Anos da Escola de Museologia - O Barroco e a Invenção da Nacionalidade; entrega da Medalha de Honra ao Mérito 80 Anos da Escola de Museologia - V Fórum Nacional de Museus; Seminário Encontros com Hugues de Varine, com o lançamento do livro *As Raízes do Futuro - O Patrimônio a serviço do desenvolvimento local*, no dia 30 de novembro; Seminário Agentes de Degradação e Conservação Preventiva: Espaços Grandes, Controle Difícil. Espaços Pequenos, Controle Fácil; Aula Magna e Cerimônia de Entrega da Medalha de Honra ao Mérito 80 Anos da Escola de Museologia - 40 Anos da Mesa Redonda de Santiago; aula magna e Cerimônia de Entrega da Medalha de Honra ao Mérito 80 Anos da Escola de Museologia - Da Desconstrução à Inserção no Espaço da Arte e da Museografia e Comemoração ao Dia do Museólogo e da Regulamentação da profissão com aula magna: A ABM e a Regulamentação da Profissão.

O Projeto de Extensão 80 anos da Escola de Museologia contou com duas bolsistas de Iniciação Artística e Cultural, as alunas Nuenne de Abreu Tinoco¹²⁸ e Raquel

¹²⁸ **Nuenne de Abreu Tinoco**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2016.

Villagrán Reimão Mello Seoane¹²⁹, que editou o documentário: “80 Anos da Escola de Museologia: A História de Todos Nós”, exibido no Dia do Museólogo¹³⁰, de 2012.

Em 2014 o Núcleo realizou o projeto “Centenário de Nair de Moraes Carvalho e Lygia Martins Costa (1914-2014): uma reflexão sobre histórias de vida pioneiras e fontes documentais sobre Museologia”. Para comemorar o aniversário de 100 anos dessas duas museólogas muito importantes para o ensino da Museologia e para os Museus foram realizados dois eventos, uma palestra proferida pela Prof.^a Nair de Moraes Carvalho, contando sua trajetória profissional e a apresentação do documentário “Nair de Moraes Carvalho: 100 Anos de Vida e Trabalho”. O outro encontro com a museóloga Lygia Martins Costa, contou com um seminário, bem como com a exibição do filme documental “Lygia Martins Costa: 100 anos de Vida e Trabalho”. No mesmo ano, em homenagem à museóloga Ecylla Castanheira Brandão, por motivo de falecimento, foi apresentado o vídeo “Ecylla Castanheira Brandão: Reminiscências de Vida e Obra”.

Para comemorar os 10 anos do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, foi realizado outro projeto de extensão, com duração de dois anos: 2015 e 2016, com o intuito de oferecer um seminário de pesquisa em que fossem apresentados trabalhos que utilizaram o acervo documental do Núcleo como base. Também foi comemorado o centenário das museólogas Regina Liberalli Laemert e Maria Augusta Machado da Silva. Assim, em 2016 foi realizado o I Seminário de Pesquisa em Memória da Museologia, que contou com a apresentação do documentário “Um Tributo a Clovis Bornay: Do Museu à Fantasia”. No dia 18 de dezembro do mesmo ano, ocorreu a Jornada do Dia do Museólogo - Meio século de Museologia, homenageando Fernanda Camargo Moro.

O Seminário do NUMMUS passou a ser realizado anualmente, em 2017 ocorrendo entre os dias 09 e 11 de outubro. O seminário teve como tema: “Edição Comemorativa aos 85 anos da Escola de Museologia - Mulheres, Museus e a Museologia: um campo de saber e empoderamento”. Esse projeto de extensão teve o intuito de discutir o papel feminino no ensino da Museologia e na prática profissional ao longo do século XX e contou com o bolsista de extensão e cultura Marcos de Oliveira Haroldo Faria¹³¹.

¹²⁹ **Raquel Villagrán Reimão Mello Seoane**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2013. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2016. Doutoranda em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST. Especialização em andamento em Peritagem e Avaliação em Obras de Arte, na Universidade Santa Úrsula.

¹³⁰ Comemorado dia 18 de dezembro.

¹³¹ **Marcos de Oliveira Haroldo Faria**, graduando do Curso de Museologia. Foi bolsista de Incentivo Acadêmico do Projeto Preservação e Recuperação da Memória da Museologia no Brasil. Foi bolsista de extensão e cultura do Projeto 85 anos da Escola de Museologia - Mulheres, Museus e a Museologia: um campo de saber e empoderamento.

No ano de 2018, entre 03 e 07 de dezembro, ocorreu o III Seminário do NUMMUS: “Museologia e Memória: Revisitando Conceitos e Sedimentando um Campo”, fruto do projeto de extensão que buscava acolher a orientação do Conselho Internacional de Museus - ICOM, de se aprofundar em conceitos e práticas do saber museológico, proposta em 2017. O evento fez parte de projeto de extensão com mesmo nome e contou com uma bolsista, a discente Beatriz Silva Cunha¹³². O IV Seminário de Pesquisa em Memória da Museologia teve como tema “Museologia e Memória: Rupturas e Transformações Versus Conservadorismos nas Décadas de 1960 e 1970” e ocorreu no dia 21 de novembro de 2019.

2.3.4 – Artigos publicados sobre o NUMMUS

Dois artigos foram publicados sobre a experiência do NUMMUS. O primeiro, “Relato de experiência: o tratamento e a organização do acervo documental do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil”, elaborado por Ivan Coelho de Sá, Marcus Granato e pela museóloga Graciele Karine Siqueira foi publicado na Revista CPC, em 2008. O artigo trata da implantação do Projeto de Preservação da Memória da Museologia no Brasil e do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, de seus objetivos e do trabalho de coleta, conservação, pesquisa e divulgação realizados pelo Núcleo, apresentando, assim, um panorama geral do acervo e das atividades. O artigo “O Núcleo de Memória da Museologia no Brasil: a História da Museologia, um potencial de memória e um olhar para o futuro”, elaborado por Ivan Coelho de Sá e pela então mestrande do PPG-PMUS, Anna Echternacht¹³³, foi apresentado por esta, no II SEBRAMUS¹³⁴, em Recife, no ano de 2017. O artigo tem como foco os 10 anos do Núcleo e apresenta um breve histórico, além de considerações sobre a implantação e as potencialidades do Núcleo numa perspectiva de instituição museológica.

2.3.5 – Artigos publicados com base referencial do NUMMUS

Muitos trabalhos foram realizados usando como base para a pesquisa o acervo do NUMMUS, destes trabalhos, alguns artigos abordavam acervos pertencentes ao Núcleo. Os artigos publicados por Ivan Coelho de Sá: “História e Memória do Curso de Museologia: do MHN à UNIRIO”, publicado nos Anais do Museu Histórico Nacional, em 2007; “Subsídios para a História da Preservação no Brasil: A Formação em

¹³² **Beatriz Silva Cunha**, graduanda do Curso de Museologia. Bolsista de Extensão e Cultura do Projeto Museologia e Memória: revisitando conceitos, sedimentando um campo.

¹³³ **Anna Laudicéia Itaboráí Echternacht**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2015. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPGP-MUS/UNIRIO/MAST, 2018. Doutoranda em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST.

¹³⁴ O Seminário Brasileiro de Museologia foi criado durante os encontros anuais de 2012 (Petrópolis) e 2013 (Rio de Janeiro) da Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia, com a intenção de colaborar com a produção e divulgação da produção científica de pesquisadores da área. A primeira edição do SEBRAMUS ocorreu em 2014 no Curso de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Conservação-Restauração no Curso de Museologia da UNIRIO”, também nos Anais do MHN, em 2012; “As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em arquivologia, biblioteconomia e Museologia”, do ano de 2013, na Revista Acervo do Arquivo Nacional; “Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à Museologia e ao Patrimônio”, da Revista Museologia & Interdisciplinaridade, em 2015; “Matrizes do Pensamento Museológico de Gustavo Barroso: uma Análise Preliminar”, apresentado no XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação ENANCIB, em outubro de 2017, e publicado nos Anais e “Formação em Museologia no Brasil e Conquistas Democráticas: a politização dos alunos do Curso de Museus na transição das décadas 1960 e 1970”, na Revista Museologia & Interdisciplinaridade, SEBRAMUS, em 2019.

Além destes, Ivan Coelho de Sá publica também em parceria com membros do NUMMUS, geralmente mestrandos ou doutorandos do PPG-PMUS, como “Formação profissional em Museologia no âmbito da pós-graduação: o impacto do programa em museus portugueses (1964-1973)”, na Revista CPC da USP, em 2017, escrito com a museóloga Anna Echternacht e “Clóvis Bornay: Memória de um centenário esquecido”, nos Anais do Museu Histórico Nacional, em 2018, publicado com Anna Echternacht e Raquel Seoane.

A museóloga Raquel Seoane publicou o artigo “A Reforma de 1944 do Curso de Museus - MNH e o Perfil do Conservador de Museus na Era Vargas: os reflexos da política nacionalista e as transformações na área dos museus”, na Revista Museologia e Patrimônio, em 2017; resultado de sua dissertação de mestrado no PPG-PMUS.

Também foram publicados capítulos de livros que utilizavam diretamente o Núcleo como referência, como os capítulos escritos por Ivan Coelho de Sá: “Formação em Museologia no Brasil - a contribuição da UNIRIO e as recentes transformações”, para o livro Gestão Museológica, questões teóricas e práticas, organizado por Wagner Banja, em 2013; “Institucionalização das práticas museológicas: 80 anos do Curso de Museus”, organizado por Rafael Zamorano Bezerra¹³⁵ e Aline Montenegro Magalhães¹³⁶, para o livro 90 anos do Museu Histórico em debate (1922-2012), de 2014; “A expografia barroseana no MHN nas décadas de 20 e 30: análise comparativa com o

¹³⁵ **Rafael Zamorano Bezerra**, graduou-se em História pela UFRJ, em 2004. Mestre em Ciência Política pela UFRJ, em 2006. Doutor em História Social pela UFRJ, em 2014. Responsável pelo Núcleo de Pesquisa do Museu Histórico Nacional, professor do Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UNIRIO).

¹³⁶ **Aline Montenegro Magalhães**, graduou-se em História pela UFRJ, em 2000. Mestre em História Social pela UFRJ, em 2004. Doutora em História Social pela UFRJ, em 2009. Técnica em Assuntos Culturais do Museu Histórico Nacional. Professora do MBA de Gestão de Museus da Universidade Candido Mendes e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UNIRIO).

Museu Colonial e Histórico de Lújan e com o Arquivo e Museu Histórico Nacional de Montevideu”, para o livro *Museografia e Arquitetura de Museus Pesquisa e Patrimônio*, organizado por Cêça Guimaraens e Diego Dias, de 2019 e “Formação em Museologia no Brasil: rupturas e transformações nas décadas de 1960 e 1970”, para o livro *Museologia e Patrimônio*, Instituto Politécnico de Leiria, organizado por Fernando Magalhães, Luciana Ferreira da Costa, Francisca Hernández e Alan Curcino, em 2019.

2.3.6 – Teses, Dissertações e Monografias

Diversas teses de doutorado, dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão de curso foram realizados tendo como fonte de pesquisa o acervo NUMMUS. As teses de doutorado em desenvolvimento do PPG-PMUS: *Estudo da cultura material no Curso de Museus-MHN (1932-1966): Indagações sobre a construção de uma metodologia*, iniciada em 2019, de Ludmila Leite Madeira da Costa e *A Mulher no Nascente Mercado de Trabalho na Museologia na Era Vargas: Anos 30, 40 e 50*, iniciada em 2018, de Raquel Villagran Reimão Mello Seoane.

As dissertações de mestrado do PPG-PMUS: *Curso de Museus-MHN: perfil do aluno e atuação profissional*, 2007, de Graciele Karine Siqueira; *A Reforma Curricular do Curso de Museus em 1944. A Ação Educativa do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro na Gestão Maria Elisa Carrazzoni*, 2013, de Valeria de Lima Roitman¹³⁷; *Transformações no Campo da Museologia e dos Museus no Brasil da década de 1940*, 2014, de Raquel Villagrán Reimão Mello Seoane; *Contribuições da ABM para a constituição do campo profissional no Brasil (1963-85)*, 2015, de Natália de Figueiredo Biserra¹³⁸; *O Ensino de Preservação-Conservação no Curso de Museologia da UNIRIO de 1932 até a atualidade*, 2015, de Luana da Conceição Martins¹³⁹; *Transformações Conceituais do Curso de Museus do MHN E do Curso de Museologia - FEFIERJ/UNIRIO: um novo olhar sobre a formação em Museologia na década de 1970*, 2015, de Gustavo Oliveira Tostes¹⁴⁰; e *Contexto e Impacto do Programa de Bolsas de Estudos Portuguesas na Formação em Museologia no Brasil (1964-1973) - Experiência de Maria Augusta Machado*, 2018, de Anna Laudicea Itaborai Echternacht.

¹³⁷ **Valéria de Lima Roitman**, museóloga (2013), doutora em Engenharia Civil pela UFRJ, 2001. Professora da PUC-RJ e tecnologista sênior da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

¹³⁸ **Natália de Figueiredo Biserra**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2014. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2017. MBA em Gestão de Museus na Universidade Candido Mendes, 2019.

¹³⁹ **Luana da Conceição Martins**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2014. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2017. Especialização em andamento em Peritagem e Avaliação em Obras de Arte, na Universidade Santa Úrsula. Primeiro-Tenente da Marinha encarregada do Museu Oceanográfico do Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira.

¹⁴⁰ **Gustavo de Oliveira Tostes**, graduou-se pelo Curso de Museologia em 2013. Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, 2017. Museólogo da Prefeitura Municipal de Miracema

Os trabalhos de conclusão de curso da Escola de Museologia: Além da memória institucional: a Coleção Maria Augusta Machado e suas relações com o Museu Interior, de Anna Laudicea Itaborai Echternacht, no ano de 2013; A trajetória da coleção didática do Prof. Gerardo Carvalho, da sua aquisição aos seus distintos usos, de Cecília Oliveira Ewbank, em 2013; Curso de Museologia - UNIRIO - 1975-2º à atualidade: transformações conceituais e análise discente, de Gustavo de Oliveira Tostes, em 2013; A Inserção da Arte Contemporânea no Currículo do Curso de Museologia e sua importância para a formação do Museólogo, de Laura Eidintas Keenan Salgado, em 2013; Núcleo de Preservação e Conservação de Bens Culturais - NUPRECON Violeta Cheniaux: sua criação e importância para o ensino no Curso de Museologia - UNIRIO, de Luana da Conceição Martins, em 2013; A Trajetória do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional através da mídia impressa da década de 1920 à década de 1950, de Raquel Villagrán Reimão Mello Seoane, em 2013; 10 anos do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS: análise do processo de musealização, de Isaura Paiva de Sá, em 2016; Museu do Serro - Estudo Preliminar sobre Projeto de Complexo Museológico na Cidade do Serro/MG, Idealizado por Ecylla Castanheira Brandão, de Dominic Zaira Pimentel de Carvalho, em 2016; As excursões do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1945-1969): desdobramento e sua importância para o Curso de Museus, de Nuenne de Abreu Tinoco, em 2016; Musealização do material numismático da Coleção Therezinha de Moraes Sarmento: uma breve análise, de Poliana Martins dos Santos, em 2017; O Curso de Museus e seu pioneirismo na concretização de Políticas de Preservação no Brasil, de Flora Pinheiro Hernandez, em 2018 e Gestão de Museus: Proposta de Planejamento para o Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS, 2019, de Beatriz Silva Cunha.

2.3.7 – Cadastro de Pesquisadores

O acervo do Núcleo tem a intenção de ser um arcabouço referencial sobre a memória e a história da Museologia, em especial do Curso de Museus e suas irradiações na prática museológica brasileira, desde o início do trabalho, o acervo foi organizado, acondicionado e inventariado, ou seja, preparado para ser disponibilizado à pesquisadores. Mesmo com as dificuldades de infraestrutura, o Núcleo realiza pesquisas, em conjunto com o Projeto de Pesquisa Preservação e Recuperação da Memória da Museologia no Brasil, e divulga seus resultados em eventos e publicações, como citamos nos tópicos anteriores.

Concomitantemente às pesquisas realizadas pelos membros do Grupo de Pesquisa e no âmbito dos projetos de extensão, muitos alunos bolsistas do Núcleo, durante a graduação, realizam o trabalho de conclusão do Curso de Museologia sobre

coleções e temas presentes no NUMMUS, podendo seguir esse tema de pesquisa no mestrado e no doutorado, em especial no PPG-PMUS. Os trabalhos desenvolvidos nesse contexto foram citados nos itens anteriores desta dissertação.

Desde o início havia a ideia do acervo do NUMMUS ser disponibilizado a profissionais de outras instituições, no entanto, durante praticamente dois anos, somente os pesquisadores do próprio Núcleo tinham acesso às coleções, não somente pelo trabalho de pesquisa, mas sobretudo pelas atividades de organização e tratamento técnico. As primeiras iniciativas no sentido de disponibilizar o acervo a pesquisadores externos ocorreram em 2007 e 2008, quando já havia um certo quantitativo de itens inventariados. Isto era favorável à divulgação, sobretudo porque os itens inventariados extrapolam o âmbito do Curso de Museus e faziam conexões com outras instituições, inclusive museus nacionais, bem como sobre movimentações da classe museológica como um todo, como o processo de criação da ABM (1963) e da luta pela regulamentação da profissão e eventos de repercussão nacional e internacional, como o Seminário da UNESCO para Educação em Museus (1958), a criação da ONICOM – Organização Nacional do ICOM (1948) e os primeiros Congressos Nacionais de Museus (1956, 1959, 1962, 1964). Neste início de disponibilizar o acesso a pesquisadores os trâmites eram muito informais e a preocupação maior era possibilitar que o acervo fosse pesquisado, mesmo considerando as dificuldades internas. Apesar de não haver registros documentais duas pesquisadoras ficaram na memória. A primeira delas, Carina Martins Costa¹⁴¹, professora da UERJ, cuja tese de doutorado em História, Política e Bens Culturais, da Fundação Getúlio Vargas, “Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio” teve um capítulo totalmente fundamentado nas coleções Nair de Moraes Carvalho, F. dos Santos Trigueiros e Maria Eliza Carrazzoni. Além de pesquisar nestas coleções, o NUMMUS possibilitou à pesquisadora o contato com estes titulares, vivos à época, ou seja, 2007 e 2008, viabilizando a coleta de depoimentos que foram igualmente importantes à sua tese que versou basicamente sobre questões relativas à Educação em Museus.

Outra pesquisadora digna de nota, apesar de não ter sido registrada, refere-se a que foi realizada por volta de 2009, por Fátima Cristina dos Santos Gonçalves¹⁴² para sua Especialização em Administração Pública, da Fundação Centro Estadual de

¹⁴¹ **Carina Martins Costa**, graduou-se em História pela UFJF, em 2000. Mestre em Educação pela UFJF, em 2003. Mestrado profissional em Gestão em Bens Culturais e Projetos Sociais pela FGV, em 2005. Doutora em História, Política e Bens Culturais pela FGV, em 2011. Professora da UNIRIO e da UERJ.

¹⁴² **Fátima Cristina dos Santos Gonçalves**, graduou-se em História pela UFF, em 1992. Mestre em História pela UFF, em 1996. Especialização em Administração Pública, pela CEPERJ, em 2010. Aperfeiçoamento em Gestão de Acervos Bibliográficos, Arquivísticos e Museológicos, pela Fundação Joaquim Nabuco, 2016. Professora do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro - CEPERJ, cujo trabalho final “Lembrar e Esquecer: Os museus do Estado nas discontinuidades da gestão pública fluminense” tratou de políticas de museus na década de 1970 e utilizou as coleções Neusa Fernandes e Adua Nesi, sobretudo em relação a matérias de jornais relativos à Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro - FEMURJ e a vários museus deste estado.

Estes dois exemplos são bastante significativos do atendimento realizado pelo NUMMUS desde os primeiros anos de existência, não só para pesquisadores de universidade, mas também de museus do Rio de Janeiro, como o Museu Nacional de Belas Artes e o Museu da República que recorreram ao acervo do Núcleo para realização de depoimentos, levantamentos de dados e documentários.

Esta demanda cresceu a partir dos anos 2010, inclusive em decorrência da entrada de novas coleções levando a coordenação do Núcleo a implantar, em 2012, um Cadastro de Pesquisadores como forma de registrar as buscas e os atendimentos e possibilitar um mapeamento de temas e trabalhos, coleções mais acessadas, nível acadêmico dos pesquisadores, objetivos das pesquisas e etc.

O documento consiste numa ficha que precisa ser preenchida após a consulta ao acervo, sendo é indicado para qualquer usuário, mesmo para os que trabalham no Núcleo e estão realizando um trabalho pessoal. A ficha conta com os campos: nome; endereço; telefone; *e-mail*; instituição; profissão; objetivo da pesquisa: Trabalho Acadêmico, TCC, Monografia - Especialização, Monografia - Mestrado, Monografia - Doutorado, Dissertação de Mestrado, Tese de Doutorado, Pós-Doutorado, Grupo de Pesquisa, outros; tema; utilização de que tipo de material: *Clippings*, Fotografias, Documentos, Biblioteca, Objetos de Arte, outros; coleções pesquisadas; data e assinatura.

Atualmente há 148 fichas preenchidas, a maioria dos campos do cadastro são abertos e alguns pesquisadores não completam todos. Há também divergências no preenchimento do campo coleções pesquisadas, em que muitos usuários preenchem os itens das coleções e não identificam o nome delas, dificultando a identificação dessa informação. Foram cadastradas 125 fichas por mulheres e 23 por homens¹⁴³, muitos pesquisadores se repetem pois, visitaram o acervo diversas vezes. Foram 61 pesquisadores diferentes que buscaram base referencial para suas pesquisas no

¹⁴³ Esse dato foi identificado através da flexão de gênero utilizada no campo profissão, não há um item específico para essa identificação no cadastro. É interessante que futuramente se adicione esse campo para possibilitar pesquisas mais aprofundadas sobre o dado.

NUMMUS, sendo 48 mulheres e 13 homens. A maioria feminina reflete o campo museológico brasileiro que tem forte atuação de mulheres.

Sobre o Estado de origem dos pesquisadores, podemos destacar que a maioria é do Rio de Janeiro, 41 entre os 61. O NUMMUS se encontra na UNIRIO, facilitando o acesso à pesquisa de quem é do estado pela proximidade. Dos que não são do RJ, 4 são de Santa Catarina, 4 de Minas Gerais, 4 de São Paulo, 2 do Rio Grande do Sul, 2 do Ceará, 2 do Distrito Federal, 1 de Pernambuco e 1 de Goiás. Há possibilidade de alguns pesquisadores computados como do estado do Rio de Janeiro serem de outros estados e estarem morando no RJ sazonalmente para a realização de mestrado ou doutorado no PPG-PMUS. O Núcleo de Memória atende muitos destes usuários para a realização de pesquisas para disciplinas do programa e para suas dissertações ou teses.

Em relação à instituição, muitos pesquisadores identificaram várias instituições que incorporam tanto como alunos, quanto como funcionários. Entre as universidades citadas, dos 61 pesquisadores, 22 se identificaram com a UNIRIO, 5 com a Universidade Federal de Santa Catarina, 3 com a Universidade Federal de Ouro Preto, 2 com a Universidade de São Paulo, 2 com a Universidade de Brasília, 1 com a Universidade Luterana do Brasil - RS, 1 com a Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul, 1 com a Universidade Federal de Juiz de Fora, 1 com a Universidade Lusófona - Portugal, 1 com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1 com a Universidade Federal do Pará, 1 com a Universidade Federal Fluminense, 1 com a Universidade Federal de Alfenas - MG e 1 com a Universidade Federal do Ceará. Dentre os programas e institutos, foram citados 9 vezes o PPG-PMUS, 1 vez o Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1 vez o Programa de Pós-Graduação em História da UFC e 1 vez o Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO. Também foram citados museus e fundações: MAST (5 vezes), Museu Campos Gerais da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR, Museu Nacional, Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Joaquim Nabuco, Museu do Futebol, Museu Histórico Nacional, Fundação Oswaldo Cruz e Automóvel Club do Brasil (cada um uma vez). Alguns pesquisadores não identificaram instituições.

O campo designado para a profissão também é preenchido múltiplas vezes pelos pesquisadores. A maioria se identificou como museólogo¹⁴⁴ ou estudante de Museologia¹⁴⁵, 41 entre os 61. Essa soma foi feita pois muitos estudantes após se formarem continuaram pesquisando no Núcleo e passaram a se identificar como

¹⁴⁴ 27 pesquisadores.

¹⁴⁵ 14 pesquisadores.

museólogos. Outras profissões foram citadas: historiador (3 vezes), restaurador, conservador, arqueólogo, servidor público, educador, antropólogo, arquiteto (1 vez cada). Houve 12 menções de professores, muitas vezes acompanhadas de outras profissões, como museólogo e professor¹⁴⁶.

Em relação ao número absoluto de fichas - 148, o objetivo de pesquisa mais mencionado é a realização de tese de doutorado (36 fichas), seguido de dissertação de mestrado (32 fichas) e trabalho de conclusão de curso (30 fichas). O Núcleo também é procurado para a elaboração de trabalhos acadêmicos, foram 17 preenchimentos desta opção, por Grupos de Pesquisa (9 fichas) e por professores para pesquisa docente (8 fichas). Foram realizadas outras menções como exposição, artigo, pesquisa de iniciação científica, pesquisa histórica, projeto de doutorado, monografia de especialização e apresentação em evento.

A busca por documentos pertencentes às coleções do NUMMUS corresponde a 138 das visitas de pesquisadores. As fotografias foram pesquisadas 35 vezes, os *clippings* 21 vezes e a biblioteca 15 vezes. Outros materiais também foram citados como coleções de numismática e *slides*. As coleções mais pesquisadas foram Therezinha de Moraes Sarmento (36 menções), Regina Liberalli Laemmert (16 menções), Fernanda de Camargo Moro (12 menções), Ecylla Castanheira Brandão (11 menções), Nair de Moraes Carvalho (8 menções) e Maria Eliza Carrazonni (7 menções). As coleções institucionais do NUMMUS também foram pesquisadas, em especial a coleção Escola de Museologia (33 menções).

Os temas dos trabalhos desenvolvidos são variados: educação em museus, excursões do Curso de Museus do MHN, mobiliário, exposições curriculares do Curso de Museus/Curso de Museologia, arqueologia, indumentária, política no campo museológico, bolsas de estudos do MHN, igrejas históricas do Rio de Janeiro, ecomuseu no Brasil, Museologia e museografia, museus de território, Associação Brasileira de Museologia - ABM, regulamentação da profissão de museólogo, ensino e formação profissional, Conselho Internacional de Museus - ICOM, Congresso Nacional de Museus, história da Museologia, museus ferroviários, conservação e restauração, além de pesquisas sobre profissionais da Museologia: Geraldo Pitaguary, Therezinha de Moraes Sarmento, Gustavo Barroso, Ecylla Castanheira Brandão, Fernanda de Camargo Moro, Regina Liberalli, Mario Chagas, Waldisa Russio entre outros.

¹⁴⁶ Há muitas fichas não preenchidas e outras preenchidas com duas ou três profissões, devido a isso a soma das profissões citadas não corresponde ao número absoluto de pesquisadores.

A análise preliminar dos dados do Cadastro dos Pesquisadores serve como uma breve apresentação do potencial do acervo do NUMMUS para pesquisas de diversos temas no campo museológico, estudos relacionados a teoria museológica, a prática nos museus, a atuação de profissionais, a história dos museus e da formação em Museologia no país. O Núcleo também tem acervo sobre diversas personalidades da área, não só daquelas formadas e pertencentes ao Curso de Museus do MHN, mas também de outros cursos e Estados, como no caso de Waldisa Russio.

A disponibilização do acervo para pesquisadores favoreceu o desenvolvimento de diversos trabalhos, mas falta infraestrutura para receber, atender melhor os usuários e depois acolher cópias dos produtos de suas pesquisas para também disponibilizá-los. Essa atividade realimente continuamente as referências para a construção do campo museológico brasileiro. Um espaço físico próprio, uma equipe de trabalho maior e financiamento possibilitará não só desenvolver as atividades de pesquisas realizadas pelo NUMMUS, mas também novos estudos realizados por pesquisadores externos.

CAPÍTULO 3

DISCUSSÃO CONCEITUAL SOBRE O NUMMUS

3 – DISCUSSÃO CONCEITUAL SOBRE O NUMMUS

3.1 – Discussões teóricas

As atividades do NUMMUS concentram-se no estudo da Memória e da História da Museologia. O processo de coleta e organização das coleções particulares reúne lembranças, narrativas e elementos comuns que remetem ao imaginário coletivo de um grupo, ou seja, à trajetória de museólogos que trabalharam para a formação do campo museológico e do estudo da Museologia no Brasil (SIQUEIRA, GRANATO, SÁ, 2008, p. 143-146).

Icléia Thiesen defende que a memória é fundamental para o funcionamento das instituições, pois é responsável pela identificação da instituição e sua reprodução na sociedade. O conceito de memória institucional pode se relacionar com diversos conceitos: de história, de memória, de poder, de tempo, de patrimônio. A congruência destes conceitos, inclusive de memória individual e memória coletiva, é capaz de elucidar a importância da preservação da memória no seio das instituições (THIESEN, 1995, p.47).

Marc Bloch, em *Apologia da História, ou, o Ofício do Historiador*, considera que a história é a ciência que estuda o ser humano no tempo, sendo assim, seu objeto de estudo é o indivíduo em sua pluralidade. Na concepção de Bloch a história não está limitada ao passado, pois estuda também o presente e principalmente as relações da humanidade na temporalidade (BLOCH, 2001, p. 54).

Diferentemente, para Jacques Le Goff, a história é a ciência do passado, pois esse é o objeto de estudo da história. Neste sentido, o passado é estudado buscando reconstruir as suas causas, procurando respostas e criando uma interação entre passado e presente (LE GOFF, 1990, p. 26-27). No ensaio *História e Memória*, Le Goff defende a importância do conceito de memória. A memória é a capacidade do homem de guardar informações específicas. Essa capacidade é possível porque o ser humano possui funções psíquicas que podem atualizar tanto suas próprias lembranças quanto às passadas ou reinterpretadas como passadas, isto é, a recordação ou o esquecimento têm relação, consciente ou inconsciente, com fatores exercidos sobre a memória individual e coletiva. Os “esquecimentos e silêncios” da história comprovam essa relação com a memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 424-426). Segundo Le Goff a relação entre história e memória existe:

[...] porque há pelo menos duas histórias [...]: a da memória colectiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrónica, mas constitui o vivido dessa relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria ser) e os *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros (LE GOFF, 1990, p. 166).

O conceito de memória para Halbwachs relaciona-se com o tempo. A memória relembra um acontecimento que tem sentido quando analisado junto ao grupo que viveu o fato em comum. Essa lembrança se modifica no tempo, pois é reconstruída através de fragmentos do passado, por isso tanto a sociedade quanto o tempo interferem na memória. O autor defende que há memória individual, porém enfatiza sua relação com a memória coletiva:

[...] a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contigência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (HALBWACHS, 2013. p. 14).

Da memória coletiva saem indicações necessárias para reconstruir partes do passado que, por sua vez, se apresenta de maneira incompleta e que o indivíduo acredita que tenha saído inteiramente de sua memória. Halbwachs defende que os contextos sociais atuam como base no fenômeno de recordação e localização das lembranças. A categoria de memória coletiva subverte a dimensão individual da memória, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, pois nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. Nesta ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva, já que a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos nos quais está inserido e, conseqüentemente, é influenciado por eles, pois cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Segundo Icléia Thiesen, a memória institucional tem um conceito híbrido que exclui e inclui o social e se reelabora em função do tempo, nos acontecimentos históricos, “conquistas, legados, acontecimentos, mas também vicissitudes, servidões, escuridão” (THIESEN, 1997, p.145). As instituições devem ser entendidas como um fenômeno coletivo, pois estão submetidas às mudanças da existência coletiva que promovem dinâmica. Devido a isso, há um processo seletivo para reter somente as

informações que são importantes para o funcionamento das instituições. Estas informações devem ser colhidas não só nas fontes internas, mas também nos limites institucionais já que funcionam em rede na sociedade. Assim, a memória institucional é influenciada pelos indivíduos que compõem as instituições (THIESEN, 1997, p.147).

No NUMMUS, o acervo é majoritariamente composto de coleções particulares. Segundo Pomian, as coleções são reuniões de objetos, naturais ou artificiais, que são mantidos sem o intuito de exercer atividade econômica. Esses objetos são protegidos num local específico e expostos ao público. Na maioria dos casos, essas condições são possíveis em museus, bibliotecas, arquivos e coleções particulares (POMIAN, 1984, p.52). Cada um desses objetos torna-se um semióforo, pois são importantes pelo seu significado, e não mais pela sua utilidade, ou seja, são representantes do invisível (POMIAN, 1984, p. 77). O autor defende que a função das coleções é possibilitar aos expectadores terem contato com toda a história e memória que pertençam ao objeto:

[...] exactamente por causa da função que lhes é atribuída – função que consiste em assegurar a comunicação entre os dois mundos nos quais se cinde o universo –, os objectos são mantidos fora do circuito das actividades económicas. Mas ver-se-á também que, exactamente por causa da sua função, são considerados objetos preciosos, e que portanto sempre se tentou reintroduzi-los neste circuito para trocá-los por valores de uso, por coisas; por este motivo devem ser submetidos a uma protecção especial. Constata-se então que os objectos não podem assegurar a comunicação entre os dois mundos sem serem expostos ao olhar dos seus respectivos habitantes. Só se esta condição for satisfeita é que se tornam intermediários entre aqueles que olham e o mundo que representam (POMIAN, 1984, p.66).

Rangel defende que toda a coleção retrata uma parte específica da realidade e os objetos que compõem essas coleções são fragmentos do real. Nos museus, as coleções são compostas de objetos museológicos, que devem ser documentados, pesquisados e exibidos, não só pela estética ou raridade, mas pelo significado que representam. Os museus devem promover relações entre os objetos das coleções e criar hipóteses das congruências para a sociedade.

Os objetos museológicos podem ser compreendidos como objetos no museu e na “organicidade” das coleções, onde foram desprendidos de suas funções originais. A nova relação com o presente se faz com associações estreitas com o seu semelhante, isto é, o objeto que compõe a mesma coleção insere-se na categoria complementar ao quebrar sua mera existência na cadeia produtiva econômica e ao dotar-se de uma aura no espaço museológico (RANGEL, 2011, p.149).

A identificação das coleções do Núcleo é feita a partir do nome de seus titulares e cada coleção refere-se, a *priori*, à história de vida e trabalho de um profissional. No caso do Núcleo, o fato do acervo ser organizado em coleções facilita a pesquisa e a

formação da memória da Museologia brasileira, partindo de referências sobre o Curso de Museus do MHN, a Escola de Museologia da UNIRIO e a própria Museologia como campo disciplinar, uma vez que essas coleções remetem à produção técnica dos museólogos, museus e instituições museológicas; associações de classe, congressos, eventos, encontros de profissionais dos Museus, do Patrimônio e da Museologia. Cada coleção, mesmo associada a um mesmo eixo temático estrutural, isto é, História da Museologia, assume características peculiares em decorrência da trajetória profissional de seu titular, atuação regional ou nacional, bem como das instituições onde trabalhou que podem, igualmente, ter um alcance local, nacional ou mesmo internacional. Ou seja, museus, órgãos de patrimônio e instituições congêneres, ou ainda em associações de classe, sobretudo do campo da Museologia.

Para Thiesen, as instituições são consequências das relações sociais, que sofrem impacto das relações de poder definindo a instituição. São criações sociais, pois envolvem a coletividade, inserida em um mesmo contexto cultural e acontecimento específico. As instituições são construídas ao longo do tempo e têm um caráter de controle social. Estas organizações estabelecem regras e padrões de conduta para seus membros ou sociedades a que pertencem. Este regulamento é fundamental para o funcionamento da instituição, pois trazem a ela regularidade e estabilidade. São também uma identificação da organização, já que determinam e mantêm uma ordem sobre sua definição (THIESEN, 1997, p.80).

Conforme o Regulamento do NUMMUS, ele constitui, de acordo com o projeto recentemente encaminhado à Decania do CCH, um núcleo multidimensional na medida em que se fundamenta no desenvolvimento de programas e projetos integrados de ensino, pesquisa, extensão e cultura do campo da Museologia e, especialmente, no que tange às suas interfaces com a Preservação e a Memória. Ao discutir conceitualmente e institucionalmente o NUMMUS, podemos refletir sobre sua relação com a UNIRIO, conforme o Regulamento do Núcleo e a legislação desta Universidade. E também podemos observar a atividade fim que o Núcleo realiza ou tem potencialidade de realizar, ou ainda que tipo de instituição o NUMMUS pode se transformar.

Arquivos, bibliotecas e museus são instituições de memória que têm características convergentes. Segundo Nora, os lugares de memória são fenômenos da sociedade atual em que a aceleração dos acontecimentos e a globalização geram uma ruptura com o passado. Isto faz com que a sociedade perca os meios da memória. Por isso há a necessidade de lugares para resguardar as memórias do esquecimento (NORA, 1993, p.7,8). Assim, as três instituições têm como função básica coletar, preservar, organizar e disponibilizar para o público, com fins educacionais ou de

pesquisa, o patrimônio que lhes pertence. Estas instituições também são em maioria públicas e não têm fins lucrativos.

A Biblioteconomia é uma área de conhecimento especializada na organização e administração das bibliotecas, principalmente nas atividades de seleção, aquisição, organização, além da disseminação de publicações, independente do suporte físico (TARGINO, 1995, p.13-14). Discutindo esse conceito, Francis Miksa e outros autores da área, identificaram um paradigma na Biblioteconomia. Esse paradigma consiste que a biblioteca é identificada como uma instituição social, é caracterizada em sua propriedade institucional e suas funções:

Sob o enfoque deste paradigma, a biblioteca existe, principalmente, para tornar possível o uso, por um dado público, de suas coleções de documentos. Para isso, ela exerce várias tarefas, tais como aquisição, organização e arranjo físico dos materiais coletados. O exercício dessas tarefas exige ferramentas apropriadas e pessoal especializado, o que vai desde a seleção e a aquisição até a recuperação das coleções e o seu uso (OLIVEIRA, 2005, p.18).

Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, o conceito de arquivo pode ter vários significados. Um arquivo pode ser: um conjunto de documentos, independente do suporte, que são reunidos por pessoas físicas ou jurídicas, privadas ou públicas; a instituição que se responsabiliza pela custódia, pelo tratamento documental, pela conservação e pela utilização dos arquivos; ou a instalação em que o arquivo está inserido e o móvel no qual os documentos são guardados (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 27).

Para Schellenberg, um arquivo pode ser definido por três fatores abstratos: pela finalidade em que os materiais foram produzidos e acumulados, pelos valores que causam a preservação do arquivo e pela perpetuação do arquivo, fator que comprova sua autenticidade (SCHELLENBERG, 1974, p.15-17). Sobre arquivos pessoais, o autor defende que podem ser diferenciados dos arquivos públicos pela sua origem. Arquivos com coleções naturais ou orgânicas são aqueles constituídos no decorrer da acumulação de documentos da entidade em que o arquivo pertence. Os arquivos com coleções artificiais são organizados de acordo com algum critério de acordo com o colecionador:

Em oposição às coleções naturais de papéis privados, as coleções artificiais de tais papéis são constituídas depois de ocorridas as ações a que se relacionam, não concomitantemente, e em geral derivam de diversas fontes, e não de uma única. São, além disso, verdadeiras coleções, no sentido de que várias peças são 'coleccionadas', isto é, reunidas. No caso de papéis de família, por exemplo, a coleta terá sido feita, provavelmente, por um determinado membro da família, talvez

um filho da pessoa cujos papéis estão sendo preservados. A coleta, é lógico, pode também ser feita por outros: colecionadores para fins comerciais, estudiosos, curadores ou arquivistas para fins genealógicos ou de pesquisas. O próprio depósito de manuscritos criará comumente pelo menos uma coleção artificial de peças avulsas, adquiridas peça por peça de várias fontes (SCHELLENBERG, 1974, p. 271).

Para Luciana Heymann, arquivos privados pessoais são conjuntos documentais de origem pessoal, pois cabe à pessoa física selecionar os documentos que devem ser acumulados. A autora defende que os arquivos pessoais são criados num processo de retenção de documentos com uso de critérios e interesses para a constituição do arquivo. Por esse motivo, há uma lógica particular nessa constituição e essa ordem deve ser mantida se o material for doado para uma instituição arquivística. (HEYMANN, 1997, p. 42-43).

Em relação ao acervo do NUMMUS, pode-se afirmar que ele é processado pautando-se na documentação museológica. A documentação museológica é um processo de decodificação dos itens de coleção de acervos museológicos. Segundo Helena Dodd Ferrez, a documentação museológica pode ser considerada conceitualmente como uma reunião de informações de cada objeto através de um conjunto de informações escritas e visuais (fotografias e outras imagens), tendo como intuito criar um sistema de recuperação de informação para disponibilizar fontes de pesquisa e disseminação de conhecimento (FERREZ, 1991, p.1).

O NUMMUS realiza o inventário de seu acervo. A primeira etapa é de registro dos objetos, em que cada item recebe uma identificação numeral única e a identificação da coleção a que pertence. Quando o titular/doador já fez algum tipo de organização temática, normalmente em pastas, esta organização, isto é, esta “lógica particular”, conforme Heymann, é mantida. Entretanto, quando os objetos estão dispersos, é feita uma organização por núcleos temáticos para facilitar o acondicionamento e, sobretudo, o acesso da informação. Assim é elaborado um inventário da coleção, concentrando informações sobre os itens que a compõe. Este documento serve para recuperar a informação, como uma documentação museológica. Observando as atividades de processamento técnico desempenhadas pelo Núcleo: a identificação e organização, higienização, inventariação, numeração, acondicionamento, conservação, comunicação, além da pesquisa para subsidiar todas essas etapas, podemos depreender que a instituição realiza quase que integralmente a musealização de seu acervo, já que falta a realização de exposições.

O termo musealização é considerado como um processo teórico e prático de atribuição de valores. Baseando-se na teoria de Bourdieu do poder simbólico, que é um

poder de construção da realidade, podemos defender que a musealização é uma representação do poder simbólico (LIMA, 2008, p.181). Bourdieu acredita que: “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, 7-8). Portanto, o processo de musealização não é orgânico, é um processo intencional com atribuição de valores, de quem elabora a narrativa.

Vários autores do campo museológico definiram o termo musealização. Stranský, nos anos 1970 e 1980, desenvolveu um vocabulário específico de Museologia, com o intuito de consolidá-la como uma ciência social. Para ele musealização pode ser definida como:

[...] uma expressão da tendência humana universal de preservar, contra a mudança e a degradação naturais, os elementos da realidade objetiva que representam os valores culturais que o homem, enquanto ser cultural, tem a necessidade de conservar de acordo com seu próprio interesse (STRANSKÝ, 1995, p. 28-29, apud SOARES, BARAÇAL, 2017, p.146).

Stranský tentava definir o objeto científico da Museologia, pois, para ele, a instituição museu não seria o objeto adequado para essa nova ciência. O museu era somente um instrumento, por se tratar de uma instituição. O objeto da Museologia mais adequado seria a musealidade, ou seja, a qualidade, ou o “valor documental específico” dos objetos de museus, que Stranský denomina de museália (SOARES, BARAÇAL, 2017, p.147).

Outro teórico muito influenciado por Stranský foi Maroevic. Esse pesquisador analisa a musealização a partir da qualidade dos objetos, ressaltando a musealidade. Para ele, a musealidade é a potência de um objeto, que está inserido em outra realidade, de documentar a realidade em que pertenceu. O objeto retrata seu contexto de origem – do seu tempo passado –, estando inserido no museu, ou seja, no tempo presente, sendo um documento do mundo real. Sobre a relação entre musealização e musealidade, o autor afirma que: “Musealidade é o valor não material ou o significado de um objeto que nos dá o motivo de sua musealização. Musealização é o processo que permite aos objetos viver dentro de um contexto museológico” (MAROEVIC, 1997, p.129).

Schreiner tem uma visão contrastante com a visão de Stranský e Maroevic. Este teórico discorda da concepção de Stranský de que o objeto de estudo da Museologia é a musealidade, pois, para Schreiner, outras disciplinas científicas também estudam o

valor documental dos objetos. Para ele, o objeto de estudo da Museologia deveria ser as atividades realizadas no museu:

O objeto de estudo que abrange a Museologia é o conjunto de atributos, estruturas e leis de desenvolvimento, determinando o processo complexo de aquisição, preservação, decodificação, pesquisa e exibição de objetos originais selecionados da natureza e da sociedade como fontes primárias de conhecimento (SCHREINER, 1980, p.136).

Para Davallon, a musealização consiste em transformar o *status* do objeto em um objeto de museu. Essa transformação é uma operação científica que precisa ser certificada por uma instituição, pois é no processo de musealização que o museu atribui significados ao objeto. Essa interpretação pode variar de acordo com a instituição museológica a que o objeto pertence, fazendo que os significados dos objetos dependam do museu. Por isso, todo o processo – inventário, fotografia, restauração – é importante na musealização (DAVALLON, 2009, p. 12-16).

Outro relevante autor da área museológica, Peter van Mensch, investiga conceitos importantes do campo. Para Mensch, as atividades museológicas básicas são:

[...] preservação (que inclui a coleta, conservação, restauração e documentação) e a comunicação (que inclui a exibição e a educação). Dever-se-ia também mencionar uma atividade que constitui a terceira função básica de uma instituição museológica: a pesquisa (MENSCH, 1992, p. 105-106).

Ainda segundo Mensch, no que diz respeito ao objeto, o autor acredita que é um portador de dados, um portador de informação. Uma vez selecionado e colocado no contexto do museu, o objeto ganha uma função de documento da realidade do contexto original em que pertencia. A brasileira Waldisa Rússio Guarnieri tem um pensamento similar ao de Mensch, ela defende que a musealização considera a característica documental de testemunho e autenticidade dos objetos.

Rússio incorpora à Museologia a ideia de fato social, cunhando o termo “fato museal”. Esse termo se refere a todos os eventos relacionados ao processo de musealização. De acordo com seu pensamento, a Museologia é a ciência que estuda o fato museológico:

2. [...] O objeto da Museologia é o fato “museal” ou fato museológico. O fato museológico é a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor –, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. [...] 4. Essa relação profunda entre homem e objeto (objeto, ideia, criação), que constitui o fato “museal” ou fato

museológico, se estabelece no recinto institucionalizado do museu (GUARNIERI, 1981, p.123-124).

Cristina Bruno tem uma concepção de Museologia/musealização baseada na concepção de Rússio. A autora observa que a musealização tem um respaldo na sociedade, assim o processo museológico precisa atingir a sociedade. Para ela, a musealização é um processo composto de fatores e procedimentos que viabilizam que o patrimônio cultural seja reconhecido como uma “herança”, passível de atividades de preservação e comunicação (BRUNO, 1996, p. 56).

Outra autora brasileira a discutir questões museológicas, Marília Xavier Cury defende que a musealização é uma ação técnica e conceitual de institucionalização. Nesta ação, são atribuídos valores e significados a fragmentos da cultura material, por meio de uma atividade seletiva. O ato de valoração é o que caracteriza a musealização:

Se entendemos musealização como valorização de objetos, entendemos também que os objetos, no âmbito dos museus, são valorados basicamente em quatro momentos. [...] a primeira pelo "olhar museológico", a segunda quando retirado de seu contexto para integrar o acervo da instituição (ou in situ), a terceira para agir como suporte material de uma idéia e a quarta ao associar-se a outros objetos e recursos sensoriais e organizados em um espaço arquitetônico com vistas à comunicação (CURY, 1999, p. 52 e 54).

Para Mario Chagas a musealização é um dispositivo seletivo e político de atribuição intencional de valores socioculturais. Dentre tudo que pode ser musealizável, apenas algumas coisas são selecionadas e lhes são conferidos novos significados e funções, muitos destes não existentes anteriormente. Dentre as qualidades: “documentalidade, testemunhalidade, autenticidade, raridade, beleza, riqueza, curiosidade, antiguidade, exotividade, excepcionalidade, banalidade, falsidade, simplicidade e outras não previstas”. Estas ações fazem parte das práticas sociais relacionadas ao museu: reunir, guardar e expor objetos num espaço específico, com a intenção de lembrar, exemplificar e influenciar, desenvolver estudos e pesquisas construindo narrativas (CHAGAS, 2009, p.22).

A museóloga e teórica brasileira Teresa Scheiner também estuda as relações entre museu, Museologia e musealização. Segundo ela, o museu abrange um conjunto de memórias de indivíduos que, em maioria, estão materializadas em objetos. Assim, estes objetos são documentos do mundo real, por isso adquirem uma nova função de “signo do discurso museológico” (SCHEINER, 1998, p.10-18). Ainda segundo a autora:

Mas se considerarmos que a Museologia é um conjunto de ideias que tem como objetivo criar uma linguagem de comunicação específica para os museus, por meio da aplicação de métodos e técnicas

específicos, estaremos defendendo a Museologia enquanto ciência. Neste caso, ela não é apenas perfeitamente capaz de desenvolver-se por conta própria, como é (e tem sido) capaz de gerar novas formas de museus. O Museu é visto aqui como instrumento da Museologia, como campo de experimentação da ciência museológica, podendo então coexistir as mais diversas formas de museus (SCHEINER, 1987, p.127).

Por outro lado, Diana Farjalla Correia Lima estuda o processo de musealização atrelado ao processo de patrimonialização, pois em sua concepção ambos são relativos ao campo da Museologia. Os dois processos são considerados teóricos e práticos e envolvem os bens simbólicos, que podem ser culturais ou naturais, materiais ou intangíveis. Mas é importante ressaltar a diferença entre musealização e patrimonialização. Qualquer coisa, sendo prática cultural e social ou objeto, pode ser considerada bem cultural, e por isso, ser considerada um patrimônio. Assim, todo objeto patrimonializado pode ser musealizado, ou seja, no museu os bens culturais em forma de patrimônio estão musealizados. (LIMA, 2014, p.4336-4341).

Com o intuito de universalizar alguns conceitos, o ICOM realizou uma publicação, coordenada por André Desvallées e François Mairesse, sobre referências da Museologia. A obra *Conceitos-Chave de Museologia*, reúne diversas concepções de autores do campo museal para definir termos importantes para a área. No verbete musealização, defendem que, para qualquer prática ou objeto ser musealizado, deve representar, modificar, participar e identificar um grupo social. A musealização é um procedimento científico que opera uma extração física e conceitual de um bem cultural a fim de institucionalizá-lo como museal, ou seja, um objeto de museu. Este procedimento abarca um conjunto de atividades vinculadas à seleção, aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação, com o objetivo de atribuir ao objeto à função de documento (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.57-58).

O processo de musealização é uma atividade científica do museu ou da instituição museológica que o realiza, pois o objeto musealizado é um documento que é pesquisado e comunicado por ser um fragmento da realidade, por isso não deve haver só um caráter contemplativo em relação a esse objeto, mas sim uma exploração dos sentidos de seu contexto originário (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.58).

Interpretando as atividades do NUMMUS com o viés da musealização, podemos observar que o trabalho realizado se insere quase que integralmente neste conceito. O processo de musealização é de valorização dos objetos. É uma seleção dos objetos com um olhar crítico, observador, treinado, que tem a capacidade de distingui-los como bens culturais. As atividades de seleção, aquisição, pesquisa, conservação, documentação e informação são realizadas pelo Núcleo no ritmo de suas possibilidades

estruturais. Devido à realização, quase integral, da musealização, o NUMMUS pode ser identificado como um museu? O Núcleo tem a intenção de ser identificado desta maneira? Sobre o conceito de museu, Desvallées e Mairesse entendem que:

A definição profissional de museu mais conhecida atualmente continua sendo a que se encontra nos estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM), de 2007¹⁴⁷: “o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.64).

O Núcleo se aproxima a esta definição, na medida em que é uma instituição que estuda sobre a memória e a história da Museologia brasileira tendo como ponto de partida as origens da constituição do campo, sobretudo em termos de formação acadêmica. Assim, o Curso de Museus do MHN, constitui-se um marco da profissionalização do museólogo e da formação em Museologia, isto é, da organização do campo disciplinar com bases científicas. O Núcleo também coleta acervo segundo uma política de aquisição definida em seu Regulamento e realiza o tratamento técnico com os princípios museológicos de documentação e conservação. Encontra-se na comunicação do acervo, seu maior desafio, já que não possui exposição aberta ao público. Observando estes conteúdos teóricos e relacionando-os com os objetivos e atividades do NUMMUS, pode-se construir uma identidade conceitual e institucional para o Núcleo.

3.2 – Regulamento do NUMMUS e Resolução da UNIRIO

A pesquisa científica é um dos pilares do ensino superior. Segundo a Lei N^o 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, as universidades são instituições pluridisciplinares de formação de profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão, de referência e desenvolvimento do saber humano. Essas instituições se caracterizam pela produção intelectual sobre temas de relevância científica e cultural, em nível regional ou nacional, pela necessidade de parte dos professores possuírem títulos acadêmicos de mestrado ou doutorado e de se dedicarem exclusivamente à universidade.

As instituições de ensino superior são fundamentais para o desenvolvimento da sociedade brasileira, pois são responsabilizadas por lei pela produção intelectual

¹⁴⁷ A comunidade do ICOM está discutindo desde 2016 uma nova definição para os museus no século XXI. Porém este novo conceito ainda não foi aprovado e escolhemos trabalhar com a conceituação vigente.

institucionalizada. O tripé ensino, pesquisa e extensão é descrito como inseparável pela Constituição Federal de 1988. Cada uma das ações precisa estar em constante atuação, funcionar de maneira independente, mas serem interligadas em prol da universidade. O Artigo 207 define que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”¹⁴⁸.

O ensino corresponde à boa parte das atividades das universidades, sendo os cursos, as disciplinas e as aulas de participação obrigatória para os alunos matriculados. A pesquisa científica também é importante para o desenvolvimento destes alunos, pois a partir dela os discentes podem se aprofundar em temas que não são observados nas disciplinas e entrarem em contato com outras questões. Nas instituições de ensino superior, a pesquisa ocorre a partir de Projetos de Pesquisas, elaborados pelos professores e aprovados pela instituição. Nesses projetos há a produção de conhecimento científico e tecnológico, não só para a comunidade acadêmica, mas para a sociedade. Há também Projetos de Extensão, igualmente aprovados pela universidade, que tem a intenção de relacionar saberes acadêmicos e populares, criando uma ponte entre universidade e comunidade, trazendo a teoria para a prática, com a realização de cursos, eventos, prestações de serviços e outros produtos.

O Estatuto da UNIRIO, de 2018, normaliza as ações de pesquisa e extensão na universidade. A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro originou-se da organização de estabelecimentos de Ensino Superior tradicionais que existiam separadamente no Estado da Guanabara¹⁴⁹. Foram reunidos o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, a Escola Central de Nutrição, o Conservatório Nacional de Teatro, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, o Instituto Villa-Lobos e o Instituto Nacional do Câncer. Essa organização foi denominada Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara e regulamentada pelo Decreto-lei nº 773, de 20 de agosto de 1969.

Após 1975, com a fusão do Estado da Guanabara e o Estado do Rio de Janeiro, a FEFIEG passou a se denominar Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro¹⁵⁰. Dois anos depois, em 1977, o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, passou a integrar a federação, mas manteve-se no MHN porque não havia instalações

¹⁴⁸ Artigo 207 da Constituição Federal. Capítulo III: da educação, da cultura e do desporto. Seção I: da educação.

¹⁴⁹ Estado brasileiro existente entre 1960 e 1975, que corresponde ao atual território do município do Rio de Janeiro. Em sua área, esteve situado o antigo Distrito Federal.

¹⁵⁰ Decreto nº 76.832, de 17 de dezembro de 1975. Altera a denominação da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara e dá outras providências.

para o curso. Neste mesmo ano, o Curso Permanente de Arquivo, do Arquivo Nacional, também foi incorporado a FEFIERJ. No ano de 1979 a FEFIERJ passou a se chamar UNIRIO¹⁵¹, inicialmente Universidade do Rio de Janeiro, mantendo sua formulação jurídica implementada desde a FEFIEG. A UNIRIO enfim passou a denominar-se Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em 2003¹⁵².

Com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI, de 2007, a universidade pôde expandir sua infraestrutura física e seu quadro de docentes e técnicos-administrativos, acarretando a criação de novos cursos e turnos de aula. O Curso de Museologia foi contemplado pelo programa com a criação do Curso de Museologia Noturno. Atualmente a UNIRIO conta com cinco centros acadêmicos: Centro de Ciências Biológicas e de Saúde - CCBS, Centro de Ciências Exatas e Tecnologia - CCET, Centro de Letras e Artes - CLA, Centro de Ciências Jurídicas e Políticas - CCJP e Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH. Oferece 48 cursos de graduação e 79 cursos de pós-graduação, dentre especializações, mestrados e doutorados.

A UNIRIO tem a missão de produzir e disseminar o conhecimento, contribuindo com o exercício da cidadania, com formação humanista, reflexiva e crítica de profissionais aptos para o mercado de trabalho e para a difusão de melhorias na sociedade¹⁵³. O Regimento Geral de 1982, documento que regula as atividades administrativas e didático-científicas da universidade juntamente com o Estatuto de 2018, dispõe sobre as ações de ensino, pesquisa e extensão:

Art. 67 – O ensino, a pesquisa e a extensão, atividades-fins da UNIRIO-RIO, exercidas de modo indissociável garantem ao processo educacional, unidade de orientação, transmissão, treinamento profissional, investigação e aplicações de conhecimento.

Parágrafo único – A Universidade estenderá à Comunidade, sob a forma de cursos e serviços, as atividades de ensino e os resultados das pesquisas realizadas (UNIRIO, 1982, p.20).

Especificamente sobre a pesquisa, O Regimento de 1982 afirma que desenvolve nas diferentes modalidades com a intensão de ampliar os conhecimentos e desenvolver a cultura, e regula no Art. 25, do Capítulo VII: da pesquisa, que: “Cada projeto de pesquisa terá um professor responsável pela sua execução, designado pelo órgão a que estiver afeta a sua coordenação” (UNIRIO, 1982, p.33). Sobre a extensão universitária, a UNIRIO coloca a cargo dos Departamentos, que devem propor planos

¹⁵¹ Lei nº 6.655, de 5 de junho de 1979. Transforma a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro - FEFIERJ em Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO.

¹⁵² Lei nº 10.750, de 24 de outubro de 2003. Altera a denominação da Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO.

¹⁵³ Capítulo II: Da missão, dos princípios e objetivo. Estatuto da UNIRIO.

de cursos e serviços, os projetos são supervisionados pelos órgãos que estão subordinados.

O Estatuto de 2018 regula a atuação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE. Esse conselho é composto de representantes de vários setores da universidade, do reitor e pró-reitores aos professores, técnico-administrativos e alunos. É atribuição do CONSEPE criar ou extinguir cursos de graduação ou pós-graduação, modificar funções e órgãos, gerenciar critérios de ingresso de docentes e técnico-administrativos e regular normas acadêmicas (UNIRIO, 2018, p.8).

Os projetos de pesquisa devem pertencer a grupos de pesquisa credenciados pela UNIRIO. A Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação - PROPGPI é responsável pelo cadastramento e regulação dos grupos e conseqüentemente dos projetos¹⁵⁴. Os grupos de pesquisa da UNIRIO relacionam pesquisadores, técnicos e alunos na produção do conhecimento. Seus líderes precisam ser doutores, podendo ser professores ou técnico-administrativos. Precisam ser coordenadores de um projeto de pesquisa já cadastrado, terem cinco anos de atuação e produção comprovados no Currículo *Lattes* do CNPq e coordenarem bolsistas de Iniciação Científica ou Tecnológica.

Cada grupo de pesquisa deve ter pelo menos dois pesquisadores e um aluno de graduação ou pós-graduação. No formulário de cadastramento devem apresentar seu histórico e sua justificativa, seus objetivos, suas metas e seus resultados esperados, além da ata da reunião do Departamento de origem do responsável pela pesquisa em que o grupo foi aprovado. Após a análise do Diretório de Pesquisa da PROPGPI, o grupo e o líder são certificados junto ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

O Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS foi implantado em conjunto com o Projeto de Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil que, após ser aprovado no DEPM, em dezembro de 2005, foi cadastrado na Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação e no CNPq, por cumprir as determinações que regulam os grupos de pesquisa na UNIRIO. Atualmente o projeto de pesquisa continua em andamento.

O Regulamento Geral (1982) e o Estatuto (2018) da universidade não dispõem sobre o desenvolvimento de laboratórios e núcleos. Em 2016, a comunidade acadêmica da UNIRIO se reuniu para gerar a Resolução Nº 4.704-A, de 05 de outubro, que determina regras para a criação, monitoramento e acompanhamento de laboratórios e

¹⁵⁴ Ordem de serviço PROPG Nº 001 de 16 de novembro de 2015. Dispõe sobre critérios para credenciamento de líderes e certificação de grupos de pesquisa.

núcleos de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura e Multidimensional para a realização da função social da universidade. Esse documento define que laboratórios e núcleos devem ser aprovados pelo Conselho do Centro Acadêmico que pertençam, sua proposta de criação deve conter o projeto, identificando área de atuação, justificativa, objetivos, responsáveis, equipamentos utilizados e espaço de funcionamento, podendo ser físico ou virtual. O projeto deve ser acompanhado de Regulamento Interno e as atas de aprovação do colegiado e do centro ao qual a unidade se vincule.

Sobre a definição de laboratórios e núcleos, a resolução afirma que:

Art. 3º Laboratórios são espaços físicos ou virtuais, destinados ao desenvolvimento de projetos, e devem ser caracterizados quanto à finalidade principal.

Art. 4º Núcleos podem ser compostos por um ou mais gabinetes, laboratórios, bem como por outros espaços físicos ou virtuais, que visam à produção do conhecimento por meio de programas, e devem ser caracterizados quanto à finalidade principal (UNIRIO, 2016, p.1).

O NUMMUS é criado como um espaço físico, que ocupa outros espaços, como a Escola de Museologia, o Departamento de Estudos e Processos Museológicos, o Laboratório de Exposições e o Núcleo de Preservação e Conservação Violeta Cheniaux. Estes espaços são utilizados para a produção do conhecimento desenvolvendo o Projeto de Pesquisa Recuperação da Memória da Museologia no Brasil e no trabalho técnico de tratamento do acervo das coleções e seu acondicionamento.

Em relação à finalidade principal, os laboratórios e núcleos da UNIRIO, podem ser categorizados como de ensino, de pesquisa, de extensão e cultura e multidimensional (uma junção de todas estas categorias). As unidades de ensino são espaços para a aplicação de projetos de ensino, com a produção de material didático, realização de cursos, oficinas e discussões. Os laboratórios e núcleos de pesquisa congregam programas de pesquisa, utilizando procedimentos acadêmicos e metodológicos de investigação para a produção do conhecimento. As unidades de extensão e cultura são locais de projetos experimentais voltados para a sociedade, buscando novas técnicas, processos e produtos. Por fim, os laboratórios e núcleos multidimensionais são aqueles cujos projetos congregam ensino, pesquisa, extensão e cultura, tendo como características a flexibilidade, a interdisciplinaridade e a interação entre teoria e prática.

O NUMMUS em seu regulamento se define como um núcleo multidimensional:

Art.1º. O Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS, vinculado à Escola de Museologia e ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS-UNIRIO/MAST, do Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH, da Universidade Federal do

Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO constitui-se como um núcleo multidimensional na medida em que se fundamenta no desenvolvimento de programas e projetos integrados de ensino, pesquisa, extensão e cultura do campo da Museologia e especialmente no que tange às suas interfaces com a Preservação e a Memória (SÁ, 2018, p. 2).

O Núcleo é um projeto aberto para a comunidade científica, de preservação, pesquisa, discussão e divulgação da história e da memória da Museologia brasileira. Os trabalhos de coleta, identificação, documentação e conservação são realizados nos acervos de suas coleções para assegurar a preservação das referências sobre a atuação e a produção científica de profissionais que ajudaram a montar e consolidar o ensino e a prática museológica no país. O NUMMUS tem como objetivo oferecer suporte tanto ao Curso de Museologia quanto ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Suporte no ensino, auxiliando com material de estudo disciplinas da graduação, das áreas de Documentação e Preservação. Suporte na pesquisa, oferecendo documentos primários, fontes referenciais para a realização de monografias, dissertações e teses.

A equipe de trabalho do NUMMUS realiza pesquisas sobre história e memória da Museologia, sempre divulgando na comunidade acadêmica seus resultados, em forma de publicações de artigos e livros. Disponibiliza seu acervo para usuários de diferentes origens e finalidades, pertencentes à Escola de Museologia, a UNIRIO, ao PPG-PMUS, a outros cursos de graduação e pós-graduação em Museologia, ou em outras áreas. Com a finalidade de produção acadêmica, pesquisa institucional ou pesquisa pessoal.

Realiza eventos, normalmente relacionados a projetos de extensão, para promover discussões e aprofundamentos de questões teóricas do campo museológico. Também para comemorar datas de acontecimentos importantes para a Museologia brasileira, como a Regulamentação da Profissão. Homenageia profissionais que dedicaram a vida aos museus e ao ensino da Museologia, tendo influenciado gerações de museólogos. O NUMMUS se coloca cotidianamente em contato com a comunidade museológica, não só na realização de eventos, bem como nas ações de sensibilização para a doação de acervos que possam enriquecer as coleções.

Produzindo todas essas atividades, o Núcleo é um espaço multidimensional, em que a teoria desenvolvida nas pesquisas acadêmicas se relaciona com a prática do tratamento do acervo de suas coleções, nos procedimentos de aquisição, de documentação e de conservação. É um espaço interdisciplinar, que favorece o estudo atuação em diferentes áreas: história, memória, patrimônio, documentação, Museologia,

ciência da informação, conservação, gestão, comunicação, entre outras. Por fim é um núcleo flexível por congrega diferentes relações e atuações.

Compreender a trajetória do campo da Museologia, desde a criação do MHN e do Curso de Museus, os primeiros formandos, os concursos para Conservador de Museu, as Reformas do MHN à UNIRIO, os órgãos de classe criados, a transferência do curso para o contexto universitário, os congressos nacionais, a movimentação da profissão, as relações internacionais, a construção do pensamento museológico é entender parte significativa do campo museológico brasileiro, seus desejos, suas dificuldades e desafios em prol do desenvolvimento da Museologia, do patrimônio e das instituições museológicas. O NUMMUS, desde 2005, se estabelece como uma iniciativa capaz de salvaguardar as fontes primárias pertencentes aos profissionais e às instituições responsáveis por toda essa trajetória e exerce atividades que extrapolam suas condições de infraestrutura e a definição de núcleo regulamentada pela UNIRIO. O Núcleo é de suma importância não somente para a história de um curso que se dedica à construção da memória da sociedade e à preservação do patrimônio, mas para se compreender, numa escala maior, a própria sintonia da Museologia no Brasil, e sua formação como campo de conhecimento.

3.3 – Reflexão: o que é o NUMMUS?

Os moldes de museu tradicional ocidental que conhecemos atualmente tiveram seus primeiros antecedentes no Renascimento e se desenvolveram nos séculos XVI e XVII. O conceito filosófico do Humanismo que, inspirado na civilização greco-romana, valorizava a racionalidade, o conhecimento do homem e o desenvolvimento da cultura voltada para a humanidade, gerou uma tendência à curiosidade e ao colecionismo, principalmente na Europa. Famílias europeias poderosas reuniam artefatos de Antiguidade Clássica, exemplares exóticos de outros continentes provenientes dos processos colonizadores e raridades em geral. Nesse período a prática do colecionismo tinha *status* de busca por conhecimento científico (ALMEIDA, 2008, p. 55).

Estes espaços criados pelas famílias nobres ou burguesas a partir do século XVI eram conhecidos como Gabinetes de Curiosidade. O termo museu tem origem no nome grego *mouseion*, que significa “lugar sagrado dedicado às musas”. Essa terminologia era usada para designar o Templo das Musas, lugar destinado a tais figuras da mitologia grega que eram protetoras das artes. No Templo das Musas de Atenas os sábios da Escola de Aristóteles se encontravam no século IV, no *Mouseion* de Alexandria

estudiosos se reuniam no complexo de prédios em 306 a. C. (GOB; DROUGUET, 2006, p.20 apud BRULON, 2008, p. 33-34).

Os Gabinetes de Curiosidades, por se tornarem lugares de formação de coleções, de estudos e de busca pelo conhecimento sobre Ciências Naturais, passaram, pouco a pouco, a receberem o nome de *mouseion*:

Um dos mais antigos usos conhecidos do termo latino *musaeum* foi aplicado à sala dedicada às Musas e a Apolo, na residência construída entre 1537 e 1543 pelo médico italiano Paolo Giovio, para abrigar o conjunto de suas coleções, formadas, sobretudo, de antiguidades e de medalhas. No século seguinte, a Universidade de Oxford criou o *Musaeum Ashmoleanum* (1683), a partir de doação de Elias Ashmole, estudioso de genealogia, astronomia e alquimia (ALMEIDA, 2008, p. 56).

No século XVIII os Gabinetes de Curiosidades e museus já eram locais reconhecidos pelo desenvolvimento de estudos, mas só eram frequentados por estudiosos, colecionadores e convidados, majoritariamente a elite da sociedade. A Revolução Francesa de 1789, com a criação do Museu do Louvre, em 10 de outubro de 1793 e do Museu dos Monumentos Franceses, em 21 de outubro de 1795, mudou a concepção de público nos museus, criando a base da ideia de instituição museológica que temos atualmente (ALMEIDA, 2008, p. 56).

Os museus do século XVIII podem ser identificados como Museus Nacionais, pois muitos países reuniram suas antigas coleções reais, através de doação de colecionadores ao Estado, por exemplo, e formaram as grandes coleções abertas para o público geral como uma forma de identificação nacional, de ostentação de um Estado ou grupo político, como no caso do Museu do Louvre.

Esses primeiros museus têm o papel de expor suas obras de modo a impressionar visualmente os visitantes. As coleções serviam para completar o conhecimento teórico adquirido nas escolas e academias com a linguagem visual e estética. O museu constituía um espaço rígido em que todos os meios de comunicação: a arquitetura, a museografia e o discurso expositivo, estavam alinhados para conduzir o visitante a uma conduta adequada.

As instituições museológicas dos séculos XX e XXI são fruto da profissionalização das práticas dos museus, com a criação de cursos específicos para a formação de conservadores e museólogos, como no caso do Museu Histórico Nacional, em 1932. São museus em crescimento, com a missão de pesquisar e instruir a sociedade, com o desafio de incluir grupos sociais que não tinham suas memórias preservadas pelos museus tradicionais, apresentando informações objetivas e

embasadas em suas exposições. Os museus atuais precisam estar conectados com a velocidade das mudanças do mundo contemporâneo sem se perderem de sua missão de colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor:

[...] para se manterem pertinentes e atuais, os museus devem tomar cuidado com a amnésia dos lugares, dos homens e coleções; a atualização de seus sucessivos remanejamentos é uma tarefa que equivale à promessa de lucidez quanto à sua reivindicação obstinada de autenticidade (POULOT, 2013, p.143).

A aceleração das modificações de espaço, tempo e sociabilidade é identificada por Nora como causadora da ruptura da sociedade com a memória. O autor apoia-se nas teorias de Halbwachs sobre memória coletiva e história para construir sua linha de pensamento. A memória coletiva, como identificamos anteriormente é uma atividade natural de seleção, que ocorre para guardar fragmentos do passado e criar relações com o presente.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2013, p. 39)

Nas sociedades pré-industriais não havia história convencional, a memória era responsável por criar ligações na realização de atos, de rituais, na religião, na educação e na cultura, eram sociedades-memória. Já na era da história não há o estabelecimento de relações com o passado, só há o estudo de seus fragmentos, assim a sociedade que se desconectou da memória (NORA, 1993, p. 10).

Nora acredita que não há congruência em memória e história, são conceitos opostos. A memória está sempre em movimento, na medida da lembrança e do esquecimento, relacionada a grupos sociais, com a possibilidade de modulações, de manipulações e revitalizações. A história busca uma reconstrução científica do passado, é uma operação intelectual de reorganização que depende de discurso crítico. Por isso não há mais memória, há lugares de memória. (NORA, 1993, p.9)

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a esse momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p. 7).

Os museus se enquadram nesta concepção de lugares de memória, os objetos representativos por eles selecionados, conservados, pesquisados e expostos são o elo entre sociedade e memória, são uma forma relembrar o passado e contrabalançar as mudanças aceleradas da contemporaneidade, são “marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade” (NORA, 1993, p.13).

Para ser um local de representatividade de diversos grupos sociais, o museu lugar de memória, não pode unicamente ter coleções significativas dos grandes relatos da história, ele tem que aglutinar as narrativas e memórias da população comum, as pequenas histórias, as identidades. O museu é o depositário das coleções, dos objetos e dos documentos, que além de serem a forma material da memória, são suportes de informações (THIESEN, 2009, p.73).

As instituições de memória são necessariamente secundárias, pois organizam a memória de instituições que lhe antecederam, “a memória da memória ao longo do tempo”. Isso não as torna menores que as outras instituições, porque nelas há o desenvolvimento de ciência, da técnica, de saberes e de cultura em função dos objetos adquiridos, preservados e documentados (THIESEN, 1995, p.34).

Os museus são, portanto, lugares de memória que têm o compromisso de coletar, preservar, pesquisar, interpretar e expor representações do real, sendo objetos físicos ou patrimônio imaterial. A instituição não deve ter essencialmente fins lucrativos, deve ser um espaço democrático de diálogo com a comunidade em que as atividades museológicas devem ser realizadas, em especial a musealização do acervo que confere função simbólica aos objetos de museu – essa atribuição tem caráter político. O museu deve exercer suas atividades visando o impacto social, o desenvolvimento humano sustentável e a contribuição com a sociedade.

O NUMMUS segue princípios e exerce diversas atividades análogas a das instituições museológicas. O Núcleo se dedica a um tema específico: a memória e a história da Museologia brasileira, partindo de referências da constituição do campo museal. Essas referências são oriundas de coleções institucionais e de coleções particulares que compõem uma base documental sobre a história das pessoas que participaram e participam do cenário museológico brasileiro e são oriundas dessa formação profissional. Sendo assim, podemos afirmar que o NUMMUS é um lugar de memória da Museologia, em especial da formação e da atuação profissional relacionadas ao campo como um todo.

As atividades do Núcleo são realizadas seguindo as noções museológicas. As ações preservacionistas são coordenadas seguindo princípios de preservação e

conservação, visando a salvaguarda dos bens musealizados. Para recuperação da informação dos objetos das coleções, o Núcleo realiza a documentação museológica de seu acervo: as etapas de identificação, organização, numeração, registro e inventário.

O NUMMUS também realiza pesquisas, levantamentos, projetos e eventos para a produção e difusão de conhecimento, com a ideia de dar acesso às informações salvaguardadas em suas coleções. O acervo é disponibilizado para usuários de diferentes origens: alunos dos cursos de graduação e pós-graduação têm igualmente acesso às coleções. Professores do Curso de Museologia, professores ou pesquisadores de outras instituições, normalmente ligadas a museus e ao Patrimônio, também têm acesso ao Núcleo. A disponibilidade do acervo para consulta colabora no desenvolvimento de pesquisas que constroem a história da Museologia e do próprio campo museológico.

Devido a estas ações realizadas à luz dos conceitos museológicos, defendemos que o Núcleo realiza o processo de musealização, como discorrido anteriormente. Essa atividade científica inerente aos museus é realizada dentro das capacidades do NUMMUS. A musealização além do processamento técnico das coleções inclui pesquisa para gerar base de referência e indexação dos conteúdos e temas presentes nos itens para auxiliar na recuperação da informação.

Encontram-se na falta de um espaço físico próprio e de recursos específicos as maiores dificuldades do NUMMUS de expandir suas atividades e confrontando seu potencial como instituição. Atualmente sem uma sede específica, compartilhando espaços com outras estruturas da Escola de Museologia e sem funcionários administrativos e técnicos especializados, o NUMMUS realiza estas atividades de gestão de suas coleções: aquisição, acondicionamento, conservação e inventário. Produzindo também atividades de pesquisa e difusão de conhecimento.

Para o aprofundamento das atividades do Núcleo, uma sede própria é de extrema importância. Devido a isso, todas as ações desempenhadas ocorrem de acordo com a possibilidade de acesso a espaços cedidos por outras unidades da UNIRIO e a colaboração de professores relacionados ao Projeto de Pesquisa. O novo prédio construído para receber o CCH, que está em fase final de execução, destinará uma sala para o NUMMUS, faltando também a composição de mobiliário. Essa sala possibilitará que as atividades ocorram de maneira ininterrupta.

O Núcleo poderá reivindicar mais facilmente junto à UNIRIO – utilizando o novo espaço como uma das justificativas – o remanejamento de técnico-administrativos para trabalhar especificamente no NUMMUS, com tarefas administrativas e a recepção de

pesquisadores e visitantes. Poderá demandar por profissionais com formação em Museologia para integrar o grupo de trabalho já existente de professores, bolsistas e voluntários. Estes profissionais especializados ajudarão a realizar as tarefas cotidianas de conservação, documentação, pesquisa e comunicação. Poderão também orientar os alunos que trabalham nestas atividades, atenuando e dividindo com os professores as orientações das ações de manutenção.

O espaço físico próprio facilitará a gestão do acervo, já que todas as coleções ficarão acondicionadas no mesmo local, na reserva técnica, e não mais espalhadas por lugares improvisados. Diminuindo a dificuldade do trabalho e a possibilidade de perdas, de sinistros no momento do deslocamento do acervo. Isso ajudará a criação de informação sobre os bens, principalmente para a maior correlação entre coleções, relacionando temas comuns.

Em relação aos recursos do Núcleo, a sala própria poderá ter um impacto positivo, pois, como na reivindicação de funcionários, a sala será uma justificativa extra para cooptar patrocínios. O Núcleo poderá solicitar à universidade, ou realizar projetos para concorrer a editais de fomento, das esferas pública e privada com o intuito de melhorar sua infraestrutura. Isso possibilitará a aquisição de mobiliário específico: armários e estantes para o acondicionamento de acervo museológico, bem como vitrines e painéis para as exposições. O NUMMUS poderá também obter equipamentos, instrumentos e material de trabalho.

Somando ao aprofundamento das atividades já realizadas pelo Núcleo, outras funções também poderão ser efetuadas, principalmente na área de comunicação. O NUMMUS poderá ser aberto para o público, melhorando as condições e ampliando o recebimento de usuários. Terá a possibilidade de realizar exposições e ações educativas, para a divulgação de suas pesquisas e seu acervo. Este cenário possibilitará que a comunidade museológica e acadêmica estabeleça diálogos com o Núcleo, gerando novas reflexões sobre seu acervo.

Essas possibilidades acarretam novas nuances ao NUMMUS, extrapolando sua definição de núcleo multidimensional. Institucionalmente, o NUMMUS, que é reconhecido pela universidade como um núcleo pertencente ao CCH, poderia requerer e ser reconhecido como um museu. Não há, atualmente, nenhum museu vinculado à UNIRIO. A proposta de criação de um museu poderia agregar à universidade, que está em crescimento acadêmico e espacial no cenário fluminense e nacional. Por outro lado, a instituição acadêmica precisaria recorrer por verbas junto ao Ministério da Educação, num momento político desfavorável, de esfacelamento dos órgãos públicos e desvalorização da educação e da cultura.

Conceitualmente, o NUMMUS precisaria se redefinir como um museu, repensando seu Regulamento, alargando suas atividades e redirecionando sua identidade. O Núcleo se destina a preservar a memória da Museologia brasileira e detém majoritariamente acervos relacionados ao campo museal. Para compor um museu da Museologia brasileira, o NUMMUS deveria ampliar sua política de aquisição para obter acervos relacionados a outras expressões museológicas ocorridas no país, ou redefinir seu tema, focalizando a Museologia desenvolvida a partir do MHN e sua influência como primeira formadora do Brasil de profissionais na área.

Academicamente, para a Escola de Museologia da UNIRIO, um museu relacionado deveria agregar na formação dos alunos, possibilitando visitas cotidianas a uma instituição museológica e a realização de estágios curriculares, que são difíceis para o Curso de Graduação Noturno, devido ao horário de funcionamento dos museus. A existência de um museu incorporado à Escola de Museologia significaria um retorno simbólico ao período do Curso de Museus, que estava completamente atrelado ao MHN, reunindo as esferas acadêmica e profissional. Observando outros cursos de graduação em Museologia do país, muitos mantêm essa compatibilidade museu – universidade, por exemplo o curso da UFBA de 1969 que desde 1980 mantém relação com o Museu de Arqueologia e Etnologia, o curso da UFPe, de 2008, que foi criado com o incentivo do Museu do Homem do Nordeste e o curso da UFOP que tem laços com o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas e Museu da Escola de Farmácia, desde 2008.

O NUMMUS tem potencial de se tornar um museu, tanto no questionamento institucional, quanto no conceitual. O espaço físico próprio eminente possibilita que esses questionamentos sejam inferidos, mas outras adequações da sua realidade atual precisariam ser feitas. A maior barreira seria a questão do financiamento, porque o Núcleo não possui verbas destinadas para suas atividades e na manutenção de um museu, isso seria fundamental. Alavancar esse subsídio não é uma tarefa simples no cenário atual, devido aos cortes orçamentários do governo federal para as áreas de cultura e educação e a escassez de parcerias privadas.

Em relação à estrutura regulamentar, o Núcleo tem propensão a se tornar um museu, já que suas atividades e normas seguem princípios museais. A relação com o Curso de Museologia da UNIRIO seria importante para ambos, haveria uma realimentação da combinação prática e teoria no curso, apoiaria a formação dos discentes e para o museu seria a base de sua criação e desenvolvimento.

O Museu NUMMUS, ou Museu da Memória da Museologia, ou Museu da Museologia Brasileira seria um ganho para o campo museológico devido à característica fundamental de seu acervo: ser formado majoritariamente de coleções particulares. Isso faz com que a instituição remonte a história da Museologia a partir da memória de

indivíduos materializadas em documentos, livros e objetos. Possibilitando a identificação e valoração das pessoas que contribuíram para a formação do cenário atual dos museus e da Museologia no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

A última parte deste trabalho tem o intuito de fornecer hipóteses sobre a pesquisa e sugerir ideias para trabalhos relacionados ao tema. Esta dissertação tem como objetivo principal analisar o NUMMUS, realizando uma discussão institucional, sobre sua relação com a UNIRIO e uma observação conceitual, e sobre sua definição e suas potencialidades, prevendo novos caminhos possíveis. Para tal, foi investigado o processo de criação do Núcleo e a criação de outros cursos de museologia no país, além de possíveis relações e congruências com o Curso de Museus/Curso de Museologia da UNIRIO. Analisou-se o Regulamento do NUMMUS e algumas resoluções da UNIRIO, levantou-se dados sobre a produção acadêmico-científica realizada no acervo e realizou-se uma discussão de conceitos museológicos.

O NUMMUS se dedica ao estudo, à preservação e à divulgação da memória e da história da Museologia e tem a responsabilidade de coletar e organizar coleções que remetem a esse tema principalmente sobre a trajetória de museólogos que contribuíram para a formação do campo museológico no nosso país. Estas coleções são preservadas e disponibilizadas a pesquisadores, tanto da UNIRIO, quanto de outras universidades e instituições de pesquisa. Além deste caráter essencial de preservação e pesquisa, o Núcleo também tem o caráter comunicacional, realiza eventos, e publicações para difusão e produção de conhecimento.

Por isso torna-se importante o levantamento de dados sobre seu funcionamento e suas contribuições à pesquisa, bem como analisar institucionalmente e conceitualmente o Núcleo. Compreender melhor as potencialidades do NUMMUS, sua função como repositório de referências da Museologia brasileira, sua inserção no meio acadêmico, seu papel de preservação de fontes primárias de coleções particulares.

Os mais de 30.000 itens inventariados que compõem o acervo do NUMMUS, não contemplam somente itens de natureza arquivística e biblioteconômica, mas também museológica, como objetos tridimensionais, gravuras, desenhos, pinturas, esculturas, medalhas, entre inúmeros outros, submetidos a um processo de inventário que consiste em formalizar um documento, contendo as informações que identificam o objeto e a marcação de um número de registro em cada peça. Este processo é fundamental para possibilitar a recuperação da informação e, conseqüentemente, a disponibilização para pesquisa científica.

Para a construção do campo museológico brasileiro e o consequente fortalecimento da profissão, é necessário a compreensão da trajetória histórica da Museologia tomando-se, como ponto de partida, a criação do Curso de Museu no MHN, em 1932. O Curso foi irradiador desta formação e a atuação profissional dos museólogos formados por ele constituiu as bases desta área de trabalho no país.

O acervo do Núcleo é composto majoritariamente por referências do campo profissional da Museologia. Os acervos institucionais, aqueles que consistem em documentos sobre o Curso de Museus e a Escola de Museologia, correspondem a menor parte das coleções. Os acervos de origem particular, originados da doação de museólogos, têm referências sobre a formação em Museologia, mas têm, sobretudo, documentos relativos à atuação de seus museólogos titulares. Sendo assim, a maior parcela das coleções do Núcleo tem o viés biográfico, já que são provenientes de coleções particulares pertencentes a museólogos que atuaram no campo disciplinar e profissional da Museologia. Este material é relacionado aos museus, aos organismos de classes, a eventos, a congressos, a seminários, entre outros momentos relevantes para a carreira de seus titulares e para a trajetória da Museologia brasileira.

A organização, preservação e disponibilização do acervo do NUMMUS possibilita o acesso a documentos únicos sobre instituições, movimentos e acontecimentos ímpares da Museologia nacional, pois as coleções mantêm o olhar pessoal de seus titulares não só na organização, mas também na autoria dos materiais, de documentos oficiais ou de impressões pessoais. Cada coleção constitui uma parcela pessoal da história da Museologia que está preservada e documentada pelo Núcleo. Estas coleções tornam-se uma rede de referências de diversos temas importantes para o estudo do campo museal.

A falta de um espaço físico próprio para o NUMMUS dificulta todas as ações realizadas. Sua afirmação como instituição tem prejuízo, pois seu funcionamento ocorre de maneira improvisada, ou seja, suas funções tanto de tratamento técnico, quanto de atendimento a pesquisadores, são desempenhadas em outros espaços do Curso de Museologia, como a Escola de Museologia, o NUPRECON, o LADEX e o DEPM, e não podem ser realizadas em plenitude.

Neste cenário, um espaço para o Núcleo possibilitará uma melhor realização de todas as atividades já desenvolvidas e também a capacidade de ampliação, conseguindo financiamentos e consolidando uma equipe de trabalho fixa composta de museólogos e técnico-administrativos, além dos alunos. Também possibilitará a realização de exposições museológicas frequentes para divulgar o acervo pesquisado

e interagir com a comunidade museológica e acadêmica da UNIRIO.

Outro ponto a ser observado é que após a etapa de estabilização do NUMMUS em seu novo espaço, com a mudança física do acervo, dos mobiliários e dos instrumentos já pertencentes e a reestruturação do trabalho no novo ambiente, outros questionamentos devem ser realizados, principalmente no que tange à identificação do Núcleo como uma instituição museal.

Por fim, essa escolha deve ser estudada, deve haver um levantamento de prós e contras para essa redefinição. O Conselho Acadêmico do Núcleo deve consultar a Escola de Museologia, o PPG-PMUS, a universidade e a comunidade museológica, se necessário. Deve ser realizada uma reflexão complexa para compreender e viabilizar esta escolha. A mudança pode afetar o NUMMUS tanto na parte prática de recriação do Núcleo como um museu, quanto na parte conceitual de como essa instituição impactaria no campo dos museus e do patrimônio. O Núcleo passaria a exercer em plenitude o poder simbólico através da musealização, escolhendo – mesmo através de uma política de aquisição firmada – quais referências sobre a Museologia são musealizadas ou não.

Com todos estes novos questionamentos, trabalhos futuros sobre o NUMMUS deverão ser realizados para se compreender melhor o processo de modificação e ampliação das atividades e do significado do Núcleo e as irradiações para a Museologia, principalmente no campo teórico no que tange um maior aprofundamento do conhecimento da história e da memória da Museologia criada e desenvolvida no país.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. História de uma coleção: Miguel Calmon e o Museu Histórico Nacional. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v.2 1994. p.199-233.

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de; SÁ, Ivan Coelho de; CHAGAS, Mário de Souza. **Projeto de Reformulação Curricular do Curso de Museologia**. Rio de Janeiro: UNIRIO. 2006. 168 p.

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. A idéia de museu na cultura ocidental. In: Alayde Wanderley Mariani. (Org.). **Memória e educação**. Rio de Janeiro: IPHAN / Paço Imperial, 2008, v. 1, p. 55-59.

ARQUIVO Nacional (Brasil). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2005. 232p.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRASIL. Decreto nº 15.596, de 22 de agosto de 1922. **Cria o Museu Histórico Nacional e aprova o seu regulamento**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15596-2-agosto-1922-568204-publicacaooriginal-91597-pe.html>>. Acesso em: 21 de março de 2019.

_____. Decreto nº 21.129, de 7 de março de 1932. **Cria no Museu Histórico Nacional o “Curso de Museus”**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21129-7-marco-1932-502948-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 21 de março de 2019.

_____. Decreto nº 16.078, de 13 de julho de 1944. **Aprova o Regulamento do Curso de Museus a que se refere o Decreto-lei n.º 6.689, de 13 de julho de 1944**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-16078-13-julho-1944-461459-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 22 de março de 2019.

_____. Decreto-lei nº 773, de 20 de agosto de 1969. **Provê sôbre a criação da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0773.htm>. Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

_____. Decreto nº 76.832, de 17 de dezembro de 1975. **Altera a denominação da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara e dá outras providências**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-76832-17-dezembro-1975-425422-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 23 de dezembro de 2019.

_____. Decreto nº 79.723, de 24 de Maio de 1977. **Transfere para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro o Curso de Museus Histórico Nacional**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-79723-24-maio-1977-428637-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 23 de março de 2019.

_____. Lei nº 6.555, de 05 de junho de 1979. **Transforma a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro - FEFIERJ em Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/L6655.htm> Acesso em: 23 de março de 2019.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

_____. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 23 de março de 2019.

_____. Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus.** Memória e Cidadania. Brasília: MinC, 2003.

_____. Lei nº 5.264, de 5 de novembro de 2004. **Institui o Sistema Brasileiro de Museus e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5264.htm>. Acesso em: 23 de março de 2019.

_____. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. **Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>. Acesso em: 23 de março de 2019.

_____. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 23 de março de 2019.

_____. Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009. **Cria o Instituto Brasileiro de Museus.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm>. Acesso em 23 de março de 2019.

_____. Lei nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. **Regulamenta o Estatuto de Museus.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm>. Acesso em 23 de março de 2019.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2001. 159p.

BRÖNSTRUP, Gabriela D'Avila. **Formar especialistas para o trabalho com acervos no Brasil: o percurso de Rodolfo Garcia na constituição de “novos” saberes.** Fundação Biblioteca Nacional. 2012. 46 p.

BRULON, Bruno C. Soares. **Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo.** Dissertação (Mestrado). Orientadora:

Tereza C. M. Scheiner. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2008. p. 181.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia e comunicação**. Cadernos de SocioMuseologia. Lisboa/Portugal:ULTH, 1996. 119p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. (Memória e Sociedade).

CARVALHO, José Murilo. Forças Armada e política, 1930-1945. In: **A Revolução de 30. Seminário Internacional**. Coleção Temas Brasileiros. CPDOC. Volume 54 Editora Universidade de Brasília. 1980. p. 110-150.

CHAFIN, Arabelle Siqueira. **Políticas Públicas de Educação e Cultura nos anos 2000 para Museologia e Museus e seus reflexos no Curso de Museologia da UNIRIO**. 2016. 65p. Monografia. Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CHAGAS, M. de S. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Coleção Museu, memória e cidadania. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009. 258p.

COELHO, Priscila Arigoni. **Metáforas em rede no processo de institucionalização: um estudo sobre memória e discurso da Museologia no Brasil (1932 a 1985)**. 2015. 360f. (Tese Doutorado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

COSTA, Carina Martins. **Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio**. Tese (Doutorado). Orientadora: Ângela Maria de Castro Gomes. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2011. p. 320.

COSTA. Luciana Ferreira de. Percurso Histórico da Formação em Museologia no Brasil. **Enancib**, v. 19, p. 5941-5959. 2018.

CRUZ, Henrique de Vasconcelos. **Era uma vez, há 60 anos atrás...: O Brasil e a criação do Conselho Internacional de Museus**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus - ICOM-BR, 2008 (Monografia premiada em concurso).

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. In: **SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILISOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE**. Coro/Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ ICOFOM LAM, p.50-55, 1999.

D'ARAUJO Maria Celina. O AI-5. Fatos e Imagens: artigos ilustrados de fatos e conjunturas do Brasil. In: **CPDOC. FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>> Acesso em 24 de novembro de 2019.

DAVALLON, J. Heritage, preservation, research, object, collection, musealization. In: **ANNUAL ICOFOM SYMPOSIUM**, 32, 2009, Liège, Mariemont. Museology: back to basics: synthesis of the symposium. Paris: ICOM International Committee for Museology, 2009. p. 12-23. (ICOFOM Study Series, 38, supplement-eng). Disponível em:

<http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2038%20Suppl-Engl.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François, eds. 2013. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. ICOM. Armand Colin.

DUMANS, Adolfo. Criação do Museu Histórico Nacional. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**. Volume III. Rio de Janeiro: MHN, 1942. p. 383-394.

ECHTERNACHT, A. L. I.; SÁ, I. C. de . O Núcleo de Memória da Museologia no Brasil: a história da Museologia, um potencial de memória e um olhar para o futuro. In: **II Seminário Brasileiro de Museologia - Pesquisa em Museologia e perspectivas disciplinares**, 2017, Recife, Pernambuco. II Seminário Brasileiro de Museologia - Pesquisa em Museologia e perspectivas disciplinares. Recife, Pernambuco: Museu do Homem do Nordeste, 2017. p. 607-622.

FERREZ, Helena D, Documentação Museológica: Teoria para uma boa prática. In: **FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU**, 4., Recife. Trabalhos apresentados. Recife: IBPC/ Fundação Joaquim Nabuco, 1991. Disponível em: <http://www.nucleodepesquisadoexvotos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/ferres_in_doc_documento_museologica._teoria_para_uma_boa_pratica.pdf>. Acesso em: 08 de junho de 2019.

GOUVEIA, Inês. **Waldisa Rússio e a política no campo museológico**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Rio de Janeiro, 2018. p. 374

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. A interdisciplinaridade em Museologia. Texto publicado em MuWoP – Museological Working Papers, n.2 p. 58-59 (versão original em francês e inglês), 1981. Publicação do ICOFOM/ICOM – Comitê de Teoria Museológica do Conselho Internacional de Museus. In: BRUNO, M. C. O. (Coord.); ARAUJO, M. M.; COUTINHO, M. I. L. (Col.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca; ICOM, 2010. v. 1. p. 123-127.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus, Ministério da Cultura. **Relatório de Gestão 2003-2010**. Política Nacional de Museus, 2010.

ISOLAN, Fiorela Bugatti. **A formação em Museologia nas universidades brasileiras: reflexões sobre o ensino da gestão e do planejamento sob a ótica da Museologia**. 2017. 2011 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Müller. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-60, jul. 1997

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Trad. Maria Célia PAOLI e Anna Maria QUIRINO. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LIMA Barreto. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6209/lima-barreto>>. Acesso em: 14 de Mai. 2019. Verbete da Enciclopédia.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, Informação, Comunicação e Terminologia: pesquisa termos e conceitos da Museologia (UNIRIO). In: GRANATO, M., SANTOS, C. P., LOUREIRO, M. L. N. M. (Org). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008, p. 181-201. (MAST COLLOQUIA, 10). Disponível em: <http://www.mast.br/publicacoes_Museologia/Mast%20Colloquia%2010.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2019.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização e patrimonialização: formas culturais integradas, termos e conceitos entrelaçados. **Enancib**, v. 15, p. 4335-4355 2014. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>> Acesso em: 20 de junho de 2019.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, p. 31-50, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a04v7n1.pdf>> Acesso em: 20 de junho de 2019.

MAGALHÃES, A. M. O que se deve saber para escrever a história nos museus? **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 34, p. 107-130, 2002.

MAROEVIC, V. **O Papel da Musealidade na preservação da memória**. Texto apresentado no Congresso Anual do ICOFOM – Museologia e Memória. Paris, 1997. Tradução Teresa Scheiner, 2001 In: SCHEINER, T. C. M. Caderno de textos da disciplina Museologia 01 - Bases teóricas da Museologia. 2001. Texto 27. p. 128-133.

MÁRIO de Andrade. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa20650/mario-de-andrade>>. Acesso em: 14 de Maio. 2019. Verbete da Enciclopédia.

MENSCH, Peter van. Modelos conceituais de Museu e suas relações com o patrimônio cultural e natural, Trabalho apresentado na I Reunião Anual do ICOFOM-LAM. Transcrição. **Boletim do ICOFOM-LAM**. Buenos Aires-Rio de Janeiro: n. 4/5, p. I-XII, ago. 1992. Tradução Teresa Scheiner, 2001. In: SCHEINER, T.C. M. (Org.) Apostila da disciplina Museologia 01 – Bases teóricas da Museologia, 2009. p.105-110.

MENSCH, Peter van. **O Objeto de Estudo da Museologia**. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994

Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: **Revista Museum**, 1973 / José do Nascimento Junior, Alan Trampe, Paula Assunção dos Santos (Organización). – Brasília: IBRAM/MinC; Programa Ibermuseos, 2012. v.2 ; 235 p.

MONTEIRO Lobato. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa59/monteiro-lobato>>. Acesso em: 14 de Maio. 2019. Verbete da Enciclopédia.

MORAES, Nilson A. Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil. **Museologia e Patrimônio**. – vol.II no. 1 – jan/jun de 2009. p. 54-69.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: o centenário da independência no Rio de Janeiro**. CPDOC, 1992. 18f.

NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. In: **Les lieux de mémoire**. I La République, Paris, Gallimard. 1984. Pp. XVIII-XLII. Tradução autorizada pelo Editor. Tradução: Yara Aun Khoury. Proj. História. São Paulo (10), dez., 1993.

NUMMUS. **Relatório Técnico do Projeto Memória e Preservação da Museologia no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

NUMMUS. **Termo de Doação do NUMMUS**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2009.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; COSTA, Carlos Alberto Santos; NUNES, Gilson Antonio. Perfil dos cursos de graduação em Museologia do Brasil. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures; OLIVEIRA, Luciane Monteiro. **Sendas da Museologia**. Ouro Preto, MG: UFOP, p. 41-66, 2012.

OLIVEIRA, Marlene. **Ciência da Informação e Biblioteconomia. Novos conteúdos e espaços de atuação**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2005. p.120.

OSWALDO Teixeira. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa706/oswaldo-teixeira>>. Acesso em: 29 de maio de 2019. Verbete da Enciclopédia.

PINHEIRO, EP. Haussmannização ou haussmannizações?. In: **Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)** [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 67-87.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Tradução: Guilherme João Freitas de Teixeira. Editora Autêntica. 2011. 160p.

RANGEL, Marcio F. Políticas Públicas e Museus no Brasil. In: Marcus Granato, Cláudia Penha dos Santos e Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro. (org.). RANGEL, M. F. **Mast Colloquia v. 12: O Caráter Político dos Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2010.

RANGEL, Marcio F. Capítulo 12. A coleção do Museu de Astronomia e Ciências Afins. LOPES, MM., and HEIZER, A., orgs. **Colecionismos, práticas de campo e representações**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 280 p.

RIBEIRO, Adelia Miglievich. Heloísa Alberto Torres (1895-1977) Antropóloga. In: **Pioneiras. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**. Brasília: CNPq, 2019. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1144061> Acesso em 29 de maio de 2019.

SÁ, Ivan Coelho de. As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v.26, nº2, p. 31-58, jul./dez. 2013.

SÁ, Ivan Coelho de. História e Memória do Curso de Museologia: do MHN a UNIRIO. 1. ed. Rio de Janeiro. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v.39, 2007. p.10-42.

SÁ, Ivan Coelho de. **Regulamento Geral do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil NUMMUS**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012.

SÁ, Ivan Coelho de. **Regulamento Interno do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil NUMMUS**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2018.

SÁ, Ivan Coelho; SÁ, Isaura Paiva. Curso de Museologia UNIRIO, 1979 à 1994: alunos, graduados e atuação profissional. In: **14ª Jornada de Iniciação Científica, 2015, Rio de Janeiro. Livro de Resumos da 14ª Jornada de Iniciação Científica**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. p. 780-781.

SÁ, Isaura Paiva. **10 anos do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS: análise do processo de Musealização**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Museologia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro . Orientador: Ivan Coelho de Sá.

SÁ, Ivan Coelho de. SIQUEIRA, Graciele Karine. **Curso de Museu – MHN, 1932-1978: Alunos, Graduandos e Atuação Profissional**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

SALADINO, Alejandra; ALMEIDA, Cícero; SÁ, Ivan; CHAGAS, Mário. **Proposta de Alteração da Matriz Curricular do Curso de Museologia (Turno Integral) e de implantação do Curso de Museologia no Turno da Noite**. Rio de Janeiro: UNIRIO. 2010.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura dos. Narrando encontros e caminhos: entrevista concedida a Mário de Souza Chagas. In: **Encontros museológicos: reflexões sobre a Museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: MINC/IPAHN/DEMU, p. 09-28, 2008

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura dos. A aplicação da Museologia no contexto brasileiro: a práxis e a formação. In: **Encontros museológicos: reflexões sobre a Museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: MINC/IPAHN/DEMU, p. 175-228, 2008.

SEMANA de Arte Moderna (1922 : São Paulo, SP). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna-1922-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 14 de Mai. 2019. Verbetes da Enciclopédia.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas** (2ª tiragem). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1974.

SCHEINER, Teresa. **Apolo e Psyché - o Museu como Espelho**. Extraído de “Memória do Mundo, Memória do Homem”. In: Apolo e Dionísio no Templo das Musas. Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. Tese de Mestrado apresentado à UFRJ/ECO. Rio de Janeiro, outubro de 1998, p.40-49. In: SCHEINER,

T. C. M. Caderno de textos da disciplina Museologia 01 - Bases teóricas da Museologia. 2001. Texto 04. p. 10-18.

SCHEINER, Teresa. **Museus e Museologia: uma relação científica?** Original em inglês, produzido para o Simpósio Anual do ICOFOM, 1987. Publicado em inglês no ISS e em português na Revista Ciências em Museus, do CNPq. Tradução Teresa Scheiner. In: SCHEINER, T. C. M. Caderno de textos da disciplina Museologia 01 - Bases teóricas da Museologia. 2001. Texto 26. p. 123-127.

SCHRENEIR, Klaus. **Critérios sobre o lugar da Museologia no sistema das ciências.** Publicado em MUWOP 1, 1980, p.39-41. Original em inglês e em francês. Tradução Teresa Scheiner, 2001. In: SCHEINER, T. C. M. Caderno de textos da disciplina Museologia 01 - Bases teóricas da Museologia. 2001. Texto 28. p. 134-138.

SIQUEIRA G. K., GRANATO, M., SÁ, I. C.. Relato de experiência: o tratamento e a organização do acervo documental do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, Rio de Janeiro. **Revista CPC**, São Paulo, n. 6, p. 142-169, maio 2008/out. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15628/17202>>. Acesso em: 01 de agosto de 2017.

SIQUEIRA, Graciele Karine. **Curso de Museus – MHN, 1932-1978. O perfil acadêmico-profissional.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST. 2009. 178p.

SOARES, Bruno Brulon; BARACAL, A. B. (Org.). **Stránský: uma ponte Brno-Brasil / Stránský: a bridge Brno-Brazil.** 1. ed. Paris: Comitê Internacional de Museologia - ICOFOM, 2017. 304p.

TANUS, Gabrielle Francine de S. C. A Trajetória do Ensino da Museologia no Brasil. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.** Museologia e Interdisciplinaridade. Vol. II, nº 3. Maio/junho de 2013. p. 76-88.

TARGINO, Maria das Graças. A interdisciplinaridade da Ciência da Informação como área de pesquisa. **Inf. & Soc.:**Est, João Pessoa, v.5, n.1, p.12-17, jan./dez. 1995. p. 12-17

THIESEN, Icléia. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica.** 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - IBICT, Rio de Janeiro, 1997.

THIESEN, Icléia. Memória institucional: um conceito em definição. In: **INGORMARE - Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.45-51, jul./dez. 1995.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaços de produção de conhecimento. In: **MAST Colloquia 11. Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas.** Museu de Astronomia e Ciências Afins - Organização de: Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Maria Lucia de N. M. Loureiro. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 61-82.

UNIRIO. **Estatuto da UNIRIO.** 2018. Disponível em: < http://www.unirio.br/pro-reitorias_vh_pro-reitoria-de-planejamento/proplan/estatuto_unirio_2018.pdf>. Acesso em: 28 de novembro de 2019.

_____. Ordem de serviço PROPG Nº 001 de 16 de novembro de 2015. **Dispõe sobre critérios para credenciamento de líderes e certificação de grupos de pesquisa.** Disponível em: < <http://www.propg.unirio.br/departamento-de-pesquisa/grupos-de-pesquisa>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

_____. **Regimento Geral da UNIRIO.** 1982. Disponível em: <http://www.unirio.br/pro-reitorias_vh_pro-reitoria-de-planejamento/proplan/regimento-geral-1982>. Acesso em: 28 de novembro de 2019.

_____. Resolução Nº 4.707-A, de 05 de outubro de 2016. **Dispõe sobre a criação, monitoramento e acompanhamento de Laboratórios e de Núcleos de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura e Multidimensional no âmbito da UNIRIO.**

VARINE, Hugues. **Repensando o Conceito de Museu.** Palestra proferida durante o Encontro ICOM/UNESCO sobre Museus e Comunidades. Jokmokk, Suécia, junho de 1986. Publicado em inglês no livro *Okosmuseumsboka*, de J. A Gjestrum e M. Maure. Comitê Nac. do ICOM para a Noruega, 1988: 33-40. Tradução de Tereza Scheiner, em agosto de 1992.

Verbete: 18 do Forte. Anos 20: Crise Política. **FGV CPDOC.** In: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/18Forte>> Acesso em 14 de maio de 2019.

Verbete: Alcindo de Azevedo Sodré. **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** In: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/adasodre.html>> Acesso em 28 de maio de 2019.

Verbete: Gustavo Barroso. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. **FGV CPDOC.** In: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/gustavo_barroso> Acesso em: 23 de abril de 2019.

Verbete: Oliveira Viana. **Academia Brasileira de Letras.** In: <<http://www.academia.org.br/academicos/oliveira-viana/biografia>>. Acesso em 14 de maio de 2019

Verbete: Partido Comunista Brasileiro (PCB). **FGV CPDOC.** In: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>> Acesso em 14 de maio de 2019.

Verbete: Rodolfo Garcia. **Academia Brasileira de Letras.** In: <<http://www.academia.org.br/academicos/rodolfo-garcia/biografia>>. Acesso em 14 de maio de 2019.

Verbete: Rodrigo Melo Franco de Andrade. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** In: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/173>> Acesso em 04 de dezembro de 2019.

Verbete: Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. **Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.** USP. In: <<http://historia.fflch.usp.br/ulpiano-toledo-bezerra-de-meneses>> Acesso em 04 de dezembro de 2019.

WALTER Zanini. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa547/walter-zanini>>. Acesso em: 07 de Janeiro de 2020. Verbete da Enciclopédia.